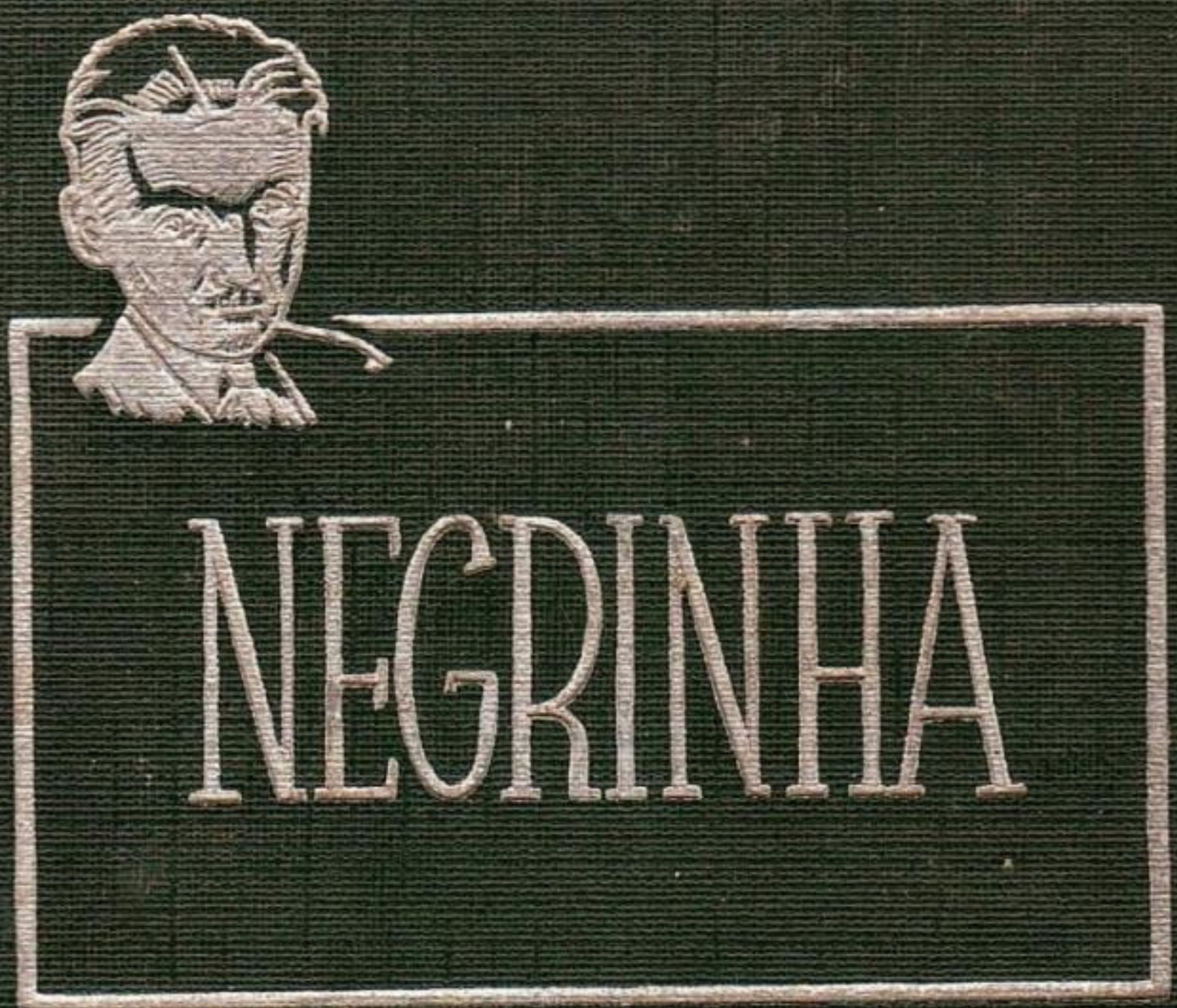

NEGRINHA

Rogério Castelo

25/08/2016

OBRAS COMPLETAS
DE
MONTEIRO LOBATO
EM 30 VOLUMES

★

1.ª Série — LITERATURA GERAL
(13 volumes)

VOL.
1 — Urupês
2 — Cidades Mortas
3 — Negrinha
4 — Idéias de Jeca Tatu
5 — A Onda Verde e O Presidente Negro
6 — Na Antevéspera
7 — O Escândalo do Petróleo e Ferro
8 — Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital
9 — América
10 — Mundo da Lua e Miscelânea
11 — A Barca de Gleyre — 1.º Tomo
12 — A Barca de Gleyre — 2.º Tomo
13 — Prefácios e Entrevistas

2.ª Série — LITERATURA INFANTIL
(17 volumes)

VOL.
1 — Reinações de Narizinho
2 — Viagem ao Céu e O Saci
3 — Caçadas de Pedrinho e Hans Staden
4 — História do Mundo para as Crianças
5 — Memórias da Emília e Peter Pan
6 — Emília no País da Gramática e Aritmética da Emília
7 — Geografia de Dona Benta
8 — Serões de Dona Benta e História das Invenções
9 — D. Quixote das Crianças
10 — O Poço do Visconde
11 — Histórias de Tia Nastácia
12 — O Picapau Amarelo e A Reforma da Natureza
13 — O Minotauro
14 — A Chave do Tamanho
15 — Fábulas e Histórias Diversas
16 — Os Doze Trabalhos de Hércules — 1.º Tomo
17 — Os Doze Trabalhos de Hércules — 2.º Tomo

EDITÔRA BRASILIENSE LTDA.
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 93 — S. PAULO

NEGRINHA

DIREITOS RESERVADOS PELA
EDITÔRA BRASILIENSE LTDA.
SÃO PAULO

7.ª edição de "Negrinha" publicada na 1.ª Série das "Obras Completas de Monteiro Lobato."

OBRAS COMPLETAS DE MONTEIRO LOBATO
1.ª Série ★ LITERATURA GERAL ★ *Vol. 3*

Monteiro Lobato

NEGRINHA

1956

EDITÔRA BRASILIENSE LTDA.

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 93 — S. PAULO

ÍNDICE

Nota dos Editores VII

NEGRINHA

Negrinha 3
As fitas da vida 13
O drama da geada 21
Bugio moqueado 31
O jardineiro Timoteo 41
O fisco 53
Os negros 67
Barba Azul 109
O colocador de pronomes 117
Uma historia de mil anos 135
Os pequeninos 145
A facada imortal 159
A policitemia de Dona Lindoca 173
Duas cavalgaduras 189
O bom marido 201
Marabá 217
Fatia de vida 235
A morte do camicego 245
"Quero ajudar o Brasil" 251
Sorte grande 259
Dona Expedita 273
Herdeiro de si mesmo 285

Notas dos Editores

Aparecem neste volume talvez os melhores contos de Monteiro Lobato. A critica e o publico deram a "Negrinha" um lugar de grande relevo em sua obra; é de todos os seus contos o que mais emociona. "O Jardineiro Timoteo" tambem disputa um primeiro lugar, e em "O Colocador de Pronomes" João Ribeiro via uma das coisas mais engenhosas ainda escritas em nossa lingua. Esses contos e outros são da atormentada fase de Lobato antes de sua saida do Brasil; mas o volume se completa com mais meia duzia de contos primorosos, os ultimos que escreveu depois do regresso — e entre eles "A Facada Imortal" parece ser a obra-prima.

Para muitos meticulosos conhecedores da obra de Lobato é esse conto o mais perfeito e curioso de quantos sairam de sua imaginação. Tema dos mais simples: uma "facada" que Indalicio deu em seu companheiro de roda Raul — mas o que Lobato soube bordar em torno disso, a finura daquele jogo de psicologia, a elegancia daquela filosofia de "mordedor", fica em posição impar em nossas letras.

Em quasi todos os contos de Monteiro Lobato havia uma razão de ser, ou houve uma razão para escreve-los. Muitas vezes disse ele aos amigos: "O meu melhor livro seria o em que eu contasse como e por que escrevi meus contos, um por um; a historia deles é melhor que eles". A "Facada Imortal" foi escrita por uma razão sentimental: para dar uma pequena alegria a Raul de Freitas, o Raul do conto. E na longa doença de Raul de Freitas talvez tenha sido o conto de Lobato a melhor injeção de morfina que lhe proporcionaram...

NEGRINHA (1)

---

(1) A primeira edição de NEGRINHA (1920) era composta dos seguintes contos: *Negrinha, Fitas da Vida, O Drama da Geada, O Bugio Moqueado, O Jardineiro Timoteo, O Colocador de Pronomes.*

Negrinha

Negrinha era uma pobre orfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no ceu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigario, dando audiencias, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — "dama de grandes virtudes apostolicas, esteio da religião e da moral", dizia o reverendo.

Otima, a dona Inacia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viuva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e porisso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boqui-

nha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

— Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quasi sempre, ou frio, desses que entanguem pés e mãos e fazem-n'os doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Orfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quasi não andava. Com pretexto de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

— Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relogio batia uma, duas, tres, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento ve-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante.

Puseram-na depois a fazer croché, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim.

Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa ruim,

lixo — não tinha conta o numero de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi *bubonica*. A epidemia andava na bérra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida — nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cócres e beliscões a mesma atração que o imã exerce para o aço. Mão em cujos nós de dedos comichasse um cócre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e vêr a careta...

A excelente dona Inacia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fôra senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecencia de negro igual a branco e qualquer coisinha: a policia! "Qualquer coisinha": uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho (1) porque disse: "Como é ruim, a sinhá!"...

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remedio para os frenesis. Inocente derivativo.

— Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cócres bem fincados!...

---

(1) Surra de chicote durante nove dias.

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miuda, os niqueis da crueldade. Cócres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no côco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha a torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma — divertidissimo! A vara de marmelo, flexivel, cortante: para "doer fino" nada melhor!

Era pouco, mas antes isso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o figado e matar as saudades do bom tempo. Foi assim com aquela historia do ovo quente.

Não sabem? Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela vinha guardando para o fim. A criança não sofreou a revolta — atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

— "Peste?" Espere aí! Você vai ver quem é peste — e foi contar o caso á patroa.

Dona Inacia estava azeda, necessitadissima de derivativos. Sua cara iluminou-se.

— Eu curo ela! disse — e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

— Traga um ovo.

Veiu o ovo. Dona Inacia mesma pô-lo na agua a ferver; e de mãos á cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, á espera. Seus olhos

contentes envolviam a misera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava tremula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

— Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

— Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da agua "pulando" o ovo e *zás*! na boca da pequena. E antes que o urro de dôr saisse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?

E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, afim de receber o vigario que chegava.

— Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre orfã, filha da Cesaria — mas que trabalheira me dá!

— A caridade é a mais bela das virtudes cristãs, minha senhora, murmurou o padre.

— Sim, mas cansa...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A boa senhora suspirou resignadamente.

— Inda é o que vale...

Certo dezembro vieram passar as ferias com *Santa* Inacia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Do seu canto na sala do trono Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do ceu — alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de ve-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

- Mas abriu a boca: a sinhá ria-se tambem... Que? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o ceu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veiu para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos o som cruel de todos os dias: "Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga?"

Com lagrimas dolorosas, menos de dor fisica que de angustia moral — sofrimento novo que se vinha acrescer aos já conhecidos — a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre.

— Quem é, titia? perguntou uma das meninas, curiosa.

— Quem ha de ser? disse a tia num suspiro de vitima. Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma orfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí afora.

"Brinquem!" Brincar! Como seria bom brincar! — refletiu com suas lagrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.

Chegaram as malas e logo,

— Meus brinquedos! reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos.

Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava "mãmã"... que dormia...

Era de extase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

— É feita?... perguntou extasiada.

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criaturinha de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem animo de pega-la.

As meninas admiraram-se daquilo.

— Nunca viu boneca?

— Boneca? repetiu Negrinha. Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! disseram. E você como se chama?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o extase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca:

— Pegue!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, com o coração aos pinotes. Que aventura, santo Deus! Seria possivel? Depois, pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor Menino, sorria para ela

e para as meninas, com assustados relanços d'olhos para a porta. Fora de si, literalmente... Era como se penetrara no ceu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inacia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena.

Mas era tal a alegria das hospedes ante a surpresa extatica de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.

Ao percebe-la na sala Negrinha havia tremido, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipoteses de castigos ainda peores. E incoerciveis lagrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveiu foi a coisa mais inesperada do mundo — estas palavras, as primeiras que ela ouviu, doces, na vida:

— Vão todas brincar no jardim, e vá você tambem, mas veja lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu.

Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada carinha...

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos á vida da mulher: o momento da boneca — preparatorio, e o momento dos filhos — definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada á altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e d'ora avante ser-lhe-ia impossivel viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!

Assim foi — e essa consciencia a matou.

Terminadas as ferias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

Dona Inacia, pensativa, já a não atenazava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.

Negrinha, não obstante, caira numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostalgicos, cismarentos.

Aquele dezembro de ferias, luminosa rajada de ceu trevas a dentro do seu doloroso inferno, envenenara-a.

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mãmã, a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se de alma.

Morreu na esteirinha rôta, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguem morreu com maior beleza. O delirio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azues. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa fa-

randola do ceu. Sentia-se agarrada por aquelas mãosinhas de louça — abraçada, rodopiada.

Veiu a tontura; uma nevoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela ultima vez o cuco lhe apareceu de boca aberta.

Mas, imovel, sem ruflar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miseria, trinta quilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma comica, na memoria das meninas ricas.

— "Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?"

Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inacia.

— "Como era boa para um cócre!..."

1923

As fitas da vida (1)

Perambulavamos ao sabor da fantasia, noite a dentro, pelas ruas feias do Braz, quando nos empolgou a silhueta escura duma pesada mole tijolacea, com aparencia de usina vazia de maquinismos.

— Hospedaria dos Imigrantes, informa o meu amigo.

— É aqui então...

Paramos a contempla-la. Era ali a porta do Oeste Paulista, essa Canaã em que o ouro espirra do solo, era ali a antessala da Terra Roxa — essa California do rubidio, oasis côr de sangue coalhado onde cresceu a arvore do Brasil de amanhã, uma coisa um pouco diferente do Brasil de ontem, luso e perro; era ali o ninho da nova raça, liga, amalgama, justaposição de elementos etnicos que temperam o néo-bandeirante industrial, anti-jéca. anti-modorra, vencedor da vida á moda americana.

Onde pairam os nossos Walt Whitmans, que não vêm estes aspectos do país e os não põem em cantos? Que cronica, que poema não daria aquela casa da Esperança e do Sonho! Por ela passaram milhares de criaturas humanas, de todos os paises e de todas as raças, miseraveis, sujas, com o estigma das privações impresso nas faces — mas refloridas de esperança ao calor do

---

(1) Na 1.ª edição o titulo deste conto era simplesmente "FITAS DA VIDA".

grande sonho da America. No fundo, herois, porque só os herois esperam e sonham.

Emigrar: não pode existir fortaleza maior. Só os fortes atrevem-se a tanto. A miseria do torrão natal cansa-os e eles se atiram á aventura do desconhecido, fiando na paciencia dos musculos a vitoria da vida. E vencem.

Ninguem ao ve-los na Hospedaria, promiscuos, humildes, quasi muçulmanos na surpresa da terra estranha, imagina o potencial da força neles acumulado, á espera de ambiente propicio para explosões magnificas.

Cerebro e braço do progresso americano, gritam o Sézamo ás nossas riquezas adormidas. Estados Unidos, Argentina, S. Paulo devem dois terços do que são a essa varredura humana, trazida a granel para aterrar os vazios demograficos das regiões novas. Mal cai no solo novo, transforma-se, floresce, dá de si a apojadura farta com que se aleita a Civilização.

Aquela Hospedaria... Casa do Amanhã, corredor do futuro...

Por ali desfilam. inconcientes, os formadores duma raça nova.

— Dei-me com um antigo diretor desta almanjarra, disse o meu companheiro, ao qual ouvi muita coisa interessante acontecida cá dentro. Sempre que passo por esta rua, avivam-se-me na memoria varios episodios sugestivos, e entre eles um, romantico, patetico, que até parece arranjo para terceiro ato de dramalhão lacrimogenio. O romantismo, meu caro, existe na natureza, não é invenção dos Hugos; e agora que se fez cinema, posso

assegurar-te que muitas vezes a vida plagía o cinema escandalosamente.

Foi em 1906, mais ou menos. Chegara do Ceará, então flagelado pela seca, uma leva de retirantes com destino á lavoura de café, na qual havia um cego, velho de mais de sessenta anos. Na sua categoria dolorosa de indesejavel, por que cargas d'agua dera com os costados aqui? Erro de expedição, evidentemente. Retirantes que emigram não merecem grande cuidado dos prepostos ao serviço. Vêm a granel, como carga incomoda que entope o navio e cheira mal. Não são passageiros, mas fardos de couro vivo com carne magra por dentro, a triste carne de trabalho, irmã da carne de canhão.

Interpelado o cego por um funcionario da Hospedaria, explicou sua presença por engano de despacho. Destinavam-no ao Asilo dos Invalidos da Patria, no Rio, mas pregaram-lhe ás costas a papeleta do "Para o eito" e lá veiu. Não tinha olhos para guiar-se, nem teve olhos alheios que o guiassem. Triste destino o dos cacos de gente...

— Por que para o Asilo dos Invalidos? perguntou o funcionario. É voluntario da Patria?

— Sim, respondeu o cego, fiz cinco anos de guerra no Paraguai e lá apanhei a doença que me pôs a noite nos olhos. Depois que ceguei caí no desamparo. Para que presta um cego? Um gato sarnento vale mais.

Pausou uns instantes, revirando nas orbitas os olhos esbranquiçados. Depois:

— Só havia no mundo um homem capaz de me socorrer: o meu capitão. Mas, esse, perdi-o de vista. Se o encontrasse — tenho a certeza! — até os olhos me era

ele capaz de reviver. Que homem! Minhas desgraças todas vêm de eu ter perdido meu capitão...

— Não tem familia?

— Tenho uma menina — que não conheço. Quando veiu ao mundo, já meus olhos eram trevas.

Baixou a cabeça branca, como tomado de subita amargura.

— Daria o que me resta de vida para ve-la um instantinho só. Se o meu capitão...

Não concluiu. Percebera que o interlocutor já estava longe, atendendo ao serviço, e ali ficou, imerso na tristeza infinita da sua noite sem estrelas.

O incidente, entretanto, impressionara o funcionario, que o levou ao conhecimento do diretor. O diretor da Imigração era nesse tempo o major Carlos, nobre figura de paulista dos bons tempos, providencia humanizada daquele departamento. Ao saber que o cego fôra um soldado de 70, interessou-se e foi procura-lo. Encontrou-o imovel, imerso no seu eterno cismar.

— Então, meu velho, é verdade que fez a campanha do Paraguai?

O cego ergueu a cabeça, tocado pela voz amiga.

— Verdade, sim, meu patrão. Fui soldado do 33.

— O 33 de S. Paulo? Como isso, se você é do norte? objetou o major.

— Verdade sim, patrão. Vim no 13, e logo depois de chegar ao imperio do Lopes entrei em fogo. Tivemos má sorte. Na batalha de Tuiuti nosso batalhão foi dizimado como milharal em tempo de chuva de pedra. Salvamo-nos eu e mais um punhado de camaradas. Fo-

mos incorporados ao 33 paulista para preenchimento dos claros, e nele fiz o resto da campanha.

O major Carlos tambem era veterano do Paraguai, e por coincidencia servira no 33. Interessou-se, pois, vivamente pela historia do cego, pondo-se a interroga-lo a fundo.

— Quem era o seu capitão?

O cego suspirou.

— Meu capitão era um homem que se eu o encontrasse de novo até a vista me era capaz de dar! Mas não sei dele, perdi-o — para mal meu...

— Como se chamava?

— Capitão Boucault.

Ao ouvir esse nome o major sentiu eletrizarem-se-lhe as carnes num arrepio intenso; dominou-se, porém, e prosseguiu:

— Conheci esse capitão. Foi meu companheiro de regimento. Mau homem, por sinal, duro para com os soldados, grosseiro...

O cego, até ali vergado na atitude humilde do mendigo, ergueu altivamente o busto e, com indignação a fremir na voz, disse com firmeza:

— Pare aí! Não blasfeme! O capitão Boucault era o mais leal dos homens, amigo, pai do soldado. Perto de mim ninguem o insulta. Conheci-o em todos os momentos, acompanhei-o durante anos como sua ordenança e nunca o vi praticar o menor ato de vileza.

O tom firme do cego comoveu estranhamente o major. A miseria não conseguira romper no velho soldado as fibras da lealdade, e não ha espetaculo mais arrebatador do que o de uma lealdade assim vivedoira até aos

limites extremos da desgraça. O major, quasi rendido, sobresteve-se por um instante. Depois, friamente, prosseguiu na experiencia.

— Engana-se, meu caro. O capitão Boucault era um covarde...

Um assomo de colera transformou as feições do cego. Seus olhos anuviados pela catarata revolveram-se nas orbitas, num horrivel esforço para ver a cara do infame detrator. Seus dedos crisparam-se; todo ele se retesou, como fera prestes a desferir o bote. Depois, sentindo pela primeira vez em toda a plenitude a infinita fragilidade dos cegos, recaiu em si, esmagado. A colera transfez-se-lhe em dor, e a dor assomou-lhe aos olhos sob forma de lagrimas. E foi lacrimejando que murmurou em voz apagada:

— Não se insulta assim um cego...

Mal pronunciara estas palavras, sentiu-se apertado nos braços do major, tambem em lagrimas, que dizia:

— Abrace, amigo, abrace o seu velho capitão! Sou eu o antigo capitão Boucault...

Na incerteza, aparvalhado ante o imprevisto desenlace e como receoso de insidia, o cego vacilava.

— Duvida? exclamou o major. Duvida de quem o salvou a nado na passagem do Tebiquari?

Áquelas palavras magicas a identificação se fez e, esvanecido de duvidas, chorando como criança, o cego abraçou-se com os joelhos do major Carlos Boucault, a exclamar num desvario:

— Achei meu capitão! Achei meu pai! Minhas desgraças se acabaram!...

E acabaram-se de fato.

Metido num hospital sob os auspicios do major, lá sofreu a operação da catarata e readquiriu a vista.

Que impressão a sua, quando lhe tiraram a venda dos olhos! Não se cansava de "Vêr", de matar as saudades da retina. Foi á janela e sorriu para a luz que inundava a natureza. Sorriu para as arvores, para o ceu, para as flores do jardim. Ressurreição!...

— Eu bem dizia! exclamava a cada passo, eu bem dizia que se encontrasse o meu capitão estava findo o meu martirio. Posso agora ver minha filha! Que felicidade, meu Deus!...

E lá voltou para a terra dos verdes mares bravios onde canta a jandaia. Voltou a nado — nadando em felicidade. A filha, a filha!...

— Eu não dizia? Eu não dizia que se encontrasse o meu capitão até a luz dos olhos me havia de voltar?

1925

O drama da geada

Junho. Manhã de neblina. Vegetação entanguida de frio. Em todas as folhas o recamo de diamantes com que as adereça o orvalho.

Passam colonos para a roça, retransidos, deitando fumaça pela boca.

Frio. Frio de geada, desses que matam passarinhos e nos põem sorvete dentro dos ossos.

Saimos cedo a ver cafezais, e ali paramos, no viso do espigão, ponto mais alto da fazenda. Dobrando o joelho sobre a cabeça do socado, o major voltou o corpo para o mar de café aberto ante nossos olhos e disse num gesto amplo:

— Tudo obra minha, veja!

Vi. Vi e compreendi-lhe o orgulho, sentindo-me orgulhoso tambem de tal patricio. Aquele desbravador de sertões era uma força criadora, dessas que enobrecem a raça humana.

— Quando adquiri esta gleba, disse ele, tudo era mata virgem, de ponta a ponta. Rocei, derrubei, queimei, abri caminhos, rasguei valos, estiquei arame, construi pontes, ergui casas, arrumei pastos, plantei café — fiz tudo. Trabalhei como negro cativo durante quatro anos. Mas venci. A fazenda está formada, veja.

Vi. Vi o mar de café ondulando pelos seios da terra, disciplinado em fileiras de absoluta regularidade. Nem uma falha! Era um exercito em pé de guerra. Mas bisonho ainda. Só no ano vindouro entraria em campanha. Até ali, os primeiros frutos não passavam de escaramuças de colheita. E o major, chefe supremo do verde exercito por ele criado, disciplinado, preparado para a batalha decisiva da primeira safra grande, a que liberta o fazendeiro dos onus da formação, tinha o olhar orgulhoso dum pai diante de filhos que não mentem á estirpe.

O fazendeiro paulista é alguma coisa séria no mundo. Cada fazenda é uma vitoria sobre a fereza retratil dos elementos brutos, coligados na defesa da virgindade agredida. Seu esforço de gigante paciente nunca foi cantado pelos poetas, mas muita epopeia ha por aí que não vale a destes herois do trabalho silencioso. Tirar uma fazenda do nada é façanha formidavel. Alterar a ordem da natureza, vence-la, impor-lhe uma vontade, canalizar-lhe as forças de acordo com um plano pre-estabelecido, dominar a replica eterna do mato daninho, disciplinar os homens da lida, quebrar a força das pragas... — batalha sem treguas, sem fim, sem momento de repouso e, o que é peor, sem certeza plena da vitoria. Colhe-a muitas vezes o credor, um onzeneiro que adiantou um capital cavissimo e ficou a seu salvo na cidade, de cocoras num titulo de hipoteca, espiando o momento oportuno para cair sobre a presa como um gavião.

— Realmente, major, isto é de enfunar o peito! É diante de espetaculos destes que vejo a mesquinharia

dos que lá fora, comodamente, parasitam o trabalho do agricultor.

— Diz bem. Fiz tudo, mas o lucro maior não é meu. Tenho um socio voraz que me lambe, ele só, um quarto da produção: o governo. Sangram-na depois as estradas de ferro — mas destas não me queixo perque dão muita coisa em troca. Já não digo o mesmo dos tubarões do comercio, esse cardume de intermediarios que começa ali em Santos, no zangão, e vai numa cadeia até ao torrador americano. Mas não importa! O café dá para todos, até para a besta do produtor... concluiu, pilheriando.

Tocamos os animais a passo, com os olhos sempre presos ao cafezal intermino. Sem um defeito de formação, as paralelas de verdura ondeavam, acompanhando o relevo do solo, até se confundirem ao longe em massa uniforme. Verdadeira obra d'arte em que, sobrepondo-se á natureza, o homem lhe impunha o ritmo da simetria.

— No entanto, continuou o major, a batalha ainda não está ganha. Contraí dividas; a fazenda está hipotecada a judeus franceses. Não venham colheitas fartas e serei mais um vencido pela fatalidade das coisas. A natureza depois de subjugada é mãe; mas o credor é sempre carrasco...

A espaços, perdidas na onda verde, perobeiras sobreviventes erguiam fustes contorcidos, como galvanizadas pelo fogo numa convulsão de dôr. Pobres arvores! Que destino triste verem-se um dia arrancadas á vida em comum e insuladas na verdura rastejante do café, como rainhas prisioneiras á cola de um carro de triunfo! Orfãs da mata nativa, como não hão de chorar o con-

chego de outrora? Vêde-as. Não têm o desgarre, o frondoso de copa das que nascem em campo aberto. Seu engalhamento, feito para a vida apertada da floresta, parece agora grotesco; sua altura desmesurada, em desproporção com a fronde, provoca o riso. São mulheres despidas em publico, hirtas de vergonha, não sabendo que parte do corpo esconder. O excesso de ar as atordoa, o excesso de luz as martiriza — afeitas que estavam ao espaço confinado e á penumbra sonolenta do *habitat*.

Fazendeiros desalmados — não deixeis nunca arvores pelo cafezal... Cortai-as todas, que nada mais pungente do que forçar uma arvore a ser grotesca.

— Aquela perobeira ali, disse o major, ficou para assinalar o ponto de partida deste talhão. Chama-se a peroba do Ludgero, um baiano valente que morreu ao pé dela estrepado numa jissara...

Tive a visão do livro aberto que seriam para o fazendeiro aquelas paragens.

— Como tudo aqui lhe ha-de falar á memoria, major!

— É isso mesmo. Tudo me fala á recordação. Cada tôco de pau, cada pedreira, cada volta de caminho tem uma historia que sei, tragica ás vezes, como essa da peroba, ás vezes comica — pitoresca sempre. Ali... — está vendo aquele tôco de jerivá? Foi por uma tempestade de fevereiro. Eu abrigara-me num rancho coberto de sapé, e lá em silencio esperavamos, eu e a turma, o fim do diluvio, quando estalou um raio quasi em cima das nossas cabeças.

— "Fim do mundo, patrão!" lembro-me que disse, numa careta de pavor, o defunto Zé Coivara... E pa-

recia!... Mas foi apenas o fim de um velho coqueiro, do qual resta hoje — *sic transit*... esse pobre tôco... Cessada a chuva, encontramo-lo desfeito em ripas.

Mais adiante abria-se a terra em bossoroca vermelha, esbarrondada em coleios até morrer no corrego. O major apontou-a, dizendo:

— Cenario do primeiro crime cometido na fazenda. Rabo de saia, já se sabe. Nas cidades e na roça, pinga e saia são o movel de todos os crimes. Esfaquearam-se aqui dois cearenses. Um acabou no lugar; outro cumpre pena na correição. E a saia, muito contente da vida, mora com o *tertius*. A historia de sempre.

E assim, de evocação em evocação, ás sugestões que pelo caminho iam surgindo, chegamos á casa de moradia, onde nos esperava o almoço. Almoçamos, e não sei se por boa disposição criada pelo passeio matutino ou por merito excepcional da cozinheira, o almoço desse dia ficou-me na memoria gravado para sempre. Não sou poeta, mas se Apolo algum dia me der na cabeça o estalo do padre Vieira, juro que antes de cantar Lauras e Natercias hei-de fazer uma beleza de ode á linguiça com angú de fubá vermelho desse almoço sem par, unica saudade gustativa com que descerei ao tumulo...

Em seguida, enquanto o major atendia á correspondencia, saí a espairecer pelo terreiro, onde me pus de conversa com o administrador. Soube por ele da hipoteca que pesava sobre a fazenda e da possibilidade de outro, não o major, vir a colher o fruto do penoso trabalho.

— Mas isso, esclareceu o homem, só no caso de

muito azar — chuva de pedra ou geada, daquelas que não vêm mais.

— Que não vêm mais, por que?

— Porque a ultima geada grande foi em 1895. Daí para cá as coisas endireitaram. O mundo, com a idade, muda, como a gente. As geadas, por exemplo, vão-se acabando. Antigamente ninguem plantava café onde o plantamos hoje. Era só de meio morro acima. Agora não. Viu aquele cafezal do meio? Terra bem baixa; no entanto, se bate geada ali é sempre coisinha — um tostado leve. De modo que o patrão, com uma ou duas colheitas, paga a divida e fica o fazendeiro mais "prepotente" do municipio.

— Assim seja, que grandemente o merece, rematei.

Deixei-o. Dei umas voltas, fui ao pomar, estive no chiqueiro vendo brincar os leitõesinhos e depois subi. Estava um preto dando nas venezianas da casa a ultima demão de tinta. Por que será que as pintam sempre de verde? Incapaz por mim de solver o problema, interpelei o preto, que não se embaraçou e respondeu sorrindo:

— Pois veneziana é verde como o ceu é azul. É da natureza dela...

Aceitei a teoria e entrei.

Á mesa a conversa girou em torno da geada.

— É o mês perigoso este, disse o major. O mês da aflição. Por maior firmeza que tenha um homem, treme nesta epoca. A geada é um eterno pesadelo. Felizmente a geada não é mais o que era dantes. Já nos permite aproveitar muita terra baixa em que os antigos nem por sombras plantavam um só pé de café.

Mas, apesar disso, um que facilitou, como eu, está sempre com a pulga atrás da orelha. Virá? Não virá? Deus sabe!...

Seu olhar mergulhou pela janela, numa sondagem profunda ao ceu limpido.

— Hoje, por exemplo, está com jeito. Este frio fino, este ar parado...

Ficou a cismar uns momentos. Depois, espantando a nuvem, murmurou:

— Não vale a pena pensar nisto. O que tem de ser lá está gravado no livro do destino.

— Livra-te dos ares!... objetei.

— Cristo não entendia de lavoura, replicou o fazendeiro sorrindo.

E a geada veiu! Não geadinha mansa de todos os anos, mas calamitosa, geada ciclica, trazida em ondas do sul.

O sol da tarde, mortiço, dera uma luz sem luminosidade, e raios sem calor nenhum. Sol boreal, tiritante. E a noite caira sem preambulos.

Deitei-me cedo, batendo o queixo, e na cama, apesar de enleado em dois cobertores, permaneci entanguido uma boa hora antes que ferrasse no sono. Acordou-me o sino da fazenda, pela madrugada. Sentindo-me enregelado, com os pés a docrem, ergui-me para um exercicio violento. Fui para o terreiro.

O relento estava de cortar as carnes — mas que maravilhoso espetaculo! Brancuras por toda parte. Chão, arvores, gramados e pastos eram, de ponta a ponta, um só atoalhado branco. As arvores imoveis, inteiriçadas de frio, pareciam emersas dum banho de cal.

Rebrilhos de gelo pelo chão. Aguas envidradas. As roupas dos varais, tesas, como endurecidas em goma forte. As palhas do terreiro, os sabugos de ao pé do cocho, a telha dos muros, o topo dos moirões, a vara das cercas, o rebordo das tabuas — tudo polvilhado de brancuras, lactescentes, como chovido por um saco de farinha. Maravilhoso quadro! Invariavel que é a nossa paisagem, sempre nos mansos tons do ano inteiro, encantava sobremodo ve-la subito mudar, vestir-se dum esplendoroso veu de noiva — noiva da morte, ai!...

Por algum tempo caminhei a esmo, arrastado pelo esplendor da cena. O maravilhoso quadro de sonho breve morreria, apagado pela esponja de ouro do sol. Já pelos topes e faces de batedeira andavam-lhe os raios na faina de restaurar a verdura. Abriam manchas no branco da geada, dilatavam-nas, entremostrando nesgas do verde submerso.

Só nas baixadas, encostas noruegas ou sitios sombreados pelas arvores, é que a brancura persistia ainda, contrastando sua nitida frialdade com os tons quentes ressurretos. Vencera a vida, guiada pelo sol. Mas a intervenção do fogoso Febo, apressada demais, transformara em desastre horroroso a nevada daquele ano — a maior de quantas deixaram marca nas embaubeiras de São Paulo.

A ressurreição do verde fôra aparente. Estava morta a vegetação. Dias depois, por toda parte, a vestimenta do solo seria um burel imenso, com a sepia a mostrar a gama inteira dos seus tons ressecos. Pontilha-lo-ia apenas, cá e lá, o verde-negro das laranjeiras e o esmeraldino sem-vergonha da vassourinha.

Quando regressei, sol já alto, estava a casa retransida do pavor das grandes catastrofes. Só então me acudiu que o belo espetaculo que eu até ali só encarara pelo prisma estetico tinha um reverso tragico: a ruina do heroico fazendeiro. E procurei-o ansioso.

Tinha sumido. Passara a noite em claro, disse-me a mulher: de manhã, mal clareara, fôra para a janela e lá permanecera imovel, observando o ceu através dos vidros. Depois saira sem ao menos pedir o café, como de costume. Andava a examinar a lavoura, provavelmente.

Devia ser isso. Mas como tardasse a voltar — onze horas e nada — a familia entrou-se de apreensões.

Meio dia. Uma hora, duas, tres e nada.

O administrador, que a mandado da mulher saíra a procura-lo, voltou á tarde sem noticias.

— Bati tudo e nem rasto. Estou com medo dalguma coisa... Vou espalhar gente por aí, á cata.

D. Ana, inquieta, de mãos enclavinhadas, só dizia uma coisa:

— Que será de nós, santo Deus! Quincas é capaz duma loucura...

— Pus-me em campo tambem, em companhia do capataz. Corremos todos os caminhos, varejamos grotas em todas as direções — inutilmente.

Caíu a tarde. Caíu a noite — a noite mais lugubre de minha vida — noite de desgraça e aflição.

Não dormi. Impossivel conciliar o sono naquele ambiente de dor, sacudido de choro e soluços.

Certa hora os cães latiram no terreiro, mas silenciaram logo.

Rompeu a manhã, glacial como a da vespera. Tudo apareceu geado novamente.

Veiu o sol. Repetiu-se a mutação da cena. Esvaiu-se a alvura, e o verde morto da vegetação envolveu a paisagem num sudario de desalento.

Em casa repetiu-se o corre-corre do dia anterior — o mesmo vai-e-vem, o mesmo "quem sabe?", as mesmas pesquisas inuteis.

Á tarde, porém — tres horas — um camarada apareceu esbaforido, gritando de longe, no terreiro:

— Encontrei! Está perto da bossoroca!...

— Vivo? perguntou o capataz.

— Vivo, sim, mas...

D. Ana surgira á porta e ao ouvir a boa nova exclamou, chorando e sorrindo:

— Bendito sejas, meu Deus!...

Minutos depois partimos todos de rumo á bossoroca e a cem passos dela avistamos um vulto ás voltas com os cafeeiros requeimados. Aproximamo-nos. Era o major. Mas em que estado! Roupa em tiras, cabelos sujos de terra, olhos vitreos e desvairados. Tinha nas mãos uma lata de tinta e uma brocha — brocha do pintor que andava a olear as venezianas. Compreendi o latido dos cães á noite...

O major não se deu conta da nossa chegada. Não interrompeu o serviço: *continuou a pintar, uma a uma, do risonho verde esmeraldino das venezianas, as folhas requeimadas do cafezal morto...*

D. Ana, estarrecida, entreparou atonita. Depois, compreendendo a tragedia, rompeu em chôro convulso.

1919

Bugio moqueado [1]

— *Uno*!

Ugarte...

— *Dos*!

Adriano...

— *Cinco*...

Vilabona...

— ...

Má colocação! Minha pule é a 32 e já de saida o azar me põe na frente Ugarte... Ugarte é furão. Na quiniela anterior foi quem me estragou o jogo. Querem ver que tambem me estraga nesta?

— *Mucho*, Adriano!

Qual Adriano, qual nada! Não escorou o saque, e lá está Ugarte com um ponto já feito. Entra Genúa agora? Ah, é outro ponto seguro para Ugarte. Mas quem sabe se com uma torcida...

— *Mucho*, Genúa!

Raio de azar! Genúa "malou" no saque. Entra agora Melchior... Este Melchior ás vezes faz o diabo. Bravos! Está aguentando... Isso, rijo! Uma corta-dinha agora! *Buena*! *Buena*! Outra agora... Oh!... Deu na lata! Incrivel...

---

(1) Na 1.ª edição de Negrinha este conto aparece com o titulo "O BUGIO MOQUEADO".

Se o leitor desconhece o jogo da pelota em cancha publica — Frontão da Bôa-Vista, por exemplo, nada pescará desta giria, que é na qual se entendem todos os aficionados que jogam em pules ou "torcem".

Eu jogava, e portanto falava e pensava assim. Mas como vi meu jogo perdido, desinteressei-me do que se passava na cancha e pus-me a ouvir a conversa de dois sujeitos velhuscos, sentados á minha esquerda.

"... coisa que você nem acredita, dizia um deles. Mas é verdade pura. Fui testemunha, vi! Vi a martir, branca que nem morta, diante do horrendo prato..."

"Horrendo prato?" Aproximei-me dos velhos um pouco mais e pus-me de ouvidos alerta.

— "Era longe a tal fazenda, continuou o homem. Mas lá em Mato-Grosso tudo é longe. Cinco leguas é "ali", com a ponta do dedo. Este troco miudo de quilometros, que vocês usam por cá, em Mato-Grosso não tem curso. É cada estirão!...

"Mas fui ver o gado. Queria arredondar uma ponta para vender em Barretos, e quem me tinha os novilhos nas condições requeridas, de idade e preço, era esse coronel Teotonio, do Tremedal.

"Encontrei-o na mangueira, assistindo á domação dum potro — zaino, ainda me lembro... E, palavra d'honra! não me recordo de ter esbarrado nunca tipo mais impressionante. Barbudo, olhinhos de cobra muito duros e vivos, testa entiotada de rugas, ar de carrasco... Pensei comigo: Dez mortes no minimo. Porque lá é assim. Não ha *soldados rasos*. Todo mundo traz *galões*... e aquele, ou muito me enganava ou tinha divisas de general.

"Lembrou-me logo o celebre Panfilo do Rio Verde, um de "doze galões", que "resistiu" ao tenente Galinha e graças a esse benemerito "escumador de sertões" purga a esta hora no tacho de Pedro Botelho os crimes cometidos.

"Mas, importava-me lá a féra! — eu queria gado, pertencesse a Belzebú ou São Gabriel. Expus-lhe o negocio e partimos para o que ele chamava a inverna-da de fóra.

"Lá escolhi o lote que me convinha. Apartamo-lo e ficou tudo assentado.

"De volta do rodeio caia a tarde e eu, almoçado ás oito da manhã e sem café de permeio até aquel'hora, chiava numa das boas fomes da minha vida. Assim foi que, apesar da repulsão inspirada pelo urutú humano, não lhe rejeitei o jantar oferecido.

"Era um casarão sombrio, a casa da fazenda. De poucas janelas, mal iluminado, mal arejado, desagradavel de aspecto, e por isso mesmo toante na perfeição com a cara e os modos do proprietario. Traste que se não parece com o dono é roubado, diz muito bem o povo. A sala de jantar semelhava uma alcova. Além de escura e abafada, rescendia a um cheiro exquisito, nauseante, que nunca mais me saiu do nariz — cheiro assim de carne mofada...

"Sentamo-nos á mesa, eu e ele, sem que viva alma nos surgisse a fazer companhia. E como de dentro não viesse nenhum rumor, conclui que o urutú morava sozinho — solteiro ou viuvo. Interpela-lo? Nem por sombras. A secura e a má cara do facinora não davam azo á minima expansão de familiaridade; e, ou fosse

real ou efeito do ambiente, pareceu-me ele inda mais torvo em casa do que fora em pleno sol.

"Havia na mesa feijão, arroz e lombo, além dum misterioso prato coberto em que se não buliu. Mas a fome é boa cozinheira. Apesar de engulhado pelo bafio a mofo, pus de lado o nariz, achei tudo bom e entrei a comer por dois.

"Correram assim os minutos.

"Em dado momento o urutú, tomando a faca, bateu no prato tres pancadas imperiosas. Chama a cozinheira, calculei eu. Esperou um bocado e, como não apareces-se ninguem, repetiu o apelo com certo frenesi. Atende-ram-no desta vez. Abriu-se devagarinho uma porta e enquadrou-se nela um vulto branco de mulher.

"Sonambula?

"Tive essa impressão. Sem pinga de sàngue no rosto, sem fulgor nos olhos vidrados, cadaverica, dir-se-ia vinda do tumulo naquele momento. Aproximou-se, lenta, com passos de automato, e sentou-se de cabeça baixa.

"Confesso que esfriei. A escuridão da alcova, o ar diabolico do urutú, aquela morta-viva morre-morrendo ą meu lado, tudo se conjugava para arrepiar-me as carnes num calafrio de pavor. Em campo aberto não sou me-droso — ao sol, em luta franca, onde vale a faca ou o 32. Mas escureceu? Entrou em cena o misterio? Ah! — bambeio de pernas e tremo que nem geleia! Foi as-sim naquele dia...

"Mal se sentou a morta-viva, o marido, sorrindo, em-purrou para o lado dela o prato misterioso e destam-pou-o amavelmente. Dentro havia um petisco preto, que

não pude identificar. Ao vê-lo a mulher estremeceu, como horrorizada.

— "Sirva-se!" disse o marido.

Não sei porque, mas aquele convite revelava uma tal crueza que me cortou o coração como navalha de gelo. Pressenti um horror de tragedia, dessas horrorosas tragedias familiares, vividas dentro de quatro paredes, sem que de fóra ninguem nunca as suspeite. Desd'aí nunca ponho os olhos em certos casarões sombrios sem que os imagine povoados de dramas horrendos. Falam-me de hienas. Conheço uma: o homem...

"Como a morta-viva permanecesse imovel, o urutú repetiu o convite em voz baixa, num tom cortante de ferocidade glacial.

— "Sirva-se, faça o favor!" E fisgando ele mesmo a nojenta coisa, colocou-a gentilmente no prato da mulher.

"Novas tremuras agitaram a martir. Seu rosto macilento contorceu-se em esgares e repuxos nervosos, como se o tocasse a corrente eletrica. Ergueu a cabeça, dilatou para mim as pupilas vitreas e ficou assim uns instantes, como á espera dum milagre impossivel. E naqueles olhos de desvario li o mais pungente grito de socorro que jamais aflição humana calou...

"O milagre não veiu — infame que fui! — e aquele lampejo de esperança, o derradeiro, talvez, que lhe brilhou nos olhos, apagou-se num lancinante cerrar de palpebras. Os tiques nervosos diminuiram de frequencia, cessaram. A cabeça descaiu-lhe de novo para o seio;

e a morta-viva, revivida um momento, reentrou na morte lenta do seu marasmo sonambulico.

"Enquanto isso, o urutú espiava-nos de esguelha, e ria-se por dentro venenosamente...

"Que jantar! Verdadeira cerimonia funebre transcorrida num escuro carcere da Inquisição. Nem sei como digeri aqueles feijões!

"A sala tinha tres portas, uma abrindo para a cozinha, outra para a sala de espera, a terceira para a despensa. Com os olhos já afeitos á escuridão, eu divisava melhor as coisas; enquanto aguardavamos o café, corri-os pelas paredes e pelos moveis, distraidamente. Depois, como a porta da despensa estivesse entreaberta, enfiei-os por ela a dentro. Vi lá umas brancuras pelo chão — sacos de mantimento — e, pendurada a um gancho, uma coisa preta que me intrigou. Manta de carne seca? Roupa velha? Estava eu de rugas na testa a decifrar a charada, quando o urutú, percebendo-o, silvou em tom cortante:

— "É curioso? O inferno está cheio de curiosos, moço...

"Vexadissimo, mas sempre em guarda, achei de bom conselho engulir o insulto e calar-me. Calei-me. Apesar disso o homem, depois duma pausa, continuou, entre manso e ironico:

— "Coisas da vida, moço. Aqui a patroa péla-se por um naco de bugio moqueado, e ali dentro ha um para abastecer este pratinho... Já comeu bugio moqueado, moço?

— "Nunca! Seria o mesmo que comer gente...

— "Pois não sabe o que perde!... filosofou ele, como um diabo, a piscar os olhinhos de cobra.

Neste ponto o jogo interrompeu-me a historia. Melchior estava colocado e Gaspar, com tres pontos, sacava para Ugarte. Houve luta; mas um "camarote" infeliz de Gaspar deu o ponto a Ugarte. "Pintou" a pule 13, que eu não tinha. Jogo vai, jogo vem, "despintou" a 13 e deu a 23. Pela terceira vez Ugarte estragava-me o jogo. Quis insistir mas não pude. A historia estava no apogeu e antes "perder de ganhar" a proxima quiniela do que perder um capitulo da tragedia. Fiquei no lugar, muito atento, a ouvir o velhote.

— "Quando me vi na estrada, longe daquele antro, criei alma nova. Fiz cruz na porteira. "Aqui nunca mais! Crédo!" e abri de galopada pela noite a dentro.

"Passaram-se anos.

"Um dia, em Tres Corações, tomei a serviço um preto de nome Zé Esteves. Traquejado da vida e sério, meses depois virava Esteves a minha mão direita. Para um rodeio, para curar uma bicheira, para uma comissão de confiança, não havia outro. Negro quando acerta de ser bom vale por dois brancos. Esteves valia quatro.

"Mas não me bastava. O movimento crescia e ele sozinho não dava conta. Empenhado em descobrir um novo auxiliar que o valesse, perguntei-lhe uma vez:

— Não teria você, por acaso, algum irmão de sua força?

— "Tive, respondeu o preto, tive o Leandro, mas o coitado não existe mais...

— "De que morreu?

— "De morte matada. Foi morto a rabo de tatú... e comido.

— "Comido? repeti com assombro.

— "É verdade. Comido por uma mulher.

A historia complicava-se e eu, aparvalhado, esperei a decifração.

— "Leandro, continuou ele, era um rapaz bem apessoado e bom para todo serviço. Trabalhava no Tremedal, numa fazenda em...

— "... em Mato-Grosso? Do coronel Teotonio?

— "Isso! Como sabe? Ah, esteve lá!... Pois dê graças de estar vivo; que entrar na casa do carrasco era facil, mas sair? Deus me perdoi, mas aquilo foi a maior peste que o raio do diabo do barzabú do canhoto botou no mundo!...

— "O urutú... murmurei recordando-me. Isso mesmo...

— "Pois o Leandro — não sei que intrigante malvado inventou que ele... que ele, com perdão da palavra, andava com a patroa, uma senhora muito alva, que parecia uma santa. O que houve, se houve alguma coisa, Deus sabe. Para mim, tudo foi feitiçaria da Liduina, aquela mulata amiga do coronel. Mas, inocente ou não, o caso foi que o pobre Leandro acabou no tronco, lanhado a chicote. Uma novena de martirio — *lepte lepte*! E pimenta em cima... Morreu. E depois que morreu, foi moqueado.

— "???

— "Pois então! Moqueado, sim, como um bugio. E comido, dizem. Penduraram aquela carne na despensa e todos os dias vinha á mesa um pedacinho para a patroa comer...

Mudei-me de lugar. Fui assistir ao fim da quinie-la a cinquenta metros de distancia. Mas não pude acompanhar o jogo. Por mais que arregalasse os olhos, por mais que olhasse para a cancha, não via coisa nenhuma, e até hoje não sei se deu ou não deu a pule 13...

1925

O jardineiro Timoteo

O casarão da fazenda era ao jeito das velhas moradias coloniais: — frente com varanda, uma ala e patio interno. Neste ficava o jardim, tambem á moda antiga, cheio de plantas antigas cujas flores punham no ar um saudoso perfume d'antanho. Quarenta anos havia que lhe zelava dos canteiros o bom Timoteo, um preto branco por dentro. Timoteo o plantou quando a fazenda se abria e a casa inda cheirava a reboco fresco e tintas d'oleo recentes, e desd'aí — lá se iam quarenta anos — ninguem mais teve licença de pôr a mão em "seu jardim".

Verdadeiro poeta, o bom Timoteo.

Não desses que fazem versos, mas dos que sentem a poesia sutil das coisas. Compusera, sem o saber, um maravilhoso poema onde cada plantinha era um verso que só ele conhecia, verso vivo, risonho ao reflorir anual da primavera, desmedrado e sofredor quando junho sibilava no ar os lategos do frio. O jardim tornara-se a memoria viva da casa. Tudo nele correspondia a uma significação familiar de suave encanto, e assim foi desd'o começo, ao riscarem-se os canteiros na terra virgem ainda rescendente á escavação. O canteiro principal consagrava-o Timoteo ao "Sinhô velho", tronco da estirpe e generoso amigo que lhe dera carta d'alforria muito antes da Lei Aurea. Nasceu faceiro e bonito, cerca-

do de tijolos novos vindos do forno para ali ainda quentes, e embutidos no chão como rude cingulo de coral; hoje, semi-desfeitos pela usura do tempo e tão tenros que a unha os penetra, esses tijolos esverdecem nos musgos da velhice.

— Veludo de muro velho, é como chama Timoteo a essa muscinea invasora, filha da sombra e da umidade. E é bem isso, porque o musgo foge sempre aos muros secos, vidrentos, esfogueados de sol, para estender devagarinho o seu veludo prenunciador de tapera sobre os muros alquebrados, de emboço já carcomido e todo aberto em fendas.

Bem no centro erguia-se um nodoso pé de jasmim do Cabo, de galhos negros e copa dominante, ao qual o zeloso guardião nunca permitiu que outra planta sobreexcedesse em altura. Simbolizava o homem que o havia comprado por dois contos de réis, dum importador de escravos de Angola.

— Tenha paciencia, minha negra! — conversava ele com as roseiras de setembro, teimosas em espichar para o ceu brotos audazes. Tenha paciencia, que aqui ninguem olha de cima para o Sinhô velho.

E sua tesoura afiada punha abaixo, sem dó, todos os rebentos temerarios.

Cercando o jasmineiro havia uma coroa de periquitos, e outra menor de cravinas. Mais nada.

— Ele era homem simples, pouco amigo de complicações. Que fique ali sozinho com o periquito e as irmãsinhas do cravo.

Dos outros canteiros dois eram em forma de coração.

— Este é o de Sinházinha; e como ela um dia ha-de casar, fica a par dele o canteiro do Sinhô moço.

O canteiro de Sinházinha era de todos o mais alegre, dando bem a imagem de um coração de mulher rico de todas as flores do sentimento. Sempre risonho, tinha a propriedade de prender os olhos de quantos penetravam no jardim. Tal qual a moça, que desde menina se habituara a monopolizar os carinhos da familia e a dedicação dos escravos, chegando esta a ponto de ao sobrevir a Lei Aurea nenhum ter animo de afastar-se da fazenda. Emancipação? Loucura! Quem, uma vez cativo de Sinházinha, podia jamais romper as algemas da doce escravidão?

Assim ela na familia, assim o seu canteiro entre os demais. Livro aberto, simbolo vivo, cronica vegetal, dizia pela boca das flores toda a sua vidinha de moça. O pé de flor-de-noiva, primeira "planta séria" ali brotada, marcou o dia em que foi pedida em casamento. Até então só vicejavam nele flores alegres de criança: — esporinhas, bocas-de-leão, "borboletas", ou flores amaveis da adolescencia — amores-perfeitos, damas-entre-verdes, beijos-de-frade, escovinhas, miosotis.

Quando lhe nasceu, entre dores, o primeiro filho, plantou Timoteo os primeiros tufos de violeta.

— Começa a sofrer...

E no dia em que lhe morreu esse malogrado botãozinho de carne rosea, o jardineiro, em lagrimas, fincou na terra os primeiros goivos e as primeiras saudades. E fez ainda outras substituições: as alegres damas-entre-verdes cederam o lugar aos suspiros roxos, e a sempre-

viva foi para o canto onde viçavam as ridentes bocas-de-leão.

Já o canteiro de Sinhô-moço revelava intenções simbolicas de energia. Cravos vermelhos em quantidade, roseiras fortes, ouriçadas de espinhos; palmas de Santa Rita, de folhas laminadas; junquilhos nervosos.

E tudo mais assim.

Timoteo compunha os anais vivos da familia, anotando nos canteiros, um por um, todos os fatos dalgumas significações. Depois, exagerando, fez do jardim um canhenho de notas, o verdadeiro diario da fazenda. Registrava tudo. Incidentes corriqueiros, pequenas rusgas de cozinha, um lembrete azedo dos patrões, um namoro de mucama, um hospede, uma geada mais forte, um cavalo de estimação que morria — tudo memorava ele, com hieroglifos vegetais, em seu jardim maravilhoso.

A hospedagem de certa familia do Rio — pai, mãe e tres sapequissimas filhas — lá ficou assinalada por cinco pés de "ora-pro-nobis". E a venda do pampa calçudo, o melhor cavalo das redondezas, teve a mudança de dono marcada pela poda dum galho do jasmineiro.

Além desta comemoração anedotica, o jardim consagrava uma planta a cada subalterno ou animal domestico. Havia a roseira-chá da mucama de Sinházinha; o sangue-de-Adão do Tiburcio cocheiro; a rosa-maxixe da mulatinha Cesaria, sirigaita enredeira, de cara fuchicada como essa flor. O Vinagre, o Meteoro, a Mangerona, a Teteia, todos os cães que na fazenda nasceram e morreram, ali estavam lembrados pelo seu pézinho de flor, um resedá, um tufo de violetas, uma touça de perpetuas. O cão mais inteligente da casa, Otelo,

morto hidrofobo, teve as honras duma sempre-viva rajada.

— Quem ha-de esquecer um bicho daqueles, que até parecia gente?

Tambem os gatos tinham memoria. Lá estava a cineraria da gata branca morta nos dentes do Vinagre, e o pé de alecrim relembrativo do velho gato Romão.

Ninguem, a não ser Timoteo, colhia flores naquele jardim. Sinházinha o tolerava desde o dia em que ele explicou:

— Não *sabem*, Sinházinha! Vão lá e atrapalham tudo. Ninguem *sabe* apanhar flor...

Era verdade. Só Timoteo sabia escolhe-las com intenção e sempre de acordo com o destino. Se as queriam para florir a mesa em dia de anos da moça, Timoteo combinava os buquês como estrofes vivas. Colhia-as resmungando:

— Perpetua? Não. Você não vai p'ra mesa hoje. É festa alegre. Nem você, dona violetinha!... Rosa maxixe? Ah! ah! Tinha graça a Cesaria em festa de branco!...

E sua tesoura ia cortando os caules com ciencia de mestre. Ás vezes parava, a filosofar:

— Ninguem se lembra hoje do anjinho... P'ra que, então, goivo nos vasos? Quieto fique aqui o senhor goivo, que não é flor de vida, é flor de cemiterio...

E sua linguagem de flores? Suas ironias, nunca percebidas de ninguem? Seus louvores, de ninguem suspeitados? Quantas vezes não depôs na mesa, sobre um prato, um aviso a um hospede, um lembrete á pa-

troa, uma censura ao senhor, composto sob forma dum ramalhete? Ignorantes da lingua do jardim, riam-se eles da maluquice do Timoteo, incapazes de lhe alcançar o fino das intenções.

Timoteo era feliz. Raras criaturas realizam na vida mais formoso delirio de poeta. Sem familia, criara uma familia de flores; pobre, vivia ao pé de um tesouro.

Era feliz, sim. Trabalhava por amor, conversando com a terra e as plantas — embora a copa e a cozinha implicassem com aquilo.

— Que tanto resmunga o Timoteo! Fica ali mamparreando horas, a cochichar, a rir, como se estivesse no meio duma criançada!...

É que na sua imaginação as flores se transfiguravam em seres vivos. Tinham cara, olhos, ouvidos... O jasmim do Cabo, pois não é que lhe dava a benção todas as manhãs? Mal Timoteo aparecia, murmurando "A benção, Sinhô", e já o velho, encarnado na planta, respondia com voz alegre: "Deus te abençoi, Timoteo".

Contar isso aos outros? Nunca! "Está louco", haviam de dizer. Mas bem que as plantinhas falavam...

— E como não hão de falar, se tudo é criatura de Deus, hom'essa!...

Tambem dialogava com elas.

— Contentinha, hein? Bôa chuva a de ontem, não?

— ...

— Sim, lá isso é verdade. As chuvas miudas são mais criadeiras, mas você bem sabe que não é tempo. E o grilo? Voltou? Voltou, sim, o ladrão... E aqui

roeu mais esta folhinha... Mas deixe estar, que eu curo ele!

E punha-se a procurar o grilo. Achava-o.

— Sêo malfeitor!... Quero ver se continua agora a judiar das minhas flores.

Matava-o, enterrava-o. "Vira esterco, diabinho!"

Pelo tempo da seca era um regalo ver Timoteo a choviscar amorosamente sobre as flores com o seu velho regador.

— O sol seca a terra? Bobice!... Como se o Timoteo não estivesse aqui de chovedor na mão.

— Chega tambem, ué! Então quer sozinho um regador inteiro? Boa moda! Não vê que as esporinhas estão com a lingua de fora?

— E esta boca-de-leão, ah! ah! está mesmo com uma boca de cachorro que correu veado! Tome lá, beba, beba!

— E você tambem, sêo resedá, tome lá seu banho p'ra depois namorar aquela dona hortensia, moça bonita do "zoio" azul...

E lá ia...

Plantas novas que abrolhavam o primeiro botão punham alvoroço de noivo no peito do poeta, que falava do acontecimento na copa, provocando as risadinhas impertinentes da Cesaria.

— Diabo do negro velho, cada vez caducando mais! Conversa com flor como se fosse gente.

Só a moça, com o seu fino instinto de mulher, lhe compreendia as delicadezas do coração.

— Está aqui, Sinhá, a primeira rainha margarida deste ano!

Ela fingia-se extasiada e punha a flor no corpete.

— Que beleza!

E Timoteo ria-se, feliz, feliz...

Certa vez falou-se na reforma do jardim.

— Precisamos mudar isto, lembrou o moço, de volta dum passeio a S. Paulo. Ha tantas flores modernas, lindas, enormes, e nós toda a vida com estas cinerarias, estas esporinhas, estas flores caipiras... Vi lá crisandalias magnificas, crisantemos deste tamanho e uma rosa nova, branca, tão grande que até parece flor artificial.

Quando soube da conversa, Timoteo sentiu gelo no coração. Foi agarrar-se com a moça. Ele tambem conhecia essas flores de fora, vira crisantemos em casa do coronel Barroso, e as tais dalias mestiças no peito duma faceira, no leilão do Espirito Santo.

— Mas aquilo nem é flor, Sinhá! Coisas da estranja que o Canhoto inventa para perder as criaturas de Deus. Eles lá que plantem. Nós aqui devemos zelar das plantas de familia. Aquela dalia rajada, está vendo? É singela, não tem o crespo das dobradas; mas quem troca uma menina de sainha de chita côr de rosa por uma semostradeira da cidade, de muita seda no corpo mas sem fé no coração? De manhã "fica assim" de abelhas e cuitelos em roda dela!... E eles sabem, eles não ignoram quem merece. Se as das cidades fossem de mais estimação, por que é que esses bichinhos de Deus ficam aqui e não vão p'ra lá? Não, Sinhá! É preciso tirar essa ideia da cabeça de Sinhô-moço. Ele é criança ainda, não sabe a vida. É preciso respeitar as coisas de dantes...

E o jardim ficou.

Mas um dia... Ah! Bem sentira-se Timoteo tomado de aversão pela familia dos "ora-pro-nobis"! Pressentimento puro... O "ora-pro-nobis" pai voltou e esteve ali uma semana em conciliabulo com o moço. Ao fim deste tempo, explodiu como bomba a grande noticia: estava negociada a fazenda, devendo a escritura passar-se dentro de poucos dias.

Timoteo recebeu a nova como quem recebe uma sentença de morte. Na sua idade, tal mudança lhe equivalia a um fim de tudo. Correu a agarrar-se á moça, mas desta vez nada puderam contra as armas do dinheiro os seus pobres argumentos de poeta.

Vendeu-se a fazenda. E certa manhã viu Timoteo arrumarem-se no trole os antigos patrões, as mucamas, tudo o que constituia a alma do velho patrimonio.

— Adeus, Timoteo! disseram alegremente os senhores-moços, acomodando-se no veiculo.

— Adeus! Adeus!...

E lá partiu o trole, a galope... Dobrou a curva da estrada... Sumiu-se para sempre...

Pela primeira vez na vida Timoteo esqueceu de regar o jardim. Quedou-se plantado a um canto, a esmoer o dia inteiro o mesmo pensamento doloroso:

— Branco não tem coração...

Os novos proprietarios eram gente da moda, amigos do luxo e das novidades. Entraram na casa com franzimentos de nariz para tudo.

— Velharias, velharias...

E tudo reformaram. Em vez da austera mobilia de cabiuna, adotaram moveis pechibeques, com veludinhos e frisos. Determinaram o empapelamento das sa-

las, a abertura de um hall, mil coisas esquisitas... Diante do jardim, abriram-se em gargalhadas.

— É incrivel! Um jardim destes, cheirando a Tomé de Souza, em pleno seculo das crisandalias!

E correram-no todo, a rir, como perfeitos malucos.

— Olhe Yvette, esporinhas! É inconcebivel que inda haja esporinhas no mundo!

— E periquito, Odete! Pe-ri-qui-to!... disse uma das moças, torcendo-se em gargalhadas.

Timoteo ouvia aquilo com mil mortes n'alma. Não restava duvida, era o fim de tudo, como pressentira: aqueles bugres da cidade arrasariam a casa, o jardim e o mais que lembrasse o tempo antigo. Queriam só o moderno.

E o jardim foi condenado. Mandariam vir o Ambrogi para traçar um plano novo de acordo com a arte modernissima dos jardins ingleses. Reformariam as flores todas, plantando as ultimas criações da floricultura alemã. Ficou decidido assim.

— E para não perder tempo, enquanto o Ambrogi não chega ponho aquele macaco a me arrasar isto — disse o homem apontando para Timoteo.

— Ó tição, vem cá!

Timoteo aproximou-se, com ar apatetado.

— Olha, ficas encarregado de limpar este mato e deixar a terra nuazinha. Quero fazer aqui um lindo jardim. Arrasa-me isto bem arrasadinho, entendes?

Timoteo, tremulo, mal pôde engrolar uma palavra:

— Eu?

— Sim, tu! Por que não?

O velho jardineiro, atarantado e fora de si, repetiu a pergunta:

— Eu? Eu, arrasar o jardim?

O fazendeiro encarou-o, espantado da sua audacia, sem nada compreender daquela resistencia.

— Eu? Pois me acha com cara de criminoso?

E não podendo mais conter-se explodiu num assomo estupendo de colera — o primeiro e o unico de sua vida.

— Eu vou mas é embora daqui, morrer lá na porteira como um cachorro fiel. Mas olhe, moço, que hei de rogar tanta praga que isto há de virar uma tapera de lacraias! A geada ha de torrar o café. A peste ha de levar até as vacas de leite! Não ha de ficar aqui nem uma galinha, nem um pé de vassoura! E a familia amaldiçoada, coberta de lepra, ha de comer na gamela com os cachorros lazarentos!... Deixa estar, gente amaldiçoada! Não se assassina assim uma coisa que dinheiro nenhum paga. Não se mata assim um pobre negro velho que tem dentro do peito uma coisa que lá na cidade ninguem sabe o que é. Deixa estar, branco de má casta! Deixa estar, caninana! Deixa estar!...

E fazendo com a mão espalmada o gesto fatidico, saiu ás arrecuas, repetindo cem vezes a mesma ameaça:

— Deixa estar! Deixa estar!...

E longe, na porteira, ainda espalmava a mão para a fazenda, num gesto mudo:

— Deixa estar!...

Anoitecia. Os curiangos andavam a espacejar silenciosos vôos de sombra pelas estradas desertas. O ceu era todo um recamo fulgurante de estrelas. Os sapos coa-

xavam nos brejos e vagalumes silenciosos piscavam piques de luz no sombrio das capoeiras.

Tudo adormecera na terra, em breve pausa de vida para o ressurgir do dia seguinte.

Só não ressurgirá Timoteo. Lá agoniza ao pé da porteira. Lá morre. E lá o encontrará a manhã enrijecido pelo relento, de borco na grama orvalhada, com a mão estendida para a fazenda num derradeiro gesto de ameaça:

— Deixa estar!...

1924

O fisco [1]

(Conto de Natal)

Prologo

No principio era o pantano, com valas de agrião e rãs coaxantes. Hoje é o parque do Anhangabaú, todo ele relvado, com ruas de asfalto, pérgola grata a namoriscos noturnos, a *Eva* de Brecheret, a estatua dum adolescente nu que corre — e mais coisas. Autos voam pela via central, e cruzam-se pedestres em todas as direções. Lindo parque, civilizadissimo.

Atravessando-o certa tarde, vi formar-se ali um bolo de gente, rumo ao qual vinha vindo um policia apressado.

Fagocitose, pensei. A rua é a arteria; os passantes, o sangue. O desordeiro, o bebado, o gatuno são os microbios maleficos, perturbadores do ritmo circulatorio. O soldado de policia é o globulo branco — o *fagocito* de Metchnikoff. Está de ordinario parado no seu posto, circunvagando olhares atentos. Mal se congestiona o trafego pela ação anti-social do desordeiro, o fagocito move-se, caminha, corre, cai ao fundo sobre o mau elemento e arrasta-o para o xadrez.

---

(1) O conto "O FISCO" foi publicado originariamente na "Revista do Brasil" nº. 36 de dezembro de 1918, com o titulo de "O IMPOSTO UNICO".

Foi assim naquele dia.

Dia sujo, azedo. Ceu dubio, de decalcomania vista pelo avesso. Ar arrepiado.

Alguem perturbara a paz do jardim, e em redor desse rebelde logo se juntou um grupo de globulos vermelhos, vulgo passantes. E lá vinha agora o fagocito fardado restabelecer a harmonia universal.

O caso girava em torno de uma criança maltrapilha, que tinha a tiracolo uma caixa tosca de engraxate, visivelmente feita pelas suas proprias mãos. Muito sarapantado, com lagrimas a brilharem nos olhos cheios de pavor, o pequeno murmurava coisas de ninguem atendidas. Sustinha-o pela gola um fiscal da camara.

— Então, sêo cachorrinho, sem licença, hein? exclamava entre colerico e vitorioso o mastim municipal, focinho muito nosso conhecido. É um que não é um mas sim legião, e sabe ser tigre ou cordeiro conforme o naipe do contraventor.

A miseravel criança evidentemente não entendia, não sabia que coisa era aquela de licença, tão importante, reclamada assim a empuxões brutais. Foi quando entrou em cena o policia.

Este globulo branco era preto. Tinha beiço de sobejar e nariz invasor de meia cara, aberto em duas ventas acesas, relembrativas das cavernas de Trofonio. Aproximou-se e rompeu o magote com um napoleonico — "Espalha!"

Humildes alas se abriram áquele Sézamo, e a Autoridade, avançando, interpelou o Fisco:

— Que encrenca é esta, chefe?

— Pois este cachorrinho não é que está exercendo ilegalmente a profissão de engraxate? Encontrei-o banzando por aqui com estes tróços, a fisgar com os olhos os pés dos transeuntes e a dizer "Engraxa, freguês". Eu vi a coisa de longe. Vim pé ante pé, disfarçando e, de repente, *nhoc*! "Mostre a licença", gritei. "Que licença?", perguntou ele com arzinho de inocencia. "Ah, você diz que licença, cachorro? Está me debochando, ladrão? Espera que te ensino o que é licença, trapo!" E agarrei-o. Não quer pagar a multa. Vou leva-lo ao deposito, autuar a infração para proceder de acordo com as posturas, concluiu com soberbo entono o cariado canino da Maxila Fiscal.

O solene Mata-Piolho da Manopla Policial concordou.

— É isso mesmo. Casca-lhe!

E chiando por entre os dentes uma cusparada de esguicho, deu a sua sacudidela suplementar no menino. Depois voltou-se para os basbaques e ordenou com imperio de sóba africano:

— Circula, paisanada! É "purivido" ajuntamentos de mais de um.

Os globulos vermelhos dispersaram-se em silencio. O buldogue lá seguiu com o pequeno nas unhas. E o Páu-de-Fumo, em atitude de Bonaparte em face das piramides, ficou, de dedo no nariz e boca entreaberta, a gozar a prontidão com que, num apice, sua energia resolvera o tumor maligno formado na arteria sob a sua fiscalização.

O BRAZ

Tambem lá, no principio, era o charco — terra negra, fôfa, turfa tressuante, sem outra vegetação além dessas plantinhas miseraveis que sugam o lodo como minhocas. Aquem da varzea, na terra firme e alta, São Paulo crescia. Erguiam-se casas nos cabeços, e esgueiravam-se ladeiras encostas abaixo: a Bôa Morte, o Carmo, o Piques; e ruas, Imperador, Direita, S. Bento. Poetas cantavam-lhes as graças nascentes:

Ó Liberdade, ó Ponte-Grande, ó Gloria...

Deram-lhe um dia o Viaduto do Chá, esse arrojo... Os paulistanos pagavam sessenta réis para, ao atravessa-lo, conhecerem a vertigem dos abismos. E em casa narravam a aventura ás esposas e mães, palidas de espanto. Que arrojo de homem, o Jules Martin que construira aquilo!

Enquanto S. Paulo crescia o Braz coaxava. Enluravam-se naquele brejal legiões de sapos e rãs. Á noite, do escuro da terra um coral subia de coaxos, *pan-pans* de ferreiro, latidos de mimbuias, *glus-glus* de untanhas; e por cima, no escuro do ar, vagalumes ziguezagueantes riscavam fosforos ás tontas.

E assim foi até o dia da avalanche italiana.

Quando lá no Oeste a terra roxa se revelou mina de ouro das que pagam duzentos por um, a Italia vazou para cá a espuma da sua transbordante taça de vida. E São Paulo, não bastando ao abrigo da nova gente, assistiu, atonito, ao surto do Braz.

Drenos sangraram em todos os rumos o brejal turfoso; a agua escorreu; os espavoridos sapos sumiram-se

aos pulos para as baixadas do Tieté; rã comestivel não ficou uma para memoria da raça; e, breve, em substituição aos guembês, ressurtiu a cogumelagem de centenas e centenas de casinhas tipicas — porta, duas janelas e platibanda.

Numerosas ruas, alinhadas na terra côr de ardosia que já o sol ressequira e o vento erguia em nuvens de pó negro, margearam-se com febril rapidez desses prediosinhos terreos, iguais uns aos outros, como saidos do mesmo molde, pifios, mas unicos possiveis então. Casotas provisorias, desbravadoras da lama e vencedoras do pó á força de preço modico.

E o Braz cresceu, espraiou-se de todos os lados, comeu todo o barro preto da Mooca, bateu estacas no Marco da Meia Legua, lançou-se rumo á Penha, pôs de pé igrejas, macadamizou ruas, inçou-se de fabricas, viu surgirem avenidas e vida propria, e cinemas, e o Colombo, e o namoro, e o corso pelo Carnaval. E lá está hoje enorme, feito a cidade do Braz, separado de São Paulo pelo faixão vermelho da Varzea aterrada — Pest da Buda á beira do Tamanduateí plantada.

São duas cidades vizinhas, distintas de costumes e de almas já bem diversas. Ir ao Braz é uma viagem. O Braz não é ali, como o Ipiranga; é lá do outro lado, embora mais perto que o Ipiranga. Diz-se — vou ao Braz, como quem diz — vou á Italia. Uma Italia agregada como um bócio recente e autonomo a uma urbs antiga, filha do país; uma Italia função da terra negra, italiana por sete decimos e *algo nuevo* pelos restantes.

O Braz trabalha de dia e á noite gesta. Aos domingos fandanga ao som do bandolim. Nos dias de

festa nacional (destes tem predileção pelo 21 de Abril: vagamente o Braz desconfia que o barbeiro da Inconfidencia, porque barbeiro, havia de ser um patricio), nos dias feriados o Braz vem a São Paulo. Entope os bondes no travessio da Varzea e cá ensardinha-se nos autos: o pai, a mãe, a sogra, o genro e a filha casada no banco de trás; o tio, a cunhada, o sobrinho e o Pepino escoteiro no da frente; filhos miudos por entremeio; filhos mais taludos ao lado do motorista; filhos engatinhantes debaixo dos bancos; filhos em estado fetal no ventre bojudo das matronas. Vergado de molas, o carro geme sob a carga e arrasta-se a meia velocidade, exibindo a Pauliceia aos olhos arregalados daquele exuberante cacho humano.

Finda a corrida, o auto debulha-se do enxame no Triangulo e o bando toma de assalto as confeitarias para um regabofe de spumones, gasosas, croquetes. E tão a serio toma a tarefa, que ali pelas nove horas não restam iscas de empada nos armarios termicos, nem vestigios de sorvete no fundo das geladeiras. O Braz devora tudo, ruidosa, alegremente, e com massagens ajeitadoras do abdomen sai impando bemaventurança estomacal. Caroços de azeitonas, palitos de camarões, guardanapos de papel, pratos de papelão seguem nas munhecas da petizada como lembrança da festa e consolo ao bersalhérzinho que lá ficou de castigo em casa, berrando com goela de Caruso.

Em seguida, toca para o cinema! O Braz abarrota os de sessão corrida. O Braz chora nos lances lacrimogeneos da Bertini e ri nas comedias a gás hilariante da L-Ko mais do que autorizam os mil e cem da entrada.

E repete a sessão, piscando o olho: é o jeito de dobrar a festa em extensão e obte-la a meio preço — 550 réis, uma pechincha.

As mulheres do Braz, ricas de ovario, são vigorosissimas de utero. Desovam quasi filho e meio por ano, sem interrupções, até que se acabe a corda ou rebente alguma peça essencial da gestatoria.

É de ve-las na rua. Bojudas de seis meses, trazem um Pepininho á mão e um choramingas á mama. Á tarde o Braz inteiro chia de criançalha a chutar bolas de pano, a jogar pião, ou a piorra, ou o tento de telha, ou o tabefe, com palavriados mixtos de português e dialetos de Italia. Mulheres escarranchadas ás portas, com as mãos ocupadas em manobras de agulha de osso, espigaitam para os maridos os sucessos do dia, que eles ouvem filosoficamente, cachimbando calados ou cofiando a bigodeira á Humberto Primo.

De manhã esfervilha o Braz de gente estremunhada a caminho das fabricas. A mesma gente reflue á tarde aos magotes — homens e mulheres de cesta no braço, ou garrafas de café vazias penduradas do dedo; meninas, rapazes, raparigotas de pouco seio, galantes, tagarelas, com o namoro rente.

Desce a noite, e nos desvãos de rua, nos becos, nas sombras, o amor lateja. Ciciam vozes cautelosas das janelas para os passeios; pares em conversa disfarçada nos portões emudecem quando passa alguem ou tosse lá dentro o pai.

Durante o escuro das fitas, nos cinemas, ha contactos longos, febricitantes; e quando nos intervalos irrompe a luz, não sabem os namorados o que se passou

na tela — mas estão de olhos langues, em quebreira de amor.

É o latejar da messe futura. Todo aquele eretismo por musica, com cicios de pensamentos de cartão postal, estará morto no ano seguinte — legalizado pela igreja e pelo juiz, transfeita a sua poesia em choro de criança e nas trabalheiras sem fim da casa humilde.

Tal menina rosada, leve de andar, toda requebros e dengues, que passa na rua vestida com graça e atrai os olhares gulosos dos homens, não a reconhecereis dois anos depois na lambona filhenta que deblatera com o verdureiro a proposito do feixe de cenouras em que ha uma menor que as outras.

Filho da lama negra, o Braz é como ela um sedimento de aluvião. É São Paulo, mas não é a Pauliceia. Ligadas pela expansão urbana, separa-os uma barreira. O velho caso do fidalgo e do peão enriquecido.

PEDRINHO, SEM SER CONSULTADO, NASCE.

Viram-se ele e ela. Namoraram-se. Casaram.

Casados, proliferaram.

Eram dois. O amor transformou-os em tres. Depois em quatro, em cinco, em seis...

Chamava-se Pedrinho o filho mais velho.

A VIDA

De pé na porta a mãe espera o menino que foi á padaria. Entra o pequeno com as mãos abanando.

— Diz que subiu; custa agora oitocentos.

A mulher, com uma criança ao peito, franze a testa desconsolada.

— Meu Deus! Onde iremos parar? Ontem era a lenha: hoje é o pão... Tudo sobe. Roupa, pela hora da morte. José ganhando sempre a mesma coisa. Que será de nós, Deus do ceu!

E voltando-se para o filho:

— Vá a outra padaria, quem sabe se lá... Se fôr a mesma coisa, traga só um pedaço.

Pedrinho sai. Nove anos. Franzino, doentio, sempre mal alimentado e vestido com os restos das roupas do pai.

Trabalha este num moinho de trigo, ganhando jornal insuficiente para a manutenção da familia. Se não fosse a bravura da mulher, que lavava para fóra, não se sabe como poderiam subsistir. Todas as tentativas feitas com o intuito de melhorarem a vida com industrias caseiras esbarraram no obice tremendo do Fisco. A féra condenava-os á fome. Assim escravizados, José perdeu aos poucos a coragem, o gosto de viver, a alegria. Vegetava, recorrendo ao alcool para alivio de uma situação sem remedio.

Bendito sejas, amavel veneno, refugio derradeiro do miseravel, gole inebriante de morte que faz esquecer a vida e lhe resume o curso! Bendito sejas!

Apesar de moça, 27 apenas, Mariana aparentava o dobro. A labuta permanente, os partos sucessivos, a chiadeira da filharada, a canseira sem fim, o serviço emendado com o serviço, sem folga outra além da que o sono fórça, fizeram da bonita moça que fôra a escanzelada besta de carga que era.

Seus dez anos de casada... Que eternidade de canseiras!...

Rumor á porta. Entra o marido. A mulher, ninando a pequena de peito, recebe-o com a má nova.

— O pão subiu, sabe?

Sem murmurar palavra o homem senta-se, apoiando nas mãos a cabeça. Está cansado.

A mulher prossegue:

— Oitocentos réis o quilo agora. Ontem foi a lenha; hoje é o pão... E lá? Sempre aumentaram o jornal?

O marido esboçou um gesto de desalento e permaneceu mudo, com o olhar vago. A vida era um jogo de engrenagens de aço entre cujos dentes se sentia esmagar. Inutil resistir. Destino, sorte.

Na cama, á noite, confabulavam. A mesma conversa de sempre. José acabava grunhindo rugidos surdos de revolta. Falava em revolução, saque. A esposa consolava-o, de esperança posta nos filhos.

— Pedrinho tem nove anos. Logo estará em ponto de ajudar-nos. Um pouco mais de paciencia e a vida melhora.

Aconteceu que nessa noite Pedrinho ouviu a conversa e a referencia á sua futura ação. Entrou a sonhar. Que fariam dele? Na fabrica, como o pai? Se lhe dessem a escolher, iria a engraxador. Tinha um tio no oficio, e em casa do tio era menor a miseria. Pingavam niqueis.

Sonho vai, sonho vem, brota na cabeça do menino uma ideia, que cresceu, tomou vulto extraordinario e fe-lo perder o sono. Começar já, amanhã, por que não? Faria ele mesmo a caixa; escovas e graxa, com o tio arranjaria. Tudo ás ocultas, para surpresa dos pais! Iria

postar-se num ponto por onde passasse muita gente. Diria com os outros: "Engraxa, freguês!" e niqueis haviam de juntar-se no seu bolso. Voltaria para casa recheado, bem tarde, com ar de quem as fez... E mal a mãe começasse a ralhar, ele lhe taparia a boca despejando na mesa o monte de dinheiro. O espanto dela, a cara admirada do pai, o regalo da criançada com a perspectiva da ração em dobro! E a mãe a aponta-lo aos vizinhos: "Estão vendo que coisa? Ganhou, só ontem, primeiro dia, dois mil réis!" E a noticia a correr... E murmurios na rua quando o vissem passar: "É aquele!"

Pedrinho não dormiu essa noite. De manhãzinha já estava a dispor a madeira dum caixote velho sob forma de caixa de engraxate ao molde classico. Lá a fez. Os pregos, bateu com o salto de uma velha botina. As tabuas, serrou pacientemente com um facão dentado. Saiu coisa tosca e mal ajambrada, de fazer rir a qualquer carapina e pequena demais — sobre ela só caberia um pé de criança igual ao seu. Mas Pedrinho não notou nada disso, e nunca trabalho nenhum de carpintaria lhe pareceu mais perfeito.

Conclusa a caixa, pô-la a tiracolo e esgueirou-se para a rua, ás escondidas. Foi á casa do tio e lá obteve duas velhas escovas fóra de uso, já sem pêlos, mas que á sua exaltada imaginação se afiguraram otimas. Graxa, conseguiu alguma raspando o fundo de quanta lata velha encontrou no quintal.

Aquele momento marcou em sua vida um apogeu de felicidade vitoriosa. Era como um sonho — e sonhando saiu para a rua. Em caminho viu o dinheiro

crescer-lhe nas mãos, aos montes. Dava á familia parte: e o resto encafuava. Quando enchesse o canto da arca onde tinha suas roupas, montaria um "corredor", pondo a jornal outros colegas. Aumentaria as rendas! Enriqueceria! Compraria bicicletas, automovel, doces todas as tardes na confeitaria, livros de figura, uma casa, um palacio, outro palacio para os pais. Depois...

Chegou ao parque. Tão bonito aquilo — a relva tão verde, tosadinha... Havia de ser bom o ponto. Parou perto de um banco de pedra e, sempre sonhando as futuras grandezas, pôs-se a murmurar para cada passante, fisgando-lhe os pés: "Engraxa, freguês!"

Os fregueses passavam sem lhe dar atenção. "É assim mesmo", refletia consigo o menino, "no começo custa. Depois se afreguesam."

Subito, viu um homem de boné caminhando para o seu lado. Olhou-lhe para as botinas. Sujas. Viria engraxar, com certeza — e o coração bateu-lhe apressado, no tumulto delicioso da estreia. Encarou o homem já a cinco passos e sorriu com infinita ternura nos olhos, num agradecimento antecipado em que havia tesouros de gratidão.

Mas em vez de lhe espichar o pé, o homem rosnou aquela terrivel interpelação inicial:

— Então, cachorrinho, que é da licença?

Epilogo? Não! Primeiro ato...

Horas depois o fiscal aparecia em casa de Pedrinho com o pequeno pelo braço. Bateu. O pai estava, mas quem abriu foi a mãe. O homem nesses momentos não

aparecia, para evitar explosões. Ficou a ouvir do quarto o bate-boca.

O fiscal exigia o pagamento da multa. A mulher debateu-se, arrepelou-se. Por fim, rompeu em choro.

— Não venha com lamurias, rosnou o buldogue; conheço o truque dessa aguinha nos olhos. Não me embaça, não. Ou bate aqui os vinte mil réis, ou penhoro toda esta cacaria. Exercer ilegalmente a profissão! Ora dá-se! E olhe cá, madama, considere-se feliz de serem só vinte. Eu é de dó de vocês, uns miseraveis; senão, aplicava o maximo. Mas se resiste dobro a dose!

A mulher limpou as lagrimas. Seus olhos endureceram, com uma chispa má de odio represado a faiscar. O Fisco, percebendo-o, motejou:

— Isso. É assim que as quero — tesinhas, ah, ah.

Mariana nada mais disse. Foi á arca, reuniu o dinheiro existente — dezoito mil réis ratinhados havia meses, aos vintens, para o caso dalguma doença, e entregou-os ao Fisco.

— É o que há, murmurou com tremura na voz.

O homem pegou o dinheiro e gostosamente o afundou no bolso, dizendo:

— Sou generoso, perdôo o resto. Adeuzinho, amor!

E foi á venda proxima beber dezoito mil réis de cerveja.

. . . . . .

Enquanto isso, no fundo do quintal, o pai batia furiosamente no menino.

1918

Os Negros

I

Viajavamos certa vez pelas regiões estereis por onde ha um seculo, puxado pelo Negro, o carro triunfal de Sua Majestade o Café passou, quando grossas nuvens reunidas no ceu entraram a desmanchar-se.

Sinal certo de chuva.

Para confirma-lo, um vento brusco, raspante, veiu quebrar o mormaço, vascolejando a terra como a prevenir-la do iminente banho meteorico. Remoinhos de poeira sorviam folhas secas e gravetos, que lá torvelinhavam em espirais pelas alturas.

Sofreando o animal, parei, a examinar o ceu.

— Não há duvida, disse ao meu companheiro, temo-la e boa! O remedio é acoutar-nos quanto antes nalgum socavão, que agua vem aí de rachar.

Circunvaguei o olhar em torno. Morraria aspera a perder-se de vista, sem uma casota de palha a acenar-nos com um "Vem cá".

— E agora? exclamou desnorteado o Jonas, marinheiro de primeira viagem que tudo fiava da minha experiencia.

— Agora é galopar. Atrás deste espigão fica uma fazenda em ruinas, de má nota, mas unico oasis possivel nesta emergencia. Casa do Inferno, chama-lhe o povo.

— Pois toca para o inferno, já que o ceu nos ameaça, retorquiu Jonas, dando de esporas e seguindo-me por um atalho.

— Tens coragem? gritei-lhe. Olha que é casa mal assombrada!...

— Benvinda seja. Anos ha que procuro uma, sem topar coisa que preste. Correntes que se arrastam pela calada da noite?

— Dum preto velho que foi escravo do defunto capitão Aleixo, fundador da fazenda, ouvi coisas de arrepiar...

Jonas, a criatura mais gabola deste mundo, não perdeu vasa duma pacholice:

— De arrepiar a ti, que' a mim, bem sabes, só me arrepiam correntes de ar...

— Acredito, mas toca, que o diluvio não tarda.

O ceu enegrecera por igual. Um relampago fulgurou, seguido de formidavel ribombo, que lá se foi ás cabeçadas pelos morros até perder-se distante. E os primeiros pingos vieram, escoteiros, pipocar no chão ressecado.

— Espora, espora!

Em minutos vingavamos o espigão, de cujo topo vimos a casaria maldita, tragada a meio pelo matareu invasor. Os pingões mais e mais se amiudavam, e já eram agua de molhar quando a ferradura das bestas estrepitou, com faiscas, no velho terreiro de pedra. Sururucados por ele a dentro rumo a um telheiro em aberto, lá apeamos afinal, esbaforidos, mas a salvo da molhadela.

E as bategas vieram, furiosas, em cordas d'agua a prumo, como devia ser no chuveiro biblico do diluvio universal.

Examinei o couto. Telheiro de carros e tropa, derruido em parte. Os esteios, da cabiuna eterna, tinham os nabos (1) á mostra — tantos enxurros correram por ali erodindo o solo. Por eles marinhava a caetaninha, (2) essa mimosa alcatifa dos tapumes, toda rosetada de flores amarelas e pingentada de melõesinhos de bico, côr de canario.

Tambem aboboreiras viçavam na tapera, galgando vitoriosas pelos espeques para enfolharem no alto, entremeio das ripas e caibros a nú. Suas flores grandalhudas, tão caras ás mamangavas, manchavam d'amarelo palido o tom crú da folhagem verde-negra.

Fóra, a pouca distancia do telheiro, a "casa grande" se erguia, vislumbrada apenas através da cortina d'agua.

E agua a cair.

E a trovoada a escalejar seus ecos pela morraria intermina.

E o meu amigo, tão calmo sempre e alegre, a exasperar-se:

— Raio de peste de tempo desgraçado! Já não posso almoçar em Vassouras amanhã, como pretendia.

— Chuva de corda não dura hora, consolei-o.

— Sim, mas será possivel alcançar o tal pouso do Alonso ainda hoje?

Consultei o pulso.

---

(1) Parte mais grossa dum esteio, que fica enterrada.
(2) Melão de S. Caetano.

— Cinco e meia. É tarde. Em vez de Alonso, temos que gramar o Aleixo. E dormir com as bruxas, mais a alma do capitão infernal.

— Inda é o que nos vale, filosofou o impenitente Jonas. Que assim, ao menos, haverá o que contar amanhã.

II

O temporal durou meia hora e ao cabo amainou, com os relampagos espacejados e os trovões a roncarem muito longe dali. Apesar de proxima a noite, inda tinhamos uma hora de luz para sondar o terreiro.

— Ha-de morar aqui por perto algum urumbeva, disse eu. Não existe tapera sem lacraia. Vamos á cata desse abençoado urupê.

Encavalgamos de novo e saimos a rodear a fazenda.

— Acertaste, amigo! exclamou de repente Jonas, ao divisar uma casinhola erguida entre moitas, a duzentos passos de distancia. Bico-de-papagaio, pé de mamão, terreiro limpo; é o urumbeva sonhado!

Para lá nos dirigimos e já do terreiro gritamos o "Ó de casa!" Uma porta abriu-se, enquadrando o vulto dum negro velho, de cabelos ruços. Com que alegria o saudei...

— Pai Adão, viva!

— Vassuncristo! respondeu o preto.

Era dos legitimos...

— P'ra sempre! gritei eu. Estamos aqui trancados pela chuva e impedidos de prosseguir viagem. Tio Adão ha-de...

— Tio Bento, pr'a servir os brancos.

— Tio Bento ha-de arranjar-nos pouso por esta noite.

— E boia, acrescentou Jonas, visto que temos a caixa das empadas a tinir.

O excelente negro sorriu-se, com a gengiva inteira á mostra e disse:

— Pois é apeá. Casa de pobre, mas de bom coração. Quanto a "de comer", comidinha de negro velho, já sabe...

Apeamos, alegremente.

— Angú? chasqueou o Jonas.

O negro riu-se:

— Já se foi o tempo do angú com "bacalhau"... (1)

— E não deixou saudades, hein, tio Bento?

— Saudades não deixou, não, eh! eh!...

— Para vocês, pretos; porque entre os brancos muitos ha que choram aquele tempo de vacas gordas. Não fosse o Treze de Maio e não estava agora eu aqui a arrebentar as unhas neste raio de latego, que encruou com a chuva e não desata. Era servicinho do pagem...

Desarreamos as bestas e depois de solta-las penetramos na casinha, sobraçando os arreios. Vimos, então, que era pequena demais para nos abrigar aos tres.

— Amigo Bento, olha, não cabemos tanta gente aqui. O melhor é acomodar-nos na casa grande, que isto cá não é casa de bicho-homem, é ninho de cuitelo...

— Os brancos querem dormir na casa mal-assombrada? exclamou admirado o preto. Não aconselho, não. Alguem já fez isso mas se arrependeu depois.

---

(1) Chicote de varios rabos com que se chibatavam os negros.

— Arrepender-nos-emos tambem depois, amanhã, mas já com a dormida no papo, disse Jonas.

E como o preto abrisse a boca:

— Você não sabe o que é coragem, tio Bento. Escoramos sete. E almas do outro mundo, então, uma duzia! Vamos lá. Está aberta a casa?

— A porta do meio emperrou, mas á força de ombros deve abrir.

— Abandonada há muito tempo?

— "Quizano!" Des'que morreu o ultimo filho do capitão Aleixo ficou assim, ninho de morcego e suindara.

— E por que a abandonaram?

— "Descabeçada" do moço. P'ra mim, castigo de Deus. Os filhos pagam a ruindade dos pais, e o capitão Aleixo, Deus que me perdoi, foi mau, mau, mau inteirado. Tinha fama! Aqui em dez leguas de roda, quem queria ameaçar um negro reinador era só dizer: "Espera, diabo, que te vendo p'r'o capitão Aleixo." O negro ficava que nem uma seda!... Mas o que ele fez os filhos pagaram. Eram quatro: Sinhozinho, o mais velho, que morreu "masgaiado" num trem; Nha Zabelinha...

III

Enquanto o preto falava, insensivelmente fomos caminhando para a casa maldita.

Era o casarão classico das antigas fazendas negreiras. Assobradado, erguido em alicerces e muramento de pedra até meia altura e daí por diante de pau a pique. Esteios de cabreuva, entremostrando-se picados

a enxó nos trechos donde se esboroara o reboco. Janelas e portas em arco, de bandeiras em pandarecos. Pelos intersticios da pedra amoitavam-se as samambaias; e nas faces de sombra, avenquinhas raquiticas. Num cunhal crescia anosa figueira, enlaçando as pedras na terrivel cordoalha tentacular. Á porta de entrada ia ter uma escadaria dupla, com alpendre em cima e parapeito esborcinado.

Pus-me a olhar para aquilo, invadido da saudade que sempre me causam ruinas, e parece que em Jonas a sensação era a mesma, pois que o vi muito serio, de olhar pregado na casa, como quem recorda. Perdera o bom humor, o espirito brincalhão de inda ha pouco. Emudecera.

— Está visto, murmurei depois dalguns minutos. Vamos agora á boia, que não é sem tempo.

Voltamos.

O negro, que não parara de falar, dizia agora de sua vida ali.

— Morreu tudo, meu branco, e fiquei eu só. Tenho umas plantas na beira do rio, palmito no mato e uma paquinha lá de vez em quando na ponta do chuço. Como sou só...

— Só, só, só?

— "Suzinho, suzinho!" A Merencia morreu, faz tres anos. Os filhos, não sei deles. Criança é como ave: cria pena, avôa. O mundo é grande — andam pelo mundo avoando...

— Pois, amigo Bento, saiba que você é um heroi e um grande filosofo por cima, digno de ser memorado em prosa ou verso pelos homens que escrevem nos jor-

nais. Mas filosofo de peor especie está me parecendo aquele sujeito... conclui referindo-me ao Jonas, que se atrasara e parara de novo em contemplação da casa.

Gritei-lhe:

— Mexe-te, ó poeta que ladras ás lagartixas! Olha que saco vazio não se põe de pé, e temos dez leguas a engulir amanhã.

Respondeu-me com um gesto vago e ficou-se no lugar, imovel.

Larguei mão do cismabundo e entrei na casinhola do preto, que, acendendo luz — um candieiro de azeite — foi ao borralho buscar raizes de mandioca assada. Po-las sobre um mocho, quentinhas, dizendo:

— É o que ha. Isto e um restico de paca moqueada.

— E achas pouco, Bento? disse eu, metendo os dentes na raiz deliciosa. Não sabes que se não fosse tua providencial presença teriamos de manducar viradinho de brisas com torresmos de zefiros até alcançarmos a venda do Alonso amanhã? Deus que te abençoi e te dê no ceu um mandiocal imenso, plantado pelos anjos.

IV

Caira de todo a noite. Que ceu! Alternavam estrelas vivissimas com rebojos negros de nuvens acastela-das. Na terra, escuridão de breu, rasgada de piques de luz pelas estrelinhas avoantes. Uma coruja berrava longe, num esgalho morto de perobeira.

Que solidão, que espessura de trevas é a de uma noite assim, no deserto! Nesses momentos é que um homem bem compreende a origem tenebrosa do Medo...

V

Acabada a magra refeição, observei ao preto:

— Agora, amigo, é agarrarmos estas mantas e pelegos, mais a luz, e irmo-nos á casa grande. Dormes lá conosco, á guiza de para-raios de almas. Topas?

Contente de ser-nos util, tio Bento sobraçou a quitanda e deu-me a levar o candieiro. E lá fomos pelo escuro da noite, a chapinhar nas poças e na grama empapada.

Encontrei Jonas no mesmo lugar, absorto em frente á casa.

— Estás louco, rapaz? Não comeres, tu que estalavas de fome, e ficares aí como pereréca diante da cascavel?

Jonas olhou-me dum modo estranho e como unica resposta esganiçou um "deixa-me". Fiquei a encara-lo por uns instantes, devéras desnorteado por tão inexplicavel atitude. E foi assim, de rugas na testa, que galguei a escadaria musgosa do casarão.

Estava perra de fato a porta, como dissera o negro, mas com valentes ombradas abria-a no preciso para dar passagem a um homem. Mal entramos, morcegos ás dezenas, assustados com a luz, debandaram ás tontas, em voejos surdos.

— Macacos me lambam se isto aqui não é o quartel general de todos os ratos de asas deste e dos mundos vizinhos!

— E das suindaras, patrãozinho. Mora aqui um bandão delas que até dá medo, acrescentou o preto, ao ouvir-lhes os pios no fôrro.

A sala de espera toava com o restante da fazenda. Paredes lagarteadas de rachas, escorridas de goteiras, com vagos vestigios do papel. Moveis desaparelhados — duas cadeiras Luiz V, de palhinha rota, e mesa de centro do mesmo estilo, com o marmore sujo pelo guano dos morcegos. No této, tabuas despregadas, entremostrando rombos escuros.

Lugubre...

— Tio Bento, disse eu, procurando iludir com palavras a tristeza do coração, isto aqui cheira-me á sala nobre do sabá das bruxas. Que não venham hoje atropelar-nos, nem apareça a alma do capitão-mor a nos infernizar o sono. Não é verdade que a alma do capitão-mor vagueia por aqui a deshoras?

— Dizem, respondeu o preto. Dizem que aparece ali na casa do tronco, não ás dez, mas á meia-noite, e que sangra as unhas a arranhar as paredes...

— E depois vem cá arrastar correntes pelos corredores, hein? Como é pobre a imaginativa popular! Sempre e em toda parte a mesma aria das correntes arrastadas! Mas vamos ao que serve. Não haverá um quarto melhor do que isto, nesta hospedaria de mestre tinhoso?

— Haver, ha — trocadilhou sem querer o preto, mas é o quarto do capitão-mor. Tem coragem?

— Ainda não está convencido, Bento, de que sou um poço de coragem?

— Poço tem fundo, retrucou ele, sorrindo filosoficamente. O quarto é aqui á direita.

Dirigi-me para lá. Entrei. Quarto amplo e em melhor estado que a sala de espera. Guarneciam-no

duas velhas marquesas de palhinha bolorenta, alem de varias cadeiras rotas. Na parede, um retrato na moldura classica da epoca dourada, de cantos redondos, com florões. Limpei com o lenço a poeira acumulada no vidro e vi que era um daguerreotipo esmaiado, representando imagem de mulher.

Bento percebeu a minha curiosidade e explicou:

— É o retrato da filha mais velha do capitão Aleixo, nha Zabé, uma moça tão desgraçada...

Contemplei longamente aquela antigualha veneravel, vestida á moda da epoca.

— Tempo das anquinhas, hein Bento? Lembras-te das anquinhas?

— Se me lembro! A sinhá velha, quando vinha da cidade, era assim que ela andava, que nem uma perúa choca...

Recoloquei na parede o daguerreotipo e pus-me a arranjar as marquesas, arrumando numa e noutra pelegos, á guiza de travesseiros. Em seguida fui ao alpendre, de luz na mão, a ver se amadrinhava o meu relapso companheiro. Era demais aquela maluquice! Não jantar e agora ficar-se ali ao relento...

VI

Perdi meu requebrado. Chamei-o, mas nem com o "deixa-me" respondeu desta vez. Tal atitude pôs-me seriamente apreensivo.

— Se lhe desarranja a cabeça, aqui nestas alturas...

Torturado por esta ideia, não pude sossegar. Confabulei com o Bento e resolvemos sair em procura do transviado.

Fomos felizes. Encontramo-lo no terreiro, em face da antiga casa do tronco. Estava imovel e mudo.

Ergui-lhe a luz á altura do rosto. Que estranha expressão a sua! Não parecia o mesmo — não *era* o mesmo. Deu-me a impressão de retesado no ultimo arranco duma luta suprema, com todas as energias crispadas numa resistencia feroz. Sacudi-o com violencia.

— Jonas! Jonas!

Inutil. Era um corpo largado da alma. Era um homem "vazio de si proprio!" Assombrado com o fenomeno, concentrei todas as minhas forças e, ajudado pelo Bento, trouxe-o para casa.

Ao penetrar na sala de espera, Jonas estremeceu; parou, arregalou os olhos para a porta do quarto. Seus labios tremiam. Percebi que articulavam palavras incompreensiveis. Precipitou-se, depois, para o quarto e, dando com o daguerreotipo de Izabel, agarrou-o com frenesi, beijou-o, rompido em choro convulsivo. Em seguida, como exhausto duma grande luta, caiu sobre a marquesa, prostrado, sem articular nenhum som.

Inutilmente interpelei-o, procurando a chave do enigma. Jonas permanecia vazio... Tomei-lhe o pulso: normal. A temperatura: boa. Mas largado, como um corpo morto.

Fiquei ao pé dele uma hora, com mil ideias a me azoinarem a cabeça. Por fim, vendo-o calmo, fui ter com o preto.

— Conta-me o que sabes desta fazenda, pedi-lhe. Talvez que...

Meu pensamento era deduzir das palavras do negro algo explicativo da misteriosa crise.

VII

Nesse entremeio zangara de novo o tempo. As nuvens recobriam inteiramente o ceu, transformado num saco de carvão. Os relampagos voltaram a fulgurar, longinquos, acompanhados de rebôos surdos. E para que ao horror do quadro nenhum tom faltasse, a ventania cresceu, uivando lamentosa nas casuarinas.

Fechei a janela.

Mesmo assim, pelas frinchas, o assobio lugubre entrava a me ferir os ouvidos...

Bento falou em voz baixa, receoso de despertar o doente. Contou como viera ali, comprado pelo proprio capitão Aleixo, na feira de escravos do Valongo, molecote ainda. Disse da formação da fazenda e do carater cruel do senhor.

— Era mau, meu branco, como deve ser mau o canhoto. Judiava da gente atôa, pelo gosto de judiar. No começo não era assim, mas foi peorando com o tempo.

No caso da Liduina... A Liduina era uma bonita crioula aqui da fazenda. Muito viva, desde bem criança passou da senzala p'r'a casa grande, como mucama de Sinhazinha Zabé...

Isso foi... deve fazer sessenta anos, antes da guerra do Paraguai. Eu era molecote novo e trabalhava aqui dentro, no terreiro. Via tudo. A mucama, uma vez que Sinhazinha Zabé veiu da Côrte passar as ferias na roça, protegeu o namoro dela com um portuguesinho, e foi então...

Na marquesa, onde dormia, Jonas estremeceu. Olhei. Estava sentado e em convulsões. Os olhos exorbitados fixavam-se nalguma coisa invisivel para mim. Suas mãos crispadas mordiam a palhinha rota.

Agarrei-o, sacudi-o.

— Jonas, Jonas, que é isso?

Olhou-me sem ver, com a retina morta, num ar de desvario.

— Jonas, fala!

Tentou murmurar uma palavra. Seus labios tremeram na tentativa de articular um nome. Por fim enunciou-o, arquejante:

— "Izabel"...

Mas aquela voz já não era a voz de Jonas. Era uma voz desconhecida. Tive a sensação plena de que um "eu" alheio lhe tomara de assalto o corpo vazio. E falava por sua boca, e pensava com seu cerebro. Não era Jonas, positivamente, quem estava ali. Era "outro"!...

Tio Bento, ao pé de mim, olhava assombrado para aquilo, sem compreender coisa nenhuma; e eu, num horroroso estado de superexcitação, sentia-me á beira do medo panico. Não fossem os trovões ecoantes e o ululo da ventania nas casuarinas denunciarem-me lá fóra um horror talvez maior, e é possivel que não resistisse ao

lance e fugisse da casa maldita como um criminoso. Mas ali ao menos havia luz, aquele humilde candieiro de azeite, no momento mais precioso do que todos os bens da terra.

Estava escrito, entretanto, que ao horror dessa noite de trovoada e misterio não faltaria uma nota sequer. Assim foi que, altas horas, a luz principiou a esmorecer. Estremeci, e fiquei de cabelos eriçados quando a voz do negro murmurou a unica frase que eu não queria ouvir:

— O azeite está no fim...

— E ha mais lá em tua casa?

— Era o restinho...

Estarreci...

Os trovões ecoavam longe, e o uivar do vento nas casuarinas era o mesmo de sempre. Parecia empenhada a natureza em pôr em prova a resistencia dos meus nervos. Subito, um estalido no candieiro. A luz bruxoleou um clarão final e estinguiu-se.

Trevas. Trevas absolutas...

Corri á janela. Abri-a.

As mesmas trevas lá fóra...

Senti-me sem olhos.

Procurei a cama ás apalpadelas e caí de bruços na palhinha bolorenta.

. . . . . .

VIII

Pela madrugada começou Jonas a falar sozinho, como quem se recorda. Mas não era o meu Jonas quem falava — era o "outro".

Que cena!...

Tenho até agora gravadas a buril no cerebro todas as palavras dessa misteriosa confidencia, proferida pelo incubo no silencio das trevas profundas. Mil anos que viva e nunca se me apagará da memoria o ressoar daquela voz de misterio. Não reproduzo suas palavras da maneira como as enunciou. Seria impossivel, sobre nocivo á compreensão de quem lê. O "outro" falava ao jeito de quem pensa em voz alta, como a recordar. Linguagem taquigrafica, ponho-a aqui traduzida em lingua corrente.

IX

"Meu nome era Fernão. Filho de pais incognitos, quando me conheci por gente já rolava no mar da vida como rolha sobre a onda. Ao léu, solto nos vai-e-vens da miseria, sem carinhos de familia, sem amigos, sem ponto de apoio no mundo.

Era no Reino, na Povoa do Varzim; e do Brasil, a boa colonia preluzida em todas as imaginações como o Eldorado, eu ouvia os marinheiros de torna-viagem contarem maravilhas.

Fascinado, deliberei emigrar.

Parti um dia para Lisboa, a pé, como vagabundinho de estrada. Caminhada inesquecivel, faminta, mas rica dos melhores sonhos da minha existencia. Via-me na terra nova feito mascate de bugigangas. Depois, vendeiro; depois, comerciante com casa forte no Rio. Depois, já casado, com linda cachopa, via-me de novo na Povoa, rico, morando em quinta, senhor de vinhedo e terras de semeadura.

Assim embalado em sonhos aureos, alcancei o porto de Lisboa, onde passei o primeiro dia no cais, namorando os navios surtos no Tejo. Um havia em aprestos para largar de rumo á colonia, a caravela "Santa Tereza". Acamaradando-me com velhos marujos de gandaia por ali, consegui nela, por intermedio deles, o engajamento necessário.

— Lá, foges, aconselhou-me um, e afundas para o sertão. E mercadejas, e enriqueces, e voltas cá excelentissimo. É o que faria eu se tivesse os verdes anos que tens.

Assim fiz e, grumete do "Santa Tereza", boiei no oceano, rumo ás terras de ultramar.

Aportamos em Africa para recolher pretos d'Angola, metidos nos porões como fardos de couro suado com carne viva por dentro. Pobres pretos! Desembarcado no Rio, tive ainda ocasião de ve-los no Valongo, semi-nús, expostos á venda como rezes. Os pretendentes chegavam, examinavam-n'os, fechavam negocio.

Foi assim, nessa tarefa, que conheci o capitão Aleixo. Era um homem alentado, de feições duras, olhar de gelo. Trazia botas, chapeu largo e rebenque na mão. Atrás dele, como sombra, um capataz mal encarado.

O capitão notou o meu tipo, fez perguntas e ao cabo propos-me serviço em sua fazenda. Aceitei e fiz a pé, em companhia do lote de negros adquiridos, essa viagem pelo interior de um país onde tudo me era novidade.

Chegamos.

Sua fazenda, formada de pouco tempo, ia então no apogeu, riquissima de canaviais, gado e café em inicios. Deram-me servicinhos leves, compativeis com a idade e a minha nenhuma experiencia da terra. E, sempre subindo de posto, ali continuei até ver-me homem.

A familia do capitão morava na Côrte. Os filhos vinham todos os anos passar temporadas na roça, enchendo a fazenda de travessuras loucas. Já as meninas, então no colegio, lá se deixavam ficar mesmo nas ferias. Só vieram uma vez, com a mãe, dona Teodora — e foi isso a minha desgraça...

Eram duas, Inês, a caçula, e Izabel, a mais velha, lindas meninas de luxo, radiosas de mocidade. Eu as via de longe, como nobres figuras de romance, inacessiveis e lembro-me do efeito que naquele sertão bruto, asselvajado pela escravaria retinta, fazia a presença das meninas ricas, sempre vestidas á moda da Côrte. Eram princesinhas de conto de fadas que só provocam uma atitude: adoração.

Um dia...

Aquela cachoeira — lá lhe ouço o remoto rumorejo — era a piscina da fazenda. Escondida numa grota, como joia de cristal vivo a defluir com permanente escachôo num engaste rustico de taquaris, caetês e ingazeiros, formava um recesso grato ao pudor dos banhistas.

Um dia...

Lembro-me bem — era domingo e eu, de vadiagem, saira cedo a passarinhar. Seguia pela margem do ribeirão tocaiando os passaros ribeirinhos.

Um picapau de cabeça vermelha zombou de mim. Errei a bodocada e, metido em brios, afreimei-me em persegui-lo. E, salta daqui, salta dali, quando dei acordo estava embrenhado na grota da cachoeira, onde, num galho de ingá, pude visar melhor a minha presa e espelotea-la.

Caíu a avezinha longe do meu alcance; barafustei pela trama dos taquaris para colhe-la. Nisto, por uma aberta na verdura, avistei em baixo a bacia de pedra onde a agua chofrava. Mas estarreci. Duas ninfas nuas brincavam na espuma. Reconheci-as. Eram Izabel e sua mucama dileta, da mesma idade, a Liduina.

O improviso da visão ofuscou-me os olhos. Quem ha insensivel á beleza da mulher em flor e, a mais, vista assim em nudez num quadro agreste daqueles?

Izabel deslumbrou-me.

Corpo escultural, nesse periodo entontecedor em que florescem todas as promessas da puberdade, diante dele senti a explosão subitanea dos instintos. Ferveu-me nas veias o sangue. Fiz-me cachoeira de apetites. Vinte anos! O momento das erupções incoerciveis...

Imovel como estatua, ali me quedei em extase o tempo que durou o banho. E estou ainda com o quadro na imaginação. A graça com que ela, de cabeça erguida, boca entreaberta, apresentava os pequeninos seios ao jacto das aguas... Os sustos e gritinhos nervosos quando gravetos derivantes lhe esfrolavam a epiderme... Os mergulhos de sereia na bacia de pedra e o emergir do corpo aljofrado de espuma...

Durou minutos o banho fatal. Depois vestiram-

se numa lage a seco e lá se foram, contentes como borboletinhas ao sol.

Fiquei-me por ali, extatico, rememorando a cena mais linda que meus olhos viram.

Impressão de sonho...

Aguas de cristal rumorejante; frondes orvalhadas pendidas para a linfa como a lhe escutar o murmurio; um raio de sol matutino, coado pelas françcas, a pintalgar de ouro tremeluzente a nudez menineira das naiades.

Quem poderá esquecer um quadro assim?

.....

X

Essa impressão matou-me. Matou-nos.

.....

XI

Sai dali transformado.

Não era mais o humilde serviçal da fazenda, contente de sua sorte. Era um homem branco e livre que desejava uma mulher formosa.

Daquele momento em diante minha vida iria girar em torno dessa aspiração. Nascera em mim o amor, vigoroso e forte como as ervas loucas da tiguera. Dia e noite só um pensamento ocuparia meu cerebro: Izabel. Um só desejo: vê-la. Um só objetivo á minha frente: possui-la.

Todavia, apesar de branco e livre, que abismo me separava da filha do fazendeiro! Eu era pobre. Era um subalterno. Era nada.

Mas o coração não raciocina, nem o amor olha para conveniencias sociais. E assim, desprezando obstaculos, cresceu o amor no meu peito como crescem rios em tempo de cheia.

Aproximei-me da mucama e, depois de lhe cair em graça e lhe conquistar a confiança, contei-lhe um dia a minha tortura.

— Liduina, tenho um segredo n'alma que me mata, mas tu poderás salvar-me. Só tu. Preciso do teu socorro... Juras auxiliar-me?

Ela espantou-se da confidencia, mas, insistida, rogada, implorada, prometeu tudo quanto pedi.

Pobre criatura! Tinha alma irmã da minha e foi ao compreender su'alma que pela primeira vez alcancei todo o horror da escravidão...

Abri-lhe o meu peito e revelei-lhe em frases candentes a paixão que me consumia.

Liduina a principio assustou-se. Era grave o caso. Mas quem resiste á dialetica dos apaixonados? E Liduina, vencida afinal, prometeu auxiliar-me.

XII

A mucama agiu por partes, fazendo desabrochar o amor no coração da senhora sem que esta o percebesse. A principio, uma vaga e discreta referencia á minha pessoa.

— Sinhazinha conhece o Fernão?

— Fernão?!... Quem é?

— Um moço que veio do reino e toma conta do engenho...

— Se já o vi, não me lembro.

— Pois repare nele. Tem uns olhos...

— É teu namorado?

— Quem me dera!...

Foi essa a abertura do jogo. E assim, aos poucos, em dosagem habil, hoje uma palavra, amanhã outra, no espirito de Izabel nasceu a curiosidade — passo numero um do amor.

Certo dia Izabel quis ver-me.

— Falas tanto nesse Fernão, nos olhos desse Fernão, que estou curiosa de vê-lo.

E viu-me.

Eu estava no engenho, dirigindo a moagem da cana, quando as duas apareceram de copo na mão. Vinham com o pretexto da garapa.

Liduina, achegou-se a mim e,

— Sêo Fernão, uma garapinha de espuma para Sinhá Izabel.

A menina olhou-me de frente, mas não lhe pude sustentar o olhar. Baixei os meus olhos, conturbado. Eu tremia, balbuciava apenas, nessa ebriez do primeiro encontro.

Dei ordens aos pretos e logo jorrou da bica um jacto fofo de garapa espumejante. Tomei o copo da mão da mucama, enchi-o e ofereci-o á naiade. Ela o recebeu com simpatia, bebeu aos golinhos e pagou-me o

serviço com um gentil "obrigada", olhando-me de novo nos olhos.

Pela segunda vez baixei os meus.

Sairam.

Mais tarde Liduina contou-me o resto — um pequenino dialogo.

— Tinha razão, dissera-lhe Izabel, é um bonito rapaz. Mas não lhe vi bem os olhos. Que acanhamento! Parece que tem medo de mim... Duas vezes que o olhei de frente, duas vezes que os baixou.

— Vergonha, disse Liduina. Vergonha ou...

— ... ou que?

— Não digo...

A mucama, com o seu fino instinto de mulher, compreendeu que não era ainda tempo de pronunciar a palavra amor. Pronunciou-a dias mais tarde, quando percebeu a menina suficientemente madura para ouvi-la sem escandalo.

Passeavam pelo pomar da fazenda, então no auge da florescencia.

O ar embriagava, tanto era o perfume nele solto.

Abelhas aos milhares, e colibris zumbiam e esfusiavam num delirio orgiaco.

Era a festa anual do mel.

Percebendo em Izabel o trabalho dos amavios ambientes, Liduina aproveitou o ensejo para um passo a mais.

— Quando eu vinha vindo vi sêo Fernão sentado na pedra do muro. Uma tristeza...

— Que será que ele tem? Saudades da terra?

— Quem sabe?! Saudades ou...

— ... ou quê?

— ou amor.

— Amor! amor! disse Izabel sorvendo com volupia o ar embalsamado. Que linda palavra, Liduina! Eu, quando vejo um laranjal assim florido, a palavra que me vem á ideia é essa: amor! Mas amará ele a alguem?

— Pois de certo. Quem não ama neste mundo? Os passarinhos, as borboletas, as vespas...

— Mas a quem amará ele? A alguma preta do eito, com certeza... e Izabel riu-se desabaladamente.

— Aquele? fez Liduina num muxoxo. Não é desses, não, Sinhazinha. Moço pobre, mas de condição. Para mim, até penso que ele é filho dalgum fidalgo do reino. Anda por aqui escondido...

Izabel quedou-se pensativa.

— Mas a quem amará, então, aqui, neste deserto de brancas?

— Pois as brancas...

— Que brancas?

— Dona Inezinha... Dona Izabelinha...

A mulher desapareceu por um momento para ceder o lugar á filha do fazendeiro.

— Eu? Engraçadinha! Era só o que faltava...

Liduina calou-se. Deixou que a semente lançada corresse o prazo da germinação. E, vendo um tal casal de borboletas a perseguirem-se com estalidos de asas, mudou o rumo á conversa.

— Sinhazinha já reparou nestas borboletas de perto? Têm dois numeros debaixo das asas — oito, oito. Quer ver?

Correu atrás delas.

— Não pégas! gritou Izabel, divertida.

— Mas pégo esta aqui, retrucou Liduina apanhando outra, lerdota, e trazendo-a a espernejar entre os dedos.

— É ver uma casca de arvore com musgo. Espertalhona! Assim se disfarça, que ninguem a percebe quando está sentadinha. É como o periquito, que está gritando numa arvore, em cima da cabeça da gente, e a gente nada vê. Por falar em periquito, por que Sinhazinha não arranja um casal?

Izabel tinha o pensamento longe dali. A mucama bem o sentia, mas muito de industria continuava na tagarelice.

— Dizem que se querem tanto, os periquitos, que quando um morre o companheiro se mata. Tio Adão teve um assim, que se afogou numa pocinha d'agua no dia em que a periquita morreu. Só entre os passaros ha coisas dessas...

Izabel continuava absorta. Mas em dado momento quebrou o mutismo.

— Por que lembraste de mim nesse negocio do Fernão?

— Por que? repetiu Liduina cavorteiramente. Porque é tão natural isso...

— Alguem te disse alguma coisa?

— Ninguem. Mas se ele ama de amor, aqui neste sertão, e ficou assim agora, depois que Sinhazinha chegou, a quem ha-de amar?... Ponha o caso em si. Se Sinhazinha fosse ele, e ele fosse Sinhazinha...

Calaram-se ambas e o passeio terminou no silencio de quem dialoga consigo mesmo.

XIII

Izabel dormiu tarde essa noite. A ideia de que sua imagem enchia o coração de um homem esvoaçava-lhe na imaginação como as abelhas no laranjal.

— "Mas é um subalterno! alegava o Orgulho.

— "Qu'importa, se é um moço rico de bons sentimentos? retorquiu a Natureza.

— "E bem pode ser que fidalgo!... acrescentava, insinuante, a Fantasia.

A Imaginação tambem veiu á tribuna.

— "E póde vir a ser um poderoso fazendeiro. Quem era o capitão Aleixo na idade dele? Um simples arreador...

Já era o Amor quem assoprava tais argumentos.

Izabel ergueu-se da cama e foi á janela. A lua em mingoante quebrava de tons cinerios o escuro da noite. Os sapos no brejal coaxavam melancolicos. Vagalumes tontos riscavam fosforos no ar.

Era aqui... Era aqui neste quarto, era aqui nesta janela!...

Eu a espiava de longe, nesse estado de extase que o amor provoca na presença do objeto amado. Longo tempo a vi assim, imersa em cisma. Depois fechou-se a persiana, e o mundo para mim se encheu de trevas.

XIV

No outro dia, antes que Liduina abordasse o tema dileto, disse-lhe Izabel:

— Mas, Liduina, que é amor?

— Amor? respondeu a arguta mucama em quem o instinto substituia a cultura. Amor é uma coisa...

— ... que...

— ... que vem vindo, vem vindo...

— ... e chega!

— e chega e toma conta da gente. Tio Adão diz que o amor é doença. Que a gente tem sarampo, catapora, tosse comprida, cachumba e amor — cada doença no seu tempo.

— Pois eu tive tudo isso, replicou Izabel, e não tive amor...

— Sossegue que não escapa. Teve as peores e não ha-de ter a melhor? Espere que um dia ele vem...!

Silenciaram.

Subito, agarrando o braço da mucama, Izabel encarou-a a fito nos olhos.

— És minha amiga do coração, Liduina?

— Um raio me parta neste momento se...

— És capaz dum segredo, mas dum segredo eterno, eterno, eterno?

— Um raio me parta se...

— Cala a boca.

Izabel vacilava.

Depois, nessa ansia de confidencia que nasce ao primeiro luar do amor, disse, corando:

— Liduina, parece-me que estou ficando doente... da doença que faltava.

— Pois é tempo, exclamou a finoria arregalando os olhos. Dezessete anos...

— Dezesseis.

E Liduina, cavilosa:

— Algum fidalguinho da Côrte?

Izabel vacilou de novo; por fim disse:

— Eu tenho um namorado no Rio — mas é namoro só. Amor, amor, desse que bole cá dentro com o coração, desse que vem vindo, vem vindo e chega, não! Não, lá...

E em cochicho ao ouvido da mucama, corando:

— Aqui!...

— Quem? perguntou Liduina, simulando espanto.

Izabel não respondeu com palavras. Ergueu-se e:

— Mas é um comecinho só. Vem vindo...

XV

O amor veiu vindo e chegou. Chegou e destruiu todas as barreiras. Destruiu nossas vidas e acabou destruindo a fazenda. Estas ruinas, estas corujas, este morcegal, tudo não passa da florescencia de um grande amor...

Por que ha de ser a vida assim? Por que hão de os homens, á força do orgulho, impedir que o botão da maravilhosa planta passe a flor? E por que hão de transformar o que é ceu em inferno, o que é perfume em dor, o que é luz em negrume, o que é beleza em caveira?

Izabel, mimo de fragilidade feminil avivada de graça brasilia, tinha o quê perturbador das orquideas. Sua beleza não era ao molde da beleza rechonchuda e corada, forte e sadia, das cachopas da minha terra. Por

isso mèsmo mais fortemente me seduzia a palida princesinha tropical.

Ao inverso, o que em mim a seduzia era a força varonil e transbordante, e a nobre rudeza dos meus instintos, que iam até á audacia de pôr os olhos na altura em que ela pairava.

XVI

O primeiro encontro foi... casual. Meu acaso chamava-se Liduina. Seu genio instintivo fê-la a boa fada de nossos amores.

Foi assim.

Estavam as duas no pomar diante duma pitangueira enrubescida de frutos.

— Lindas pitangas! disse Izabel. Sobe, Liduina e apanha um punhado.

Aproximou-se Liduina da pitangueira e fez vãs tentativas para trepar.

— Impossivel, Sinhazinha, só chamando alguem. Quer?

— Pois vai chamar alguem.

Liduina partiu correndo e Izabel teve a previsão nitida de quem viria. De fato, momentos depois apareci eu.

— Senhor Fernão, desculpe-me, disse a moça. Pedi áquela maluca que chamasse algum preto para colher pitangas — e foi ela incomoda-lo.

Perturbado pela sua presença e com o coração aos pulos, gaguejei, para dizer algo:

— São pitangas que quer?

— Sim. Mas falta uma cestinha que Liduina foi buscar.

Pausa.

Izabel, tão senhora de si, percebi-a nesse momento embaraçada como eu. Não tinha o que dizer. Silenciava. Por fim:

— Moem cana hoje? perguntou-me.

Gaguejei que sim e novo silencio se fez. Para quebra-lo, Izabel gritou em direção da casa:

— Anda depressa, rapariga! Que lesmice...

E depois, para mim:

— Não tem saudades de sua terra?

Despregou-se-me a lingua. Perdi o embaraço. Respondi que tive, mas não as tinha mais.

— Os primeiros anos passei-os a suspirar á noite, saudoso de tudo de lá. Só quem emigrou sabe a dor do fruto arrancado á arvore. Conformei-me, afinal. E hoje... o mundo inteiro para mim está aqui nestas montanhas.

Izabel compreendeu-me a intenção e quis perguntar-me por que. Mas não teve animo. Saltou para outro assunto.

— Por que motivo só as pitangas desta arvore prestam? As outras são tão azedas...

— Vai ver, disse eu, que esta arvore é feliz e as outras não. O que azeda os homens e as coisas é a desgraça. Fui doce como a lima, logo que vim para cá. Hoje sou amargo...

— Julga-se infeliz?

— Mais do que nunca.

Izabel arriscou-se:

— Por que?

Respondi intrepidamente:

— Dona Izabel, que é menina rica, não imagina a posição desgraçada de quem é pobre. O pobre forma neste mundo uma casta maldita, sem direito a coisa nenhuma. O pobre não pode nada...

— Pode, sim. Pode uma coisa...

— ?

— Deixar de ser pobre.

— Não falo da riqueza do dinheiro. Essa é facil de alcançar, depende apenas de esforço e habilidade. Falo de coisas mais preciosas que o ouro. Um pobre, tenha o coração que tiver, seja a mais nobre das almas, não tem o direito de erguer os olhos para certas *alturas*...

— Mas se a *altura* quiser descer até ele? retrucou audaciosa e vivamente a menina.

— Esse caso acontece ás vezes nos romances. Na vida, nunca...

Calamo-nos de novo. Neste entremeio Liduina reapareceu, esbaforida, com a cestinha na mão.

— Custou-me a achar, disse a velhaca, justificando a demora. Estava caida atrás do toucador.

O olhar que lhe lançou Izabel dizia: "Mentirosa!"

Tomei a cesta e preparei-me para trepar á arvore.

Izabel, porém, interveiu:

— Não! Não quero mais pitangas. Vão tirar-me o apetite para a garapa do meio-dia. Ficam para outra vez.

E para mim, amavel:

— Queira desculpar-me...

Saudei-a, ebrio de felicidade, e lá me fui de aleluias n'alma, com o mundo a dansar em torno de mim.

Izabel seguiu-me com o olhar, pensativamente.

— Tinha razão, Liduina, é um rapagão que vale todos os pelintras da Côrte. Mas, coitado!... Queixa-se tanto do seu destino...

— Bobagens, muxoxou a mucama, trepando á pitangueira com agilidade de macaco.

Vendo aquilo, Izabel sorriu e murmurou, entre repreensiva e maliciosa:

— Você, Liduina...

A rapariga, que tinha entre os dentes alvissimos o vermelho duma pitanga, esganiçou uma risada velhaca.

— Pois Sinházinha não sabe que sou mais sua amiga do que sua escrava?

XVII

O amor é o mesmo em toda parte e em todos os tempos. Aquele enleio do primeiro encontro é o eterno enleio dos primeiros encontros. Aquele dialogo á sombra da pitangueira é o eterno dialogo da abertura. Assim, nosso amor, tão novo para nós, reproduzia um jogo velho qual o mundo.

Nascera em Izabel e em mim um sexto sentido maravilhoso. Compreendiamo-nos, adivinhavamo-nos e descobrimos meios de inventar os mais imprevistos encontros — encontros deliciosos, em que um olhar bastava para a permuta de mundos de confidencias...

Izabel amou-me.

Que periodo de vida, esse!

Eu sentia-me alto como as montanhas, forte como o oceano e todo a coruscar de estrelas por dentro.

Era rei.

A terra, a natureza, os ceus, a lua, a luz, a côr, tudo existia para ambiente do meu amor. Não era mais vida aquele meu viver, sim um extase continuo.

Alheado de tudo, uma só coisa eu via, duma só coisa me alimentava.

Riquezas, poderio, honras — que vale tudo isso ante a sensação divina de amar e ser amado?

Nessa ebriedade vivi — quanto tempo não sei. O tempo não contava para o meu amor. Vivia — tinha a impressão de que só nessa epoca entrara a viver. Antes, a vida não me fôra mais que simples agitação animalesca.

Poetas! Como vos compreendi a voz interior ressoada em rimas, como me irmanei convosco no esvoaçar pelos intermundios do sonho!...

Liduina comportava-se como a fada boa dos nossos destinos. Sempre vigilante, a ela deviamos inteirinho o mar de felicidade em que boiavamos. Lepida, mimosa, travessa, a gentil crioula enfeixava em si toda a artimanha da raça perseguida — e todo o genio do sexo escravizado á prepotencia do homem.

Entretanto, o bem que nos fizeste como se avinagrou para ti, Liduina!... Em que fel horroroso se transfez para ti, afinal...

Eu sabia que o mundo é governado pelo monstro Estupidez. E que Sua Majestade não perdoa o crime de Amor. Mas nunca supus que esse monstro fosse a

féra delirante que é — tão sanguissedenta, tão requintada em ferocia. Nem que houvesse monstro mais bem servido que esse.

Que comitiva numerosa traz!

Que servos diligentes possue!

A sociedade, as leis, os governos, as religiões, os juizes, as morais, tudo que é força social organizada presta mão forte á Estupidez Onipotente.

E assanha-se em punir, em torturar o ingenuo que, conduzido pela natureza, arrosta com os mandamentos da megera.

Ai dele, se comete um crime de lesa-Estupidez! Mãos de ferro constringem-lhe a garganta. Seu corpo rola por terra, espezinhado; seu nome perpetua-se com péchas infames.

Nosso crime — que lindo crime: amar! — foi descoberto. E a monstruosa engrenagem de aço triturou-nos, ossos e almas, aos tres...

XVIII

Uma noite...

A lua, bem no alto, empalidecia as estrelas e eu, triste, velava, rememorando o ultimo encontro com Izabel. Fôra á tardinha, numa volta do ribeirão, á sombra dum tufo de marianeiras cacheadas de frutos. Mãos unidas, cabeça contra cabeça, num enlevo de comunhão d'alma, assistiamos ao alvoroto da peixaria assanhada na disputa das frutinhas amarelas que a espaços pipocavam na agua remansosa do rio. Izabel, absorta, mirava

aquelas ariscas linguinhas de prata, apinhadas em torno das iscas.

— Sinto-me triste, Fernão. Tenho medo da nossa felicidade. Qualquer coisa me diz que isso vai ter fim — e fim tragico...

Minha resposta foi aconchega-la inda mais ao meu peito.

Um bando de saíras e sanhaços, de pouso nas marianeiras, entraram a debicar energicamente os cachos da frutinha silvestre. E o espelho das aguas piriricou ao chuveiro das migalhas caidas. Coalhou-se o rio de lambaris famintos, engalfinhados num delirio de regabofe, com saltos de prata faiscantes no ar.

Izabel, sempre absorta, dizia:

— Como são felizes!... E são felizes porque são livres. Nós — pobres de nós!... Nós somos inda mais escravos do que os escravos do eito...

Duas "viuvinhas" pousaram numa haste de perí emersa da margem fronteira. A vara vergou-se-lhe ao peso, oscilou uns instantes e estabilizou-se de novo. E o lindo casal permaneceu imovel, juntinho, comentando talvez, como nós, a festa glutona dos peixes.

Izabel murmurou num sorriso de infinita melancolia:

— Que cabecinha sossegada eles têm...

Eu rememorava frase por frase esse ultimo encontro com a minha amada, quando, dentro da noite, ouvi bulha á porta.

Alguem corria o ferrolho e entrava.

Sentei-me na cama, de sobressalto.

Era Liduina. Tinha os olhos esgazeados de pavor e foi em voz arquejante que atropelou as derradeiras palavras que lhe ouvi na vida.

— Fuja! O capitão Aleixo sabe tudo. Fuja, que estamos perdidos...

Disse, e esgueirou-se para o terreiro como sombra.

XIX

O choque foi tamanho que me senti vazio de cerebro. Parei de pensar...

O capitão Aleixo...

Lembro-me bem dele. Era o plenipotenciario de Sua Majestade a Estupidez nestas paragens. Frio e duro, não reconhecia sensibilidade em carne alheia. Recomendava sempre aos feitores a sua receita de bem conduzir os escravos: "Angú por dentro e relho por fora, sem economia e sem dó."

Consoante tal programa, a vida na fazenda escoava-se entre trabalhos de eito, comezaina farta e "bacalhau."

Com o tempo desenvolveu-se nele a crueldade inutil. Não se limitava a impor castigos: ia presencia-los. Gozava de ver a carne humana avergoar-se aos golpes do couro cru.

Ninguem, entretanto, estranhava aquilo. Os pretos sofriam como predestinados á dor. E os brancos tinham como dogma que de outra maneira não se levavam pretos.

O sentimento de revolta não latejava em ninguem, salvo em Izabel, que se fechava no quarto, de dedos fin-

cados nos ouvidos, sempre que na casa-do-tronco o bacalhau arrancava urros a um pobre infeliz.

A mim, em começo, tambem me era indiferente a dor alheia. Ao depois — depois que o amor me floriu a alma de todas as flores do sentimento — aquelas barbaridades diarias punham-me fremente de colera.

Uma vez tive impetos de estrangular o despota. Foi o caso dum vizinho que lhe trouxera um cão de fila para vender.

XX

— É bom? Bem bravo? perguntou o fazendeiro examinando o animal.

— Uma fera! Para apanhar negro fugido, nada melhor.

— Não compro nabos em sacos, disse o capitão. Experimentemo-lo.

Ergueu os olhos para o terreiro que fulgurava ao sol. Deserto. A escravaria inteira na roça. Mas naquele momento o portão se abriu e um preto velho entrou, cambaio, de jacá ao ombro, rumo ao chiqueiro dos porcos. Era um estropiado do eito que pagava o que comia tratando da criação.

O fazendeiro teve uma ideia. Tirou o cão da corrente e atiçou-o contra o preto.

— Péga, Vinagre!

O mastim partiu como bala e instantes depois ferrava o pobre velho, dando com ele em terra. Estraçalhou-o...

O fazendeiro sorria-se com entusiasmo.

— É de primeira, disse ao sujeito. Dou-lhe cem mil réis pelo Vinagre.

E como o sujeito, assombrado daqueles processos, lamentasse a desgraça do estraçalhado, o capitão fez cara de espanto.

— Ora bolas! Um caco de vida...

XXI

Pois foi esse homem que vi subitamente penetrar no meu quarto, essa noite, logo depois que se sumiu Liduina. Acompanhavam-no dois feitores, como sombras. Entrou e fechou a porta sobre si. Parou a alguma distancia. Olhou-me e sorriu.

— Vou dar-te uma bela noivinha, disse ele. E num gesto ordenou aos carrascos que me amarrassem.

Despertei da vacuidade. O instinto de conservação retesou-me todas as energias e, mal os capangas vieram a mim, atirei-me a eles com furor de onça femea a quem roubam os cachorrinhos.

Não sei quanto tempo durou a luta horrorosa; sei apenas que a tantas perdi os sentidos em virtude das violentas pancadas que me racharam a cabeça.

Quando despertei pela madrugada vi-me por terra, com os pés doridos entalados no tronco. Levei a mão aos olhos sujos de pó e sangue e entrevi á minha esquerda, no extremo do madeiro hediondo, um corpo desmaiado de mulher.

Liduina...

Percebi ainda que havia mais gente ali.

Olhei.

Dois homens de picaretas abriam um largo rombo no espesso muro de taipa.

Outro, um pedreiro, misturava cal e areia no chão, rente a uma pilha de tijolos.

O fazendeiro tambem ali estava, de braços cruzados, dirigindo o serviço. Vendo-me desperto, aproximou-se do meu ouvido e murmurou com gelido sarcasmo as ultimas palavras que ouvi sobre a terra:

— Olhe! A tua noivinha é aquela parede...

Compreendi tudo: iam emparedar-me vivo...

. . . . . .

XXII

Aqui se interrompeu a historia do "outro", como a ouvi naquela horrorosa noite Repito que não a ouvi assim, nessa ordem literaria, mas murmurada em soliloquio, aos arrancos, ás vezes entre soluços, outras num cicío imperceptivel. Tão estranha era essa forma de narrar que o velho Tio Bento não apanhou coisa nenhuma.

E foi com ela a me doer no cerebro que vi chegar a manhã.

— Benditas sejas, luz!

Ergui-me, alvoroçado.

Abri a janela, todo a renascer-me dos horrores noturnos.

O sol lá estava espiando-me dentre a copa do arvoredo. Seus raios de ouro invadiram-me a alma. Varreram dela os frocos de trevas que a entenebreciam qual cabelugem de pesadelo.

O ar lavado e alerta encheu-me os pulmões da delirante vida matutina. Respirei-o alegremente, em haustos largos.

E Jonas? Dormia ainda, repousado de feições.

Era "ele" outra vez. O "outro" fugira com as trevas da noite.

— Tio Bento, exclamei, conte-me o resto da historia. Que fim teve Liduina?

O velho preto recomeçou a conta-la a partir do ponto em que a interrompera na vespera.

— Não! gritei eu, dispenso isso tudo. Só quero saber que fim teve Liduina depois que o capitão deu sumiço ao moço.

Tio Bento abriu cara de espanto.

— Como o meu branco sabe disso?

— Sonhei, tio Bento.

Ele permaneceu ainda uns instantes admirado, custando a crer. Depois narrou:

— Liduina morreu no chicote, a coitadinha — tão na flor, dezenove anos... O Gabriel e o Estevão, os carrascos, retalharam o seu corpinho de criança com os rabos do bacalhau... A mãe dela, que só na hora do castigo soube do acontecido na vespera, correu feito louca para a casa do tronco. No momento em que empurrou a porta e olhou, uma chicotada cortava o seio esquerdo da filha. Antonia deu um grito e caiu para trás como morta.

Apesar do radioso da manhã meus nervos fremiram ás palavras do preto.

— Basta, basta... De Liduina basta. Só quero agora saber o que sucedeu a Izabel.

— Nha Zabé ninguem mais viu ela na fazenda. Foi levada para a Côrte e acabou mais tarde no hospicio, é o que dizem.

— E Fernão?

— Esse sumiu. Ninguem nunca soube dele — nunca, nunca...

Jonas acabava de despertar. E ao ver luz no quarto sorriu. Queixava-se de peso na cabeça.

Interpelei-o sobre o eclipse noturno de sua alma, mas Jonas mostrou-se alheio a tudo. Enrugou a testa, recordando-se.

— Lembro-me que uma coisa me invadiu, que fui empolgado, que lutei com desespero...

— E depois?

— Depois?... Depois um vacuo...

Saimos para fóra.

A casa maldita, mergulhada na onda de luz matutina, perdera o aspecto tragico.

Disse-lhe adeus — para sempre...

— *Vade retro*!...

E fomo-nos á casinhola do preto engulir o café e arrear os animais.

De caminho espiei pelas grades da casa-do-tronco: na taipa grossa da parede havia um trecho murado a tijolo...

Afastei-me horripilado.

E guardei comigo o segredo da tragedia de Fernão. Só eu no mundo a conhecia, contada por ele mesmo, oitenta anos após a catastrofe.

Só eu!

Mas como não sei guardar segredo, revelei-o em caminho ao Jonas.

Jonas riu-se á larga e disse, estendendo-me o dedo minguinho:

— Morde aqui!...

1922

Barba Azul

Jantavamos no Hotel d'Oeste, eu e o Lucas, um amigo que sabe historias. A tantas, como percebesse certo vulto lá no fundo do salão, o rapaz firmou a vista e murmurou em soliloquio:

— Será ele?...

— Ele, quem?

— Estás vendo aquele sujeito gordo, na terceira mesinha á esquerda?

— O de luto?

— Sim... O patife anda sempre de luto...

— Quem é?

— Um celerado que tem muito dinheiro e teve muitas mulheres.

— Até aí nada vejo de mais.

— *Tem muito dinheiro porque teve muitas mulheres.* Está poderoso. Ri-se do mundo e de sua justiça. Inventou um crime inedito não previsto pelas leis e com isso enriqueceu. Se um de nós o denunciasse, o patife nos processaria e nos meteria na cadeia. Note-lhe bem o tipo; raras vezes terás ocasião de topar um celerado desse tamanho.

— Mas...

— Lá fora contarei tudo. Toca a jantar.

Enquanto jantavamos examinei o sujeito, sem que nada no seu fisico me parecesse estranho. Deu-me a impressão dum medico aposentado que vivesse de rendas.

Por que de medico? Não sei. As criaturas dão-me ao disto ou daquilo por força duma aura que pressinto a envolve-las. Confesso, todavia, que minha adivinhação erra bastante. Sai-me fazendeiro um que eu previa medico, e surge-me corretor de negocios outro que eu jurava engenheiro. Creio que a falha do diagnostico vem dos homens desrespeitarem as vocações, e adotarem na vida atitudes profissionais diversas das que, por injunção natural, deviam eleger. Como no entrudo. As mascaras nunca dizem das caras verdadeiras que escondem.

Terminado o jantar, saimos em direção ao Triangulo, e lá nos abancamos num sordido café. O meu amigo voltou ao assunto.

— Caso notavel, o daquele homem! Caso merecedor de novela ou conto, já que a justiça não tem forças para mete-lo na cadeia. Conheci-o no Oéste, pratico de farmacia em Brotas. Um dia casou-se. Lembro-me disso porque assisti ao casamento a convite dos pais da moça. Era a Pequetita Mendes, filha dum sitiante arranjado.

Pequetita! Bem posto apelido, que não era bem mulher aquela isca de gente. Miudinha, magrinha, sequinha, sem cadeiras, sem ombros, sem seios, Pequetita não passava de um desses restolhos enfermiços que aparecem ao lado das espigas viçosas — sabuguinho debil, um grão aqui, outro ali. Apesar dos seus vinte e cinco anos, representava treze, e o escolhe-la Panfilo

— chama-se Panfilo Novais o meu facinora — espantou a todos, a começar pela moça. Como, porém, era ele pobre e ela arranjada, explicou-se financeiramente a união.

Mas nada poderia resultar de bom duma união dessa ordem, que repugnava aos homens e á natureza. Pequetita não viera ao mundo para o matrimonio. O instinto da especie fizera-a ponto final. "Pararás aí".

Ninguem pensou nisso, nem ela, nem os pais, nem ele — nem ele, *que depois só pensaria nisso...*

— ?

— Ouve. Casaram-se e tudo correu excelentemente até que...

— ... se separaram...

— ... até que os separou a morte. Pequetita não resistiu ao primeiro parto; faleceu após cruel intervenção cirurgica.

Panfilo, dizem, chorou amargamente a morte da esposa, embora viessem consola-lo os trinta contos de um seguro por ela constituido em seu favor.

A meu ver é daqui por diante que surge o criminosô. O desastre do primeiro casamento criou-lhe no cerebro um pensamento sinistro — pensamento que o iria nortear pela vida afora e que o fez, como te disse, rico e poderoso. A morte de Pequetita ensinou-lhe um crime inedito, não previsto pelas leis humanas.

— Espera. Compreenderás tudo dentro em pouco. Decorrido um ano, o nosso homem, já dono da farmacia, apresentou-se novamente enliçado pelo amor. Aparecera por lá uma familia de fora, gente pobre, mãe viuva com quatro filhas casadeiras. Tres delas, lindas e viço-

sas, viram-se logo requestadas por todos os moços desimpedidos do lugar. Já a quarta, restolho maninguera que fazia lembrar Pequetita, só teve um par d'olhos que a cubiçassem, os de Panfilo.

Pediu-a em casamento.

A mãe opôs-se — que era loucura aquilo; que a menina lhe nascera enfezada; que se queria mulher, escolhesse uma das tres sadias.

Nada conseguiu. Panfilo fez pé firme e afinal casou-se.

Foi um assombro. Arranjadote que já era, coisa nenhuma justificava tal preferencia. Ele defendia-se hipocritamente, lamecha e sentimental:

— É o meu genero. Gosto dos bibelôs e esta me lembra a minha amada Pequetita...

Resumindo: dez meses depois o patife enviuvava de novo nas mesmas circunstancias da primeira vez. Morreu-lhe de parto a mulher.

— Novo seguro?

— E grande. Desta feita a bolada subiu a cem contos. Mudou-se de terra, então. Vendeu a farmacia e perdi-o de vista.

Anos depois fui encontra-lo no Rio, numa casa de chá. Estava outro, elegantemente vestido, denunciando prosperidade por todos os poros. Viu-me, reconheceu-me e chamou-me para sua mesa. Conversa vai, conversa vem, contou-me que se casara pela quarta vez, havia coisa de um ano.

Assombrei-me.

— "Pela quarta?"

— "É verdade. Depois que sai daquela abençoada terrinha onde o destino me fez enviuvar duas vezes, casei-me em Uberaba com a filha do Coronel Tolosa. Mas continuei perseguido pelo destino: faleceu-me essa tambem..."

— "Gripe?"

— "Parto..."

— "Como a primeira, então? Mas, doutor, perdoi-me a liberdade: o senhor escolhe mal as mulheres! Vai ver que essa terceira era miudinha como as anteriores", disse eu irrefletidamente.

O homem franziu os sobrolhos e encarou-me dum modo estranho, como se lhe batera a pacuera ante a ironia dum Sherlock disfarçado. Voltou logo ao natural, porém, e prosseguiu com serenidade:

— "Que quer? É o meu genero. Não suporto mulheraças."

E mudou de assunto.

Ao deixa-lo fiquei apreensivo, com a suspeita a gerar-se-me no cerebro. Liguei a estranheza dos seus modos ante a minha observação ao olhar perscrutador com que devassara meu intimo, e deixei escapar em voz alta um — *Hum*! que chamou a atenção de dois ou tres passantes. E o caso do doutor Panfilo ficou a verrumar-me os miolos dias e dias.

— Doutor, dizes tu?

— Está claro. O diploma veiu logo atrás dos seguros, como consequencia logica. Quem nesta terra, com algumas centenas de contos no banco, permanece *senhor*?

Por curiosidade, no intuito exclusivo de esclarecer-me, tomei informações relativas á sua quarta esposa. Soube que era de Cachoeira e fisicamente do mesmo naipe das outras.

Fui além. Tratei de indagar nas companhias de seguros que negocios trazia nelas o *doutor* Panfilo e soube que a vida da quarta mulher estava garantida em mais de duzentos contos. Com os trezentos e cinquenta já embolsados, arredondaria ele, pela morte desta, um peculio de alto bordo para quem começara humildemente como pratico de farmacia.

Tudo isso me consolidou em convicção a suspeita de que Panfilo era de fato um grande criminoso. Segurava as esposas e matava-as...

— Como, se morriam de parto?

— Está aí o maquiavelismo do celerado. O Barba Azul aproveitou singularmente bem a lição do primeiro matrimonio. Viu que perdera a Pequetita no primeiro parto em virtude da sua *má conformação*, da sua inaptidão procriativa. Franzina em excesso, muito estreita de bacia...

— Hum!

— Foi um *hum*! assim que deixei escapar em plena rua do Ouvidor...

O miseravel, que tinha olho medico, só se casou daí por diante com mulheres de vicio organico semelhante ao da primeira. Cuidadosamente escolhia as esposas entre as predestinadas. E foi amontoando a sua fortuna.

Imagina tu agora a vida desse miseravel, sempre alternando a fase de tocaia da viuvez com um ano de casamento criminoso. Escolhia a vitima, representava

a comedia do amor, sagrava a união e... seguro de vida! Depois, imagina o sadismo dessa alma ao ver desenvolver-se no ventre da vitima, não o filho que ela docemente esperava, mas a bolada gorda que viria acrescentar os seus cabedais! Afez-se a tal caçada e nela aperfeiçoou-se de maneira a nunca errar o bote.

A quarta, soube-o logo depois, fôra pelo mesmo caminho das outras em seguida a uma nova intervenção cirurgica. E entraram os duzentos contos. Vês tu que monstro?...

No outro dia lá estava na mesma mesa o doutor Panfilo. Entraram na sala varias moças, e pela força do habito o seu olhar mortiço mediu num relance as ancas de cada uma. Bem feitas de corpo que eram, nenhuma o interessou — e seu olhar desceu calmamente para o jornal que lia.

— Está viuvo, pensei comigo. Anda evidentemente tocaiando a quinta mal conformada...

1922

O colocador de pronomes

Aldrovando Cantagallo veiu ao mundo em virtude dum erro de gramatica.

Durante sessenta anos de vida terrena pererecou como um perú em cima da gramatica.

E morreu, afinal, vitima dum novo erro de gramatica.

Martir da gramatica, fique este documento da sua vida como pedra angular para uma futura e bem merecida canonização.

Havia em Itaoca um pobre moço que definhava de tedio no fundo de um cartorio. Escrevente. Vinte e tres anos. Magro. Ar um tanto palerma. Ledor de versos lacrimogeneos e pai duns acrosticos dados á luz no "Itaoquense", com bastante sucesso.

Vivia em paz com as suas certidões quando o frechou venenosa seta de Cupido. Objeto amado: a filha mais moça do coronel Triburtino, o qual tinha duas, essa Laurinha, do escrevente, então nos dezessete, e a do Carmo, encalhe da familia, vesga, madurota, histerica, manca da perna e um tanto aluada.

Triburtino não era homem de brincadeiras. Esguelara um vereador oposicionista em plena sessão da camara e desd'aí se transformou no tutú da terra. Toda gente lhe tinha um vago medo; mas o amor, que é

mais forte que a morte, não receia sobrecenhos enfarruscados nem tufos de cabelos no nariz.

Ousou o escrevente namorar-lhe a filha, apesar da distancia hierarquica que os separava. Namoro á moda velha, já se vê, pois que nesse tempo não existia a gostosura dos cinemas. Encontros na igreja, á missa, troca de olhares, dialogos de flores — o que havia de inocente e puro. Depois, roupa nova, ponta de lenço de seda a entremostrar-se no bolsinho de cima e medição de passos na rua d'Ela, nos dias de folga. Depois, a serenata fatal á esquina, com o

Acorda, donzela...

sapecado a medo num velho pinho de emprestimo. Depois, bilhetinho perfumado.

Aqui se estrepou...

Escrevera nesse bilhetinho, entretanto, apenas quatro palavras, afora pontos exclamativos e reticencias:

Anjo adorado!

Amo-lhe!

Para abrir o jogo bastava esse movimento de peão.

Ora, aconteceu que o pai do anjo apanhou o bilhetinho celestial e, depois de tres dias de sobrecenho carregado, mandou chama-lo á sua presença, com disfarce de pretexto — para umas certidõesinhas, explicou.

Apesar disso o moço veiu um tanto ressabiado, com a pulga atrás da orelha.

Não lhe erravam os pressentimentos. Mal o pilhou portas aquem, o coronel trancou o escritorio, fechou a carranca e disse:

— A familia Triburtino de Mendonça é a mais honrada desta terra, e eu, seu chefe natural, não permitirei nunca — nunca, ouviu? — que contra ela se cometa o menor deslise.

Parou. Abriu uma gaveta. Tirou de dentro o bilhetinho côr de rosa, desdobrou-o.

— É sua esta peça de flagrante delito?

O escrevente, a tremer, balbuciou medrosa confirmação.

— Muito bem! continuou o coronel em tom mais sereno. Ama, então, minha filha e tem a audacia de o declarar... Pois agora...

O escrevente, por instinto, ergueu o braço para defender a cabeça e relanceou os olhos para a rua, sondando uma retirada estrategica.

— ... é casar! concluiu de improviso o vingativo pai.

O escrevente ressuscitou. Abriu os olhos e a boca, num pasmo. Depois, tornando a si, comoveu-se e com lagrimas nos olhos disse, gaguejante:

— Beijo-lhe as mãos, coronel! Nunca imaginei tanta generosidade em peito humano! Agora vejo com que injustiça o julgam aí fora!...

Velhacamente o velho cortou-lhe o fio das expansões.

— Nada de frases, moço, vamos ao que serve: declaro-o solenemente noivo de minha filha!

E, voltando-se para dentro, gritou:

— Do Carmo! Venha abraçar o teu noivo!

O escrevente piscou seis vezes e, enchendo-se de coragem, corrigiu o erro.

— Laurinha, quer o coronel dizer...

O velho fechou de novo a carranca.

— Sei onde trago o nariz, moço. Vassuncê mandou este bilhete á Laurinha dizendo que ama-"lhe". Se amasse a ela deveria dizer amo-"te". Dizendo "amo-lhe" declara que ama a uma terceira pessoa, a qual não pode ser senão a Maria do Carmo. Salvo se declara amor á minha mulher...

— Oh, coronel...

— ... ou á preta Luzia, cozinheira. Escolha!

O escrevente, vencido, derrubou a cabeça, com uma lagrima a escorrer rumo á asa do nariz. Silenciaram ambos, em pausa de tragedia. Por fim o coronel, batendo-lhe no ombro paternalmente, repetiu a boa lição da sua gramatica matrimonial.

— Os pronomes, como sabe, são tres: da primeira pessoa — quem fala, e neste caso vassuncê; da segunda pessoa — a quem se fala, e neste caso Laurinha; da terceira pessoa — de quem se fala, e neste caso do Carmo, minha mulher ou a preta. Escolha!

Não havia fuga possivel.

O escrevente ergueu os olhos e viu do Carmo que entrava, muito lampeira da vida, torcendo acanhada a ponta do avental. Viu tambem sobre a secretaria uma garrucha com espoleta nova ao alcance do maquiavelico pai. Submeteu-se e abraçou a urucaca, enquanto o velho, estendendo as mãos, dizia teatralmente:

— Deus vos abençoi, meus filhos!

No mês seguinte, solenemente, o moço casava-se com o encalhe, e onze meses depois vagia nas mãos da parteira o futuro professor Aldrovando, o conspicuo sa-

bedor da lingua que durante cinquenta anos a fio coçaria na gramatica a sua incuravel sarna filologica.

Até aos dez anos não revelou Aldrovando pinta nenhuma. Menino vulgar, tossiu a coqueluche em tempo proprio, teve o sarampo da praxe, mais a cachumba e a catapora. Mais tarde, no colegio, enquanto os outros enchiam as horas de estudo com invenções de matar o tempo — empalamento de moscas e moidelas das respectivas cabecinhas entre duas folhas de papel, coisa de ver o desenho que sai — Aldrovando apalpava com erotica emoção a gramatica de Augusto Freire da Silva. Era o latejar do furunculo filologico que o determinaria na vida, para mata-lo, afinal...

Deixemo-lo, porém, evoluir e tomemo-lo quando nos serve, aos 40 anos, já a descer o morro, arcado ao peso da ciencia e combalido de rins. Lá está ele em seu gabinete de trabalho, fossando á luz dum lampeão os pronomes de Filinto Elisio. Corcovado, magro, seco, oculos de latão no nariz, caréca, celibatario impenitente, dez horas de aulas por dia, duzentos mil réis por mês e o rim volta e meia a fazer-se lembrado.

Já leu tudo. Sua vida foi sempre o mesmo poento idilio com as veneraveis costaneiras onde cabeceiam os classicos lusitanos. Versou-os um por um com mão diurna e noturna. Sabe-os de cór, conhece-os pela morrinha, distingue pelo faro uma séca de Lucena duma esfalfa de Rodrigues Lobo. Digeriu todas as patranhas de Fernão Mendes Pinto. Obstruiu-se da brôa encruada de Fr. Pantaleão do Aveiro. Na idade em que os rapazes correm atrás das raparigas, Aldrovando escabichava belchiores na pista dos mais esquecidos mestres

da boa arte de maçar. Nunca dormiu entre braços de mulher. A mulher e o amor — mundo, diabo e carne eram para ele os alfarrabios freiraticos do quinhentismo, em cuja soporosa verborreia espapaçava os instintos lerdos, como porco em lameiro.

Em certa epoca viveu tres anos acampado em Vieira. Depois vagabundeou, como um Robinson, pelas florestas de Bernardes.

Aldrovando nada sabia do mundo atual. Desprezava a natureza, negava o presente. Passarinho, conhecia um só: o rouxinol de Bernardim Ribeiro. E se acaso o sabiá de Gonçalves Dias vinha bicar "pomos de Hesperides" na laranjeira do seu quintal, Aldrovando esfogueteava-o com apostrofes:

— Salta fóra, regionalismo de má sonancia!

A lingua lusa era-lhe um tabú sagrado que atingira a perfeição com Fr. Luiz de Sousa, e daí para cá, salvo lucilações esporadicas, vinha chafurdando no ingranzéu barbaresco.

— A ingresia d'hoje, declamava ele, está para a Lingua, como o cadaver em putrefação está para o corpo vivo.

E suspirava, condoido dos nossos destinos:

— Povo sem lingua!... Não me sorri o futuro de Vera-Cruz...

E não lhe objetassem que a lingua é organismo vivo e que a temos a evoluir na boca do povo.

— Lingua? Chama você lingua á garabulha bordalenga que estampam periodicos? Cá está um desses galicigrafos. Deletreemo-lo ao acaso.

E, baixando as cangalhas, lia:

— *Teve lugar ontem...* É lingua esta espurcicia negral? Ó meu serafico Frei Luiz, como te conspurcam o divino idioma estes sarrafaçais da moxinifada!

— ... *no Trianon...* Por que, Trianon? Por que este perene barbarizar com alienigenos arrevezos? Tão bem ficava — a *Benfica,* ou, se querem neologismo de bom cunho — o *Logratorio...* Tarelos é que são, tarelos!

E suspirava deveras compungido.

— Inutil prosseguir. A folha inteira cacografa-se por este teor. Ai! Onde param os boas letras d'antanho? Fez-se perú o niveo cisne. Ninguem atende à lei suma — Horacio! Impera o desprimor, e o mau gosto vige como suprema regra. A galica intrujice é maré sem vasante. Quando penetro num livreiro o coração se me confrange ante o pelago de operas barbarescas que nos vertem cá mercadores de má morte. E é de notar, outrossim, que a elas se vão as preferencias do vulgacho. Muito não faz que vi com estes olhos um gentil mancebo preferir uma sordicia de Oitavo Mirbelo, *Canhenho duma dama de servir,* (1) creio, á... adivinhe ao quê, amigo? Á Carta de Guia do meu divino Francisco Manoel!...

— Mas a evolução...

— Basta. Conheço ás sobejas a escolastica da epoca, a "evolução" darwinica, os vocabulos macacos — pitecofonemas que "evolveram", perderam o pelo e se vestem hoje á moda de França, com vidro no olho. Por amor a Frei Luiz, que ali daquela costaneira escandali-

(1) Octave Mirbeau — *Journal d'une Femme de Chambre.*

zado nos ouve, não remanche o amigo na esquipatica sesquipedalice.

Um biografo ao molde classico separaria a vida de Aldrovando em duas fases distintas: a estatica, em que apenas acumulou ciencia, e a dinamica, em que, transfeito em apostolo, veiu a campo com todas as armas para contrabater o monstro da corrupção.

Abriu campanha com memoravel oficio ao congresso, pedindo leis repressivas contra os ácaros do idioma.

— "Leis, senhores, leis de Dracão, que diques sejam, e fossados, e alcaçares de granito prepostos á defensão do idioma. Mister sendo, a forca se restaure, que mais o baraço merece quem conspurca o sacro patrimonio da sã vernaculidade, que quem ao semelhante a vida tira. Vêde, senhores, os pronomes, em que lazeira jazem..."

Os pronomes, ai! eram a tortura permanente do professor Aldrovando. Doia-lhe como punhalada ve-los por aí pre ou pospostos contra-regras elementares do dizer castiço. E sua representação alargou-se nesse pormenor, flagelante, concitando os pais da patria á criação dum Santo Oficio gramatical.

Os ignaros congressistas, porém, riram-se da memoria, e grandemente piaram sobre Aldrovando as mais crueis chalaças.

— Quer que instituamos patibulo para os maus colocadores de pronomes! Isto seria auto-condenar-nos á morte! Tinha graça!

Tambem lhe foi á pele a imprensa, com pilherias soezes. E depois, o publico. Ninguem alcançara a nobreza do seu gesto, e Aldrovando, com a mortificação n'alma, teve que mudar de rumo. Planeou recorrer ao

pulpito dos jornais. Para isso mister foi, antes de nada, vencer o seu velho engulho pelos "galicigrafos de papel e graxa". Transigiu e, breve, desses "pulmões da publica opinião" apostrofou o país com o verbo tonante de Ezequiel. Encheu colunas e colunas de objurgatorias ultra violentas, escritas no mais estreme vernaculo.

Mas não foi entendido. Raro leitor metia os dentes naqueles interminaveis periodos engrenados á moda de Lucena; e ao cabo da asperrima campanha viu que pregara em pleno deserto. Leram-no apenas a meia duzia de Aldrovandos que vegetam sempre em toda parte, como notas resinguentas da sinfonia universal.

A massa dos leitores, entretanto, essa permaneceu alheia aos flamivomos pelouros da sua colubrina sem raia. E por fim os "periodicos" fecharam-lhe a porta no nariz, alegando falta de espaço e coisas.

— Espaço não ha para as sãs ideias, objurgou o enxotado, mas sobeja, e pressuroso, para quanto rescende á podriqueira!... Gomorra! Sodoma! Fogos do ceu virão um dia alimpar-vos a gafa!... exclamou, profetico, sacudindo á soleira da redação o pó das cambaias botinas de elastico.

Tentou em seguida ação mais direta, abrindo consultorio gramatical.

— Têm-n'os os fisicos (queria dizer medicos), os doutores em leis, os charlatas de toda especie. Abra-se um para a medicação da grande enferma, a lingua. Gratuito, já se vê, que me não move amor de bens terrenos.

Falhou a nova tentativa. Apenas moscas vagabundas vinham esvoejar na salinha modesta do apostolo.

Criatura humana nem uma só lá apareceu afim de remendar-se filologicamente.

Ele, todavia, não esmoreceu.

— Experimentemos processo outro, mais suasorio.

E anunciou a montagem da "Agencia de Colocação de Pronomes e Reparos Estilisticos".

Quem tivesse um autografo a rever, um memorial a expungir de cincas, um calhamaço a compor-se com os "afeites" do lidimo vernaculo, fosse lá que, sem remuneração nenhuma, nele se faria obra limpa e escorreita.

Era boa a ideia, e logo vieram os primeiros originais necessitados de ortopedia, sonetos a consertar pés de versos, oficios ao governo pedindo concessões, cartas de amor.

Tais, porém, eram as reformas que nos doentes operava Aldrovando, que os autores não mais reconheciam suas proprias obras. Um dos clientes chegou a reclamar.

— Professor, v. s. enganou-se. Pedi limpa de enxada nos pronomes, mas não que me traduzisse a memoria em latim...

Aldrovando ergueu os oculos para a testa:

— E traduzi em latim o tal ingranzéu?

— Em latim ou grego, pois que o não consigo entender...

Aldrovando empertigou-se.

— Pois, amigo, errou de porta. Seu caso é ali com o alveitar da esquina.

Pouco durou a Agencia, morta á mingua de clientes. Teimava o povo em permanecer empapado no chafurdeiro da corrupção...

O rosario de insucessos, entretanto, em vez de desalentar exasperava o apostolo.

— Hei-de influir na minha epoca. Aos tarelos hei-de vencer. Fogem-me á ferula os maráus de pau e corda? Ir-lhes-ei empós, fila-los-ei pela gorja... Salta rumor!

E foi-lhes "empós". Andou pelas ruas examinando disticos e tabuletas com vicios de lingua. Descoberta a "asnidade", ia ter com o proprietario, contra ele desfechando os melhores argumentos catequistas.

Foi assim com o ferreiro da esquina, em cujo portão de tenda uma tabuleta — "Ferra-se cavalos" — escoicinhava a santa gramatica.

— Amigo, disse-lhe pachorrentamente Aldrovando, natural a mim me parece que erre, alarve que és. Se erram paredros, nesta epoca de ouro da corrupção...

O ferreiro pôs de lado o malho e entreabriu a boca.

— Mas da boa sombra do teu focinho espero, continuou o apostolo, que ouvidos me darás. Naquela tabua um dislate existe que seriamente á lingua lusa ofende. Venho pedir-te, em nome do asseio gramatical, que o expunjas.

— ? ? ?

— que reformes a tabuleta, digo.

— Reformar a tabuleta? Uma tabuleta nova, com a licença paga? Estará acaso rachada?

— Fisicamente, não. A racha é na sintaxe. Fogem ali os dizeres á sã gramaticalidade.

O honesto ferreiro não entendia nada de nada.

— Macacos me lambam se estou entendendo o que v. s. diz...

— Digo que está a forma verbal com eiva grave. O "ferra-se" tem que cair no plural, pois que a forma é passiva e o sujeito é "cavalos".

O ferreiro abriu o resto da boca.

— O sujeito sendo "cavalos", continuou o mestre, a forma verbal é "ferram-se" — "ferram-se cavalos!"

— Ahn! respondeu o ferreiro, começo agora a compreender. Diz v. s. que...

— ...que "ferra-se cavalos" é um solecismo horrendo e o certo é "ferram-se cavalos".

— V. s. me perdôe, mas o sujeito que ferra os cavalos sou eu, e eu não sou plural. Aquele "se" da tabuleta refere-se cá a este seu criado. É como quem diz: Serafim ferra cavalos — Ferra Serafim cavalos. Para economizar tinta e tabua abreviaram o meu nome, e ficou como está: Ferra Se (rafim) cavalos. Isto me explicou o pintor, e entendi-o muito bem.

Aldrovando ergueu os olhos para o ceu e suspirou.

— Ferras cavalos e bem merecias que te fizessem eles o mesmo!... Mas não discutamos. Ofereço-te dez mil réis pela admissão dum "m" ali...

— Se v. s. paga...

Bem empregado dinheiro! A tabuleta surgiu no dia seguinte dessolecismada, perfeitamente de acordo com as boas regras da gramatica. Era a primeira vitoria obtida e todas as tardes Aldrovando passava por lá para gozar-se dela.

Por mal seu, porém, não durou muito o regalo. Coincidindo a entronização do "m" com maus negocios na oficina, o supersticioso ferreiro atribuiu a macaca á alteração dos dizeres e lá raspou o "m" do professor.

A cara que Aldrovando fez quando no passeio desse dia deu com a vitoria borrada! Entrou furioso pela oficina a dentro, e mascava uma apostrofe de fulminar quando o ferreiro, ás brutas, lhe barrou o passo.

— Chega de caraminholas, ó barata tonta! Quem manda aqui, no serviço e na lingua, sou eu. E é ir andando, antes que eu o ferre com bom par de ferros ingleses!

O martir da lingua meteu a gramatica entre as pernas e moscou-se.

— "Sancta simplicitas!" ouviram-no murmurar na rua, de rumo á casa, em busca das consolações seraficas de Fr. Heitor Pinto. Chegado que foi ao gabinete de trabalho, caiu de borco sobre as costaneiras venerandas e não mais conteve as lagrimas, chorou...

O mundo estava perdido e os homens, sobre maus, eram impenitentes. Não havia desvia-los do ruim caminho, e ele, já velho, com o rim a resingar, não se sentia com forças para a continuação da guerra.

— Não hei-de acabar, porém, antes de dar a prelo um grande livro onde compendie a muita ciencia que hei acumulado.

E Aldrovando empreendeu a realização de um vastissimo programa de estudos filologicos. Encabeçaria a série um tratado sobre a colocação dos pronomes, ponto onde mais claudicava a gente de Gomorra.

Fê-lo, e foi feliz nesse periodo de vida em que, alheio ao mundo, todo se entregou, dia e noite, á obra magnifica. Saiu trabuco volumoso, que daria tres tomos de 500 paginas cada um, corpo miudo. Que proventos não adviriam dali para a lusitanidade! Todos os

casos resolvidos para sempre, todos os homens de boa vontade salvos da gafaria! O ponto fraco do brasileiro falar resolvido de vez! Maravilhosa coisa...

Pronto o primeiro tomo — *Do pronome Se* — anunciou a obra pelos jornais, ficando á espera das chusmas de editores que viriam disputa-la á sua porta. E por uns dias o apostolo sonhou as delicias da estrondosa vitoria literaria, acrescida de gordos proventos pecuniarios.

Calculava em oitenta contos o valor dos direitos autorais, que, generoso que era, cederia por cinquenta. E cinquenta contos para um velho celibatario como ele, sem familia nem vicios, tinha a significação duma grande fortuna. Empatados em emprestimos hipotecarios, sempre eram seus quinhentos mil réis por mês de renda, a pingarem pelo resto da vida na gavetinha onde, até então, nunca entrara pelega maior de duzentos. Servia, servia!... E Aldrovando, contente, esfregava as mãos de ouvido alerta, preparando frases para receber o editor que vinha vindo...

Que vinha vindo mas não veiu, ai!... As semanas se passaram sem que nenhum representante dessa miseravel fauna de judeus surgisse a chatinar o maravilhoso livro.

— Não me vêm a mim? Salta rumor! Pois me vou a eles!

E saiu em via sacra, a correr todos os editores da cidade.

Má gente! Nenhum lhe quis o livro sob condições nenhumas. Torciam o nariz, dizendo: "Não é vendavel"; ou: "Por que não faz antes uma cartilha infantil aprovada pelo governo?"

Aldrovando, com a morte n'alma e o rim dia a dia mais derrancado, retesou-se nas ultimas resistencias.

— Fa-la-ei imprimir á minha custa! Ah, amigos! Aceito o cartel. Sei pelejar com todas as armas e irei até ao fim. Bofé!...

Para lutar era mister dinheiro e bem pouco do vilissimo metal possuia na arca o alquebrado Aldrovando. Não importa! Faria dinheiro, venderia moveis, imitaria Bernardo de Pallissy, não morreria sem ter o gosto de acaçapar Gomorra sob o peso da sua ciencia impressa. Editaria ele mesmo um por um todos os volumes da obra salvadora.

Disse e fez.

Passou esse periodo de vida alternando revisão de provas com padecimentos renais. Venceu. O livro compôs-se, magnificamente revisto, primoroso na linguagem como não existia igual.

Dedicou-o a Fr. Luiz de Souza:

Á memoria daquele que me sabe as dores,

O Autor.

Mas não quis o destino que o já tremulo Aldrovando colhesse os frutos de sua obra. Filho dum pronome improprio, a má colocação doutro pronome lhe cortaria o fio da vida.

Muito corretamente havia ele escrito na dedicatoria: ... *daquele que me sabe* ... e nem poderia escrever doutro modo um tão conspicuo colocador de pronomes. Maus fados intervieram, porém — até os fados conspiram contra a lingua! — e por artimanha do diabo que

os rege empastelou-se na oficina esta frase. Vai o tipografo e recompõe-na a seu modo... *d'aquele que sabe-me as dores...* E assim saiu nos milheiros de copias da avultada edição.

Mas não antecipemos.

Pronta a obra e paga, ia Aldrovando recebe-la, enfim. Que gloria! Construira, finalmente, o pedestal da sua propria imortalidade, ao lado direito dos sumos cultores da lingua.

A grande ideia do livro, exposta no capitulo VI — *Do metodo automatico de bem colocar os pronomes* — engenhosa aplicação duma regra mirifica por meio da qual até os burros de carroça poderiam zurrar com gramatica, operaria como o "914" da sintaxe, limpando-a da avariose produzida pelo espiroqueta da pronominuria.

A excelencia dessa regra estava em possuir equivalentes quimicos de uso na farmacopeia alopata, de modo que a um bom laboratorio facil lhe seria reduzi-la a ampolas para injeções hipodermicas, ou a pilulas, pós ou poções para uso interno.

E quem se injetasse ou engulisse uma pilula do futuro PRONOMINOL CANTAGALO, curar-se-ia para sempre do vicio, colocando os pronomes instintivamente bem, tanto no falar como no escrever. Para algum caso de pronomorreia agudo, evidentemente incuravel, haveria o recurso do PRONOMINOL N. 2, onde entrava a estricnina em dose suficiente para libertar o mundo do infame sujeito.

Que gloria! Aldrovando prelibava essas delicias todas quando lhe entrou casa a dentro a primeira carroçada de livros. Dois brutamontes de mangas arrega-

çadas empilharam-n'os pelos cantos, em rumas que lá se iam; e concluso o serviço um deles pediu:

— Me dá um mata-bicho, patrão!...

Aldrovando severizou o semblante ao ouvir aquele "Me" tão fora dos mancais, e tomando um exemplar da obra ofertou-a ao "doente".

— Toma lá. O mau bicho que tens no sangue morrerá asinha ás mãos deste vermifugo. Recomendo-te a leitura do capitulo sexto.

O carroceiro não se fez rogar; saiu com o livro, dizendo ao companheiro:

— Isto no "sebo" sempre renderá cinco tostões. Já serve!...

Mal se sumiram, Aldrovando abancou-se á velha mesinha de trabalho e deu começo á tarefa de lançar dedicatorias num certo numero de exemplares destinados á critica. Abriu o primeiro, e estava já a escrever o nome de Rui Barbosa quando seus olhos deram com a horrenda cinca:

"daquele QUE SABE-ME as dores".

— Deus do ceu! Será possivel?

Era possivel. Era fato. Naquele, como em todos os exemplares da edição, lá estava, no hediondo relevo da dedicatoria a Fr. Luiz de Souza, o horripilantissimo — "que sabe-me..."

Aldrovando não murmurou palavra. De olhos muito abertos, no rosto uma estranha marca de dor — dor gramatical inda não descrita nos livros de patologia — permaneceu imovel uns momentos.

Depois empalideceu. Levou as mãos ao abdomen e estorceu-se nas garras de repentina e violentissima ansia.

Ergueu os olhos para Frei Luiz de Souza e murmurou:

— *Luiz! Luiz! Lamma Sabacthani?!*

E morreu.

De que não sabemos — nem importa ao caso. O que importa é proclamarmos aos quatro ventos que com Aldrovando morreu o primeiro santo da gramatica, o martir numero um da Colocação dos Pronomes.

Paz á sua alma.

1924

Na 1.ª edição este conto era encerrado com a seguinte nota: "Do espolio de Aldrovando Cantagallo faziam parte numerosos originais de obras inéditas, entre os quaes citaremos:

O Acento circunflexo — 3 volumes
A Virgula no Hebraico — 5 volumes
Psychologia do Til — 2 volumes
A Crase — 10 volumes

Pesaram todos, por junto, 4 arrobas, que renderam, vendidos a 3 tostões o kilo, 18 mil réis".

Uma historia de mil anos (1)

— *Hu... hu...*

É como nos invios da mata soluça a juriti.

Dois *hus* — um que sobe, outro que desce.

O destino do *u*!... Veludo verde-negro transmutado em som — voz das tristezas sombrias. Os aborigines, maravilhosos denominadores das coisas, possuiam o senso impressionista da onomatopeia. *Urutáu, urú, urutú, inambú* — que sons definirão melhor essas criaturinhas solitarias, amigas da penumbra e dos recessos?

A juriti, pombinha eternamente magoada, é toda *us*. Não canta, geme em *u* — geme um gemido aveludado, lilás, sonorização dolente da saudade.

O caçador passarinheiro sabe como ela morre sem luta ao minimo ferimento. Morre em *u*...

Já o sanhaço é todo *as*. Ferido, debate-se, desfere bicadas, pia lancinante.

A juriti apaga-se como chama de algodão. Fragil torrão de vida, extingue-se como se extingue a vida do torrão de açucar ao simples contacto da agua. Um *u* que se funde.

Como vivem e morrem juritis, assim viveu e morreu Vidinha, a linda criança afinada em *u*. E como não se-

---

(1) Este conto foi originariamente publicado na "Revista do Brasil", novembro de 1922.

ria assim, se era Vidinha uma juriti humana — meiguice feita menina-e-moça, begonia sensivel dos grotões?

Que amiga dos contrastes é a natureza!

Ali naquele barranco crescem no arido as samambaias. Rijas, asperas, corajosas, resistem aos ventos, aos enxurros, ao cargueiro que as esbarra, ao viandante distraido que as chicoteia. Batidas, reerguem-se. Cortadas, rebrotam. Esmagadas, reviçam. Cinicas!

Mais adiante, na grota fria onde tudo é sombra e cerração, ergue-se a espaços, em meio dos caetês valentes e dos fetos rendados, a solitaria begonia.

Timida e fragil, o menor contacto a magoa. Toda ela — caule, folhas, flores — é a mesma carne tenra de criança.

Sempre os contrastes.

Os eleitos da sensibilidade, os martires da dor — e os fortes. A juriti e o sanhaço. A begonia e a samambaia.

Vidinha, a inocente criança, era juriti e begonia.

O Destino, como os sabios, tambem faz suas experiencias. Permite vidas a titulo de experiencia, na tentativa de aclimar na terra seres que não são da terra.

— Vingará Vidinha, solta no mundo em meio da alcateia humana?

Janeiro. Dia de mormaço a envolver o mundo sob a curva do ceu imensamente azul.

A casa onde mora Vidinha é a unica das cercanias — garça pousada no oceano verde-sujo das samambaias e sapezeiros.

Que terra! Ondula em mamelões verdolengos até encontrar o ceu, longe, no horizonte. Hispidez, aridez

— terra outrora bendita, que o homem, senhor do fogo, transfez em deserto maldito.

Os olhos pervagam: cá e lá, te' aos confins, sempre o chamalote verde-oliva da samambaia aspera — esse musgo da esterilidade.

Entristece, aquilo. Cansa a vista o sem-fim da morraria nua de arvores — e o consolo é pousar os olhos na pombinha branca da casinhola.

Como a cal das paredes cintila ao sol! E como nos enleva a alma sua pequenina moldura de arvores domesticas! Aquele pé de espirradeira todo florido; o cercado de taquara; a horta, o canteirinho de flores; o poleiro das aves nos fundos sob a fronde da guabirobeira...

Vidinha é a manhã da casa. Vive entre duas estações: a mãe — um outono, e o pai — inverno em começos. Ali nasceu e cresceu. Ali morrerá. Inocente e ingenua, do mundo só conhece o centimetro quadrado de mundo que é o pequeno sitio paterno. Imagina as coisas — não as sabe. O homem: seu pai. Quantos homens haja, todos serão assim: bons e pais. A mulher: sua mãe — um tudo.

Bichos? O gato, o cão, o galo indio que canta pela alvorada, as galinhas suras. Sabe por ouvir dizer de outros muitos: da onça — gatão feroz; da anta — bicho enorme; da capivara — porco dos rios; da sucuri — cobra "desta" grossura! Veados e pacas já viu diversos mortos nas caçadas.

Longe do ermo onde está o sitio, é o mundo. Ha nele cidades — casas e mais casas, pequenas e grandes, em linha, com estradas pelo meio a que chamam ruas. Nunca as viu, sonha-as. Sabe que nelas moram os ricos,

seres de outra raça, poderosos que compram fazendas, plantam cafezais e mandam em tudo.

As ideias que povoam sua cabecinha bebeu-as ali na conversa caseira dos pais.

Um Deus no ceu, bom, imenso, que tudo vê e ouve até o que a boca não diz. Ao lado dele, Nossa Senhora, tão boa, resplandecente, rodeada de anjos...

Os anjos! Crianças de asas e longas tunicas esvoaçantes. No oratorio da casa ha o retrato de um.

Seus prazeres: a vida da casa, os incidentes do terreiro.

— Venha ver, mamãe, depressa!

— Alguma bobagem...

— ... o pintinho sura trepado nas costas do capão péva, tenteando-se nas asinhas! Venha ver que galanteza. Ei, ei... caiu!

Ou:

— Brinquinho quer por força pegar a cauda. Está que parece um pião, corropiando.

É bonita? Vidinha o ignora. Não se conhece, não faz de si nenhuma ideia. Se nem espelho possue... É, no entanto, linda, dessa lindeza das telas raras que jazem fora de moldura nos desvãos ignorados. Vestida á maneira dos pobresinhos, vale o que não está vestido: o corado das faces, a expressão de inocencia, o olhar de criança, as mãos irrequietas. Tem a beleza das begonias silvestres. Dêm-lhe um vaso de porcelana e cintilará.

Cinderela, a eterna historia...

O pai vive na luta silenciosa contra a aridez do solo, disputando ás formigas, ás geadas, á esterilidade, umas colheitinhas curtas. Não importa. Vive contente. A

mãe moureja o dia inteiro nos trabalhos da casa. Cose, arruma, remenda, varre.

E Vidinha, entre eles, orquidea que floriu em tronco rude, brinca e sorri. Brinca e sorri com seus amigos: o cão, o gato, os pintos, as rolas que descem ao terreiro. Em noites escuras vêm visita-la, cirandando em torno á casa, seus amiguinhos luminosos — os vagalumes.

Os anos passam. Os botões se fazem flor.

Um dia Vidinha entrou a sentir vagas perturbações de alma. Fugia aos brinquedos e cismava. A mãe notou a mudança.

— Em que está pensando, menina?

— Não sei. Em nada... e suspirou.

A mãe observou-a inda uns tempos e disse ao marido:

— É lado de casar Vidinha. Está moça. Já não sabe o que quer.

Mas, casa-la como? Com quem? Não havia ali vizinhos naquele deserto, e a criança corria o risco de estiolar-se como flor esteril sem que olhos de homem casadoiro pusessem reparo em seus encantos.

Não será assim, todavia. O destino levará por diante mais uma cruel experiência.

O lobo fareja de longe a menina da capinha vermelha.

A begonia daquele deserto, filha das selvas, será caça. Será caçada por um caçador...

Está na idade do sacrificio.

O caçador não tardará.

Vem perto, piando de inambú, com a espingarda nas mãos. Trocará de bom grado, vão ver, os inambús perseguidos pela inocente juriti incauta.

— Ó de casa!

— ? ?

— Venho de longe. Perdi-me nestes carrascais, coisa de dois dias, e não posso comigo de canseira e fome. Venho pedir pousada.

Os ermitões do samambaial acolhem de braços abertos o transviado gentil.

Bonito moço da cidade. Bem falante, maneiroso — uma sedução!

Como são belos os gaviões caçadores de inocencias...

Deixou-se ficar a semana inteira. Contava coisas maravilhosas. O pai esquecia a roça para ouvi-lo, e a mãe desleixava a casa. Que sereia!

No pomar, sob o dossel das laranjeiras abotoadas:

— Nunca pensou em sair daqui, Vidinha?

— Sair? Aqui tenho casa, pai, mãe — tudo...

— Acha muito isso? Oh, lá fora é que é o lindo! Que maravilha é lá fora! O mundo! As cidades! Aqui é o deserto, prisão horrivel, aridez, melancolia...

E ia contando contos das Mil e Uma Noites sobre a vida das cidades. Dizia do luxo, da magnificencia, das festas, das pedrarias que cintilam, das sedas que acariciam o corpo, dos teatros, da musica inebriante.

— Mas isso é um sonho...

O principe confirmava.

— A vida lá fora é um sonho.

E desfiava rosarios inteiros de sonhos.

Vidinha, num deslumbramento, murmurava:

— É lindo! Mas tudo só para ricos.

— Para os ricos e para a beleza. Beleza vale mais que riqueza — e Vidinha é bela!

— Eu?...

O espanto da criança...

— Bela, sim — e riquissima, se o quiser. Vidinha é diamante a lapidar. É Cinderela, hoje no borralho, amanhã princesa. Seus olhos são estrelas de veludo.

— Que ideia...

— Sua boca, ninho de colibri feito para o beijo...

— !...

A iniciação começa. E tudo na alma de Vidinha se aclara. As ideias vagas se definem. Os hieroglifos do coração se decifram. Compreende a vida enfim. Sua inquietação era amor, em casulo ainda, a agitar-se nas trevas. Amor sem objeto, perfume sem destino. O amor é febre da idade, e Vidinha chegara á idade da febre sem o saber. Sentia-lhe o queimar no coração, mas ignorava. E sonhava.

Tinha agora a chave de tudo. O principe encantado viera afinal. Estava ali ele, o grande mago de palavras maravilhosas, senhor do Abre-te Sésamo da Felicidade.

E o casulo do amor rompeu-se — e a crisalida do amor, ebria de luz, fez-se ardente borboleta de amor...

O gavião da cidade, fino de faro, havia descido no momento oportuno. Dizia-se doente e ia ficando. Sua doença chamava-se — desejo. Desejo de caçador. Ansia de caçador por mais uma perdiz.

E a perdiz veiu-lhe para as garras, fascinada pela estonteante miragem do amor.

O primeiro beijo...

A florada maravilhosa dos beijos...

O ultimo beijo, á noite...

Pela manhã do decimo dia:

— Que é do caçador?

Fugira...

Já não rescendem os manacás. São negras as flores do jardim. Não brilham as estrelas do ceu. Não cantam os passarinhos. Não luzem os vagalumes. O sol não alumia. A noite só traz pesadelos.

Uma coisa só não mudou: o *hu, hu* magoado da juriti lá no recesso das grotas.

Os dias de Vidinha são agora vagueios agitados pelo campo. Detem-se ás vezes ante uma flor, de olhos parados, como recrescidos no rosto. E monologa mentalmente:

— Vermelha? Mentira. Cheirosa? Mentira. Tudo mentira, mentira, mentira...

Mas Vidinha é juriti, corpo e alma afinados em *u*. Não desespera, não luta, não explode. Chora por dentro e definha. Begonia silvestre que o passante brutal chicoteou, dobra no hastil quebrado, pende para a terra e murcha. Chama de algodão... Torrão de açucar...

Estava concluida a experiencia do Destino. Mais uma vez provava-se que não vive na terra o que não é da terra.

Uma cruz...

E dali por diante, se alguem falava em Vidinha, o velho pai murmurava:

— Era a nossa luz de alegria. Apagou-se...

E a mãe lacrimejante:

— Não me sai da memoria a ultima palavra dela: "Agora um beijo, mamãe, um beijo *seu*..."

1922

Os pequeninos

Ouvi certa vez uma conversa inesquecivel. A esponja de doze anos não a esmaeceu em coisa nenhuma. Por que motivo certas impressões se gravam de tal maneira e outras se apagam tão profundamente?

Eu estava no caes, á espera do Arlanza, que me ia devolver de Londres um velho amigo já de longa ausencia. O nevoeiro atrasara o navio.

— Só vai atracar ás dez horas, informou-me um sabetudo de boné.

Bem. Tinha eu de matar uma hora de espera dentro dum nevoeiro absolutamente fora do comum, dos que negam aos olhos o consolo da paisagem distante. A visão morria a dez passos; para alem, todas as formas desapareciam no algodoamento da nevoa. Pensei nos "fogs" londrinos que o meu amigo devia trazer na alma, e comecei a andar por ali atôa, entregue a esse trabalho, tão frequente na vida, de "matar o tempo". Minha tecnica em tais circunstancias se resume em recordar passagens da vida. Recordar é reviver. Reviver os bons momentos tem as delicias do sonho.

Mas o movimento do caes interrompia amiude o meu sonho, forçando-me a cortar e a reatar de novo o fio das recordações. Tão cheio de nós foi ele ficando que o abandonei. Uma das interrupções me pareceu

mais interessante que a evocação do passado, porque a vida exterior é mais viva que a interior — e a conversa dos tres carregadores era inegavelmente "agua-forte".

Tres portugueses bem tipicos, já maduros; um deles de rosto singularmente amarrotado pelos anos. Um incidente qualquer ali do caes dera origem á conversa.

— Pois esse caso, meu velho, dizia um deles, me lembra a historia da ema que tive num cercado. Tambem ela foi vitima dum animalzinho muitissimo menor, e que seria esmagado, como esmagamos moscas, se lhe ficasse ao alcance do bico — mas não ficava...

Esse começo assanhou a curiosidade dos companheiros.

— Como foi? perguntaram.

— Eu nesse tempo estava de cima, dono de terras, com casa minha, meus animais de cocheira, familia. Foi um ano antes daquela rodada que me levou tudo... Peste de mundo! Tão bem que eu ia indo e afundei, perdi tudo, tive de rolar morro abaixo até bater com o lombo neste caes, entregue ao mais baixo dos serviços, que é o de carregador...

— Mas como foi o caso da ema?

Os ouvintes não queriam filosofias; ansiavam por pitoresco — e o homem por fim contou, depois de sacar o cachimbo, enche-lo, acende-lo. Devia ser historia das que exigem pontuação a baforadas.

— Eu morava em minhas terras, lá onde vocês sabem — na Vacaria, zona de campos e mais campos, aquela planura sem fim. E ha lá muita ema. Conhecem? É a avestruz do Brasil, menor que a avestruz africana, mas mesmo assim um avejão dos mais alentados. Que

força tem! Domar uma ema corresponde a domar um potro. Exige o mesmo muque. Mas são aves de boa índole. Domesticam-se facilmente e eu andava querendo ter umaem meus cercados.

- São utilidade? – perguntou o utilitário da roda.

- De nenhuma; apenas enfeitam a casa. Aparece um visitante. "Viu minha ema?" – e lá o levamos a examiná-la de perto, a assombrar-se do tamanhão, abrir a boca diante dos ovos. São assim como laranja baiana das graúdas.

- E o gosto?

- Nunca provei. Ovos para mim só os de galinha. Mas, como ia dizendo, fiquei com idéia de apanhar uma ema nova para domesticá-la – e um belo dia eu mesmo o consegui graças à ajuda dum periperi.

A história começava a interessar. Os companheiros do narrador ouviam-no suspensos.

- Como foi? Ande logo.

- Foi um dia em que saí a cavalo para uma chegada à fazendinha do João Coruja, que morava a uns seis quilômetros do meu rancho. Montei no meu pampa e fui varando a macega. Aquilo lá não há caminhos, só trilhas de vai-um pelo capim rasteiro. Os olhos alcançam longe naquele mar de verde-sujo que some na distância. Fui andando. De repente vi a uns trezentos metros longe qualquer coisa que se movia na macega. Parei firme a vista. Era uma ema a dar voltas num círculo estreito. "Que diabo disto será aquilo?" – perguntei comigo mesmo. Emas eu vira muitas, mas sempre a pastarem sossegadas ou a fugirem no galope, nadando com as asas curtas. Assim a dar voltas era novidade. Fiquei de rugas na testa. Que será?

A gente da roça conhece muito bem a natureza de tudo; se vê qualquer coisa na "forma da lei", não se espanta porque é o natural; mas se vê qualquer coisa fora da lei, fica logo de orelha em pé – porque não é natural. Que tinha aquela ema para dar tantas voltas em torno do mesmo ponto? Não era da lei. A curiosidade me fez esquecer o negócio do João Coruja. Torci a rédea do pampa e lá me fui para ema.

- E ela fugiu no galope...

- O natural seria isto, mas não fugiu. Ora, não há ema que não fuja do homem – nem ema, nem animal nenhum. Nós somos o terror da bicharia toda. Parei o pampa a cinco passos dela e nada, e nada da ema fugir. Nem me viu; continuou nas suas voltas, com ar aflito. Pus-me a observá-la, intrigado. Seria seu ninho ali? Não havia sinal de ninho. A pobre ave girava e girava, fazendo movimentos de pescoço sempre na mesma direção, para a esquerda como se quizesse alcançar qualquer coisa com o bico. A roda que fazia era de raio curto, aí duns três metros, e pelo amassamento do capim calculei que já havia dado umas cem voltas.

- Interessante! – murmurou um dos companheiros.

- Foi o que pensei comigo mesmo. Mais que interessante: esquisitíssimo. Primeiro, não fugir de mim; segundo, continuar nas voltas aflitas, sempre com aqueles movimentos de pescoço para a esquerda. Que seria? Apeei e fui chegando. Olhei-a de bem perto. "A coisa é embaixo da asa", vi logo. A pobre criatura tinha qualquer coisa sob a asa, e aquelas voltas e aquele movimen-

to de pescoço eram para alcançar o sovaco. Aproximei-me mais. Segurei-a. A ema, arquejante, não fez a menor resistencia. Deixou-se agarrar. Ergui-lhe a asa e vi...

Os ouvintes suspenderam o folego.

— ... e vi uma coisa vermelha atracada ali, uma coisa que se assustou e voou, e foi pousar num galho seco a vinte passos de distancia. Sabem o que era? Um peripery...

— Que é isso?

— Um gaviãozinho dos menores que existem, assim do tamanho dum sanhaço — um gaviãozinho carijó.

— Mas não disse que era vermelho?

— Estava vermelho do sangue da ema. Agarrara-se-lhe ao sovaco, que é um ponto despido de penas, e aferrara-se á carne com as unhas, enquanto com o bico ia arrancando nacos de carne viva e devorando-os. Aquele ponto do sovaco é o unico sem defesa num corpo de ema, porque ela não o alcança com o bico. É como esse ponto que temos nas costas e não podemos coçar com as unhas. O peripery conseguira localizar-se ali e estava a seguro de bicadas.

Examinei a ferida. Pobre ema! Uma ferida enorme, assim dum palmo de diametro e onde o bico do peripery fizera menos mal que suas garras, pois, como tinha de manter-se aferrado, ia mudando as garras á proporção que a carne dilacerada cedia. Nunca vi ferida mais arrepiante.

— Coitada!

— As emas são duma estupidez famosa, mas o sofrimento abriu a inteligencia daquela. Fe-la compreender

que eu era o seu salvador — e a mim entregou-se como quem se entrega a um deus. O alivio que minha chegada lhe produziu, fazendo que o peripéri a largasse, iluminou-lhe os miolos.

— E o gaviãozinho?

— Ah, o patife, muito vermelho do sangue da ema, lá ficou no galho seco á espera de que eu me afastasse. Pretendia retornar ao banquete! "Eu já te curo, malvado!" exclamei, sacando o revolver. Um tiro. Errei. O peripéri voou para longe.

— E a ema?

— Levei-a para casa, curei-a e tive-a lá por uns meses num cercado. Por fim soltei-a. Não vai comigo isso de escravisar os pobres animaisinhos que Deus fez para vida solta. Se no cercado estava livre dos peripéris, era em compensação uma escrava saudosa das correrias pelo campo. Se fosse consultada, certamente que preferiria os riscos da liberdade á segurança da escravidão. Soltei-a. "Vai, minha filha, segue o teu destino. Se outro peripéri te apanhar, arruma-te lá com ele."

— Mas então é assim?

— Um velho caboclo da zona informou-me que aquilo é frequente. Esses minusculos gaviõesinhos procuram as emas. Ficam traiçoeiramente a ronda-las, á espera de que se descuidem e levantem a asa. Eles, então, rapidos como setas, lançam-se; e se conseguem alcançar-lhes o sovaco, ali enterram as garras e ficam como carrapatos. E as emas, apesar de imensas, comparadas com eles, acabam vencidas. Caem exhaustas; morrem; e os malvadinhos repastam-se no carname durante dias.

— Mas como eles sabem? É o que mais admiro...

— Ah, meu caro, a natureza está inçada de coisas assim, que para nós são misterios. Com certeza houve um perípéri que por acaso fez isso uma primeira vez, e como deu certo ensinou a lição aos outros. Estou convencido de que os animais ensinam uns aos outros o que vão aprendendo. Oh, vocês, criaturas da cidade, não imaginam que coisas interessantes ha na natureza da roça...

O caso da ema foi comentado sob todos os angulos — e deu um broto. Fez sair da memoria do carregador de cara amarrotada uma historia vagamente similar, em que bichinhos muito pequenos destruiram a vida moral dum homem.

— Sim, destruiram a vida dum bicho imensamente maior, como sou eu em comparação com as formigas. Fiquem vocês sabendo que a mim aconteceu coisa ainda peor que o acontecido á ema. Fui vitima dum formigueiro...

Todos arregalaram os olhos.

— Só se já foste hortelão e as formigas te comeram a fazenda, sugeriu um.

— Nada disso. Comeram-me mais que a fazenda, comeram-me a alma. Destruiram-me moralmente — mas foi sem querer. Pobresinhas! Não as culpo de nada.

— Conta lá isso depressa, Manoel. O Arlanza não tarda.

E o velho contou.

— Eu era o fiel da firma Toledo & Cia., com obrigação de tomar conta daquele grande armazem da rua Tal. Vocês sabem que tomar conta dum deposito de mercadorias é coisa seria, porque o homem se torna o

unico responsavel por tudo quanto entra e sai. Ora, eu, português dos antigos, desses de antes quebrar que torcer, fui escolhido para "fiel" porque era fiel — era e sou. Não valho nada, sou um pobre homem ao léu, mas honradez está aqui. Meu orgulho sempre foi esse. Criei reputação desde menino. "O Manoel é dos bons; quebra mas não torce". Pois não é que as formigas me quebraram?

— Conta lá isso depressa...

— A coisa foi assim. Na qualidade de fiel do armazem, nada entrava nem saía sem ser por minhas mãos. Eu fiscalizava tudo e com tal severidade que Toledo & Cia. juravam sobre mim como sobre a biblia. Certa vez entrou lá uma partida de 32 sacos de arroz, que contei, conferi e fiz empilhar a um canto, junto a uma pilha de velhos caixões que lá estavam encostados de muito tempo. Trinta e dois. Contei-os e recontei-os e escrevi no livro de entradas 32, nem mais um, nem menos um. E no dia seguinte, conforme velho habito meu, ainda me fui á pilha e recontei os sacos. Trinta e dois.

Pois muito que bem. O tempo se passa. O arroz lá fica meses á espera de negocio, até que um dia recebo do escritorio ordem para entrega-lo ao portador. Vou dirigir a entrega. Fico na porta do armazem conferindo os sacos que por ali passavam ás costas de dois carregadores — um, dois, vinte, trinta e um... Faltava o ultimo.

— Anda com isso! berrei ao carregador que fôra busca-lo, mas o bruto apareceu-me lá dos fundos com as mãos vazias: "Não ha mais nada".

— Como não ha mais nada? exclamei. São 32. Falta um. Vá busca-lo, vá ver.

Ele foi e voltou na mesma: "Não ha mais nada."

— Impossivel! e fui eu mesmo fazer a verificação e nada achei. Misteriosamente desaparecera um saco de arroz da pilha...

Aquilo pôs-me tonto de cabeça. Esfreguei os olhos. Cocei-me. Voltei ao livro de entradas; reli o assento; claro como o dia: 32. Alem disso eu lembrava-me muito bem daquela partida por causa dum incidente agradavel. Logo que terminei a contagem eu havia dito "32, ultima dezena do Camelo!" e aproveitei o palpite na venda da esquina. Mil réis na dezena 32: de tarde apareceu-me o empregadinho com 80 mil réis. Dera o Camelo com 32.

Vocês bem sabem que essas coisas a gente não esquece. Eram pois 32 sacas — e como então só estavam lá 31? Pus-me a parafusar. Furtar ninguem furtara, porque eu era o mais fiel dos fieis, não arredava pé da porta e dormia lá dentro. Janelas gradeadas de ferro. Porta uma só. Que ninguem furtara o saco de arroz era coisa que eu juraria perante todos os tribunais do mundo, como o jurava para a minha consciencia. Mas a saca de arroz desaparecera... e como era?

Tive de comunicar ao escritorio o desaparecimento — e foi o maior vexame da minha vida. Porque nós, operarios, temos a nossa honra, e a minha honra era aquela — era ser o unico responsavel por tudo quanto entrasse e saisse daquele deposito.

Chamaram-me ao escritorio.

— Como explica a diferença, Manoel?

Cocei a cabeça.

— Meu senhor, respondi ao patrão, bem quisera eu explica-la; mas por mais que torça os miolos não o consigo. Recebi os 32 sacos de arroz; contei-os e recontei-os, e tanto eram 32 que nesse dia deu essa dezena e "mamei" do vendeiro da esquina 80 "paus". O arroz demorou lá meses. Agora recebo ordem para entrega-lo ao caminhão. Vou presidir á retirada e só encontro 31. Furta-lo, ninguem o furtou; isso juro, porque a entrada do armazem é uma só e eu sempre fui cão de fila — mas o fato é que o saco de arroz desapareceu. Não sei explicar o misterio.

As casas comerciais têm que seguir certas normas, e se eu fosse o patrão faria o que ele fez. Já que era o Manoel o responsavel unico, se não havia explicação para o misterio, peor para o Manoel.

— Manoel, disse o patrão, a nossa confiança em você sempre foi completa, como você muito bem sabe, confiança de doze anos; mas o arroz não podia ter-se evaporado como agua ao fogo. E como desapareceu um saco podem desaparecer mil. Quero que você mesmo nos diga o que devemos fazer.

Respondi como devia.

— O que ha de fazer, meu senhor, é despedir o Manoel. Ninguem furtou a saca de arroz mas a saca de arroz confiada á guarda do Manoel desapareceu. O que o patrão tem a fazer é fazer o que o Manoel faria se estivesse em seu lugar: despedi-lo e contratar outro.

O patrão disse:

— Muito lamento ter de agir assim, Manoel, mas tenho socios que me fiscalizam os atos, e serei criticado se não fizer como você mesmo me aconselha.

O velho carregador parou para avivar o cachimbo.

— E foi assim, meus caros, que depois de doze anos de serviço no armazem de Toledo & Cia., fui para o olho da rua, suspeitado de ladrão por todos os meus colegas. Se ninguem podia furtar aquele arroz e o arroz desaparecera, qual o culpado? O Manoel, evidentemente.

Fui para a rua, meus caros, já velhusco e sem carta de recomendação, porque recusei a que a firma me quis dar por esmola. Em boa consciencia, que carta poderiam dar-me os srs. Toledo & Cia.?

Ah, o que sofri! Saber-me inocente e sentir-me suspeitado — e sem meios de defesa. Roubar é roubar, seja um mil réis, sejam contos. Cesteiro que faz um cesto faz um cento. E eu, que era um homem feliz porque compensava a minha pobreza com a fama de honestidade sem par, rolei para a classe dos duvidosos. E o peor era o rato que me roia os miolos. Os outros podiam satisfazer-se atribuindo a mim o furto, mas eu, que sabia da minha inocencia, não arrancava aquele rato da cabeça. Quem tiraria de lá o saco de arroz? Esse pensamento ficou-me lá dentro como um berne dos cabeludos.

Dois anos se passaram, em que envelheci dez. Um dia recebo recado da firma, "que aparecesse no escritorio". Fui.

— Manoel, disse-me o mesmo chefe que me despedira, o misterioso desaparecimento do saco de arroz está decifrado e você rehabilitado da maneira mais com-

pleta. Ladrões tiraram de lá o arroz sem que você visse...

— Não pode ser, meu senhor! Tenho orgulho do meu trabalho de guarda. Sei que ninguem entrou lá durante aqueles meses. *Sei.*

O chefe sorriu.

— Pois saiba que inumeros ladrõesinhos entraram e sairam com o arroz.

Fiquei tonto. Abri a boca.

— Sim, as formigas...

— As formigas? Não estou entendendo nada, patrão...

Ele contou então tudo. A partida dos 32 sacos fôra arrumada, como já disse, junto a uma pilha de velhos caixões vazios. E o ultimo saco ficava pouco acima do nivel do ultimo caixão — disso eu me lembrava perfeitamente. Fôra esse o saco desaparecido. Pois bem. Um belo dia o escritorio dá ordem ao novo fiel para remover de lá os caixões. O fiel executa-a — mas ao faze-lo nota uma coisa: grãos de arroz derramados no chão, em redor dum olheiro de formigas sauvas. Foram as sauvas as roubadoras da saca de arroz numero 32!

— Como?

— Subiram pelos intersticios da caixotaria e furaram o saco ultimo, o qual ficava um pouco acima do nivel do ultimo caixão. E foram retirando os grãos um a um. Com o progressivo esvasiar-se, o saco perdeu o equilibrio e escorregou da pilha para cima do ultimo caixão — e nessa posição as formigas completaram o esvasiamento...

— E...

— Os srs. Toledo & Cia., pediram-me desculpas e ofereceram-me de novo o lugar, com paga melhorada a titulo de indenização. Sabem o que respondi? "Meus senhores, é tarde. Já não me sinto o mesmo. O desastre matou-me por dentro. Um rato roubou-me todo o arroz que havia dentro de mim. Deixou-me o que sou: carregador do porto, saco vazio. Já não tenho interesse em nada. Continuarei portanto carregador. É serviço de menos responsabilidade — alem de que este mundo é uma pinoia. Pois um mundo onde uns bichinhos inocentes dão cabo da alma dum homem, então isso é lá mundo? Obrigado, meus senhores!" e saí.

Nesse momento o Arlanza apitou. O grupo dissolveu-se e tambem eu fui colocar-me a postos. O amigo de Londres causou-me má impressão. Magro, corcovado.

— Que te aconteceu, Marinho?

— Estou com os pulmões afetados.

Hum! sempre a mesma coisa — o pequenininho a derrear o grande. Perípéri, sauva, bacilo de Koch...

1939

A facada imortal

Todos os tratados de xadrez descrevem a celebre partida jogada por Philidor, no seculo XVIII, a mais romantica que os anais enxadristicos mencionam. Tão sabia foi, tão imprevista e audaciosa, que recebeu o nome de *Partida Imortal.* Embora depois dela se jogassem pelo mundo milhões de partidas de xadrez, nenhuma ofuscou a obra prima do famoso Philidor André Danican.

Tambem a "facada" do Indalicio Ararigboia, um saudoso amigo morto, se vem perpetuando nos anais da alta malandragem como a *La Gioconda* do genero ou — como está admitido nas rodas tecnicas — a *Facada Imortal.* Indalicio foi positivamente o Philidor dos faquistas.

Lembro-me bem: era um rapaz lindo, de olhos azues e voz suavissima; as palavras vinham-lhe como pessegos embrulhados em paina, e sabiamente camaralentadas, porque, dizia ele, o homem que fala depressa é um perdulario que deita fóra o melhor ouro da sua herança. Ninguem dá tento ao que esse homem diz, porque *quod abundat nocet.* Se não valorizamos nós mesmos as nossas palavras, como pretendermos que os outros as prezem? Meu mestre nesse ponto foi o general Pinheiro Machado, num discurso que lhe ouvi certa vez. Que astuciosa e bem calculada lentidão! Entre

uma palavra e outra o Pinheiro punha um intervalo de segundos, como se sua boca estivesse perdigotando perolas. E a assistencia o ouvia com religiosa unção, absorvendo como perolas o que como perolas era emitido. Substantivos, adjetivos, verbos, adverbios e conjunções caiam sobre os ouvintes como seixos lançados á lagoa; e antes que cada um chegasse bem lá no fundo, o general não soltava outro. Cacetissimo, mas de alta eficiencia.

— Foi ele então o teu mestre na arte de falar valorizadamente...

— Não. Nasci sono-lento. O Pinheiro apenas me abriu os olhos quanto ao valor monetario do dom que a natureza me dera. Depois de ouvir esse seu discurso é que passei a dedicar-me á nobre arte de fazer com os homens o que fazia Moisés nas rochas do deserto.

— Faze-los "sangrar"...

— Exatamente. Vi que se somasse minha natural lentidão do falar com alguma psicologia vienense (Freud, Adler), o dinheiro dos homens me atenderia como as galinhas atendem ao *quit, quit* das donas de casa. Para cada bolso ha uma chave Yale. Minha tecnica se resume hoje em só abordar a vitima depois de descobrir a chave certa.

— E como o consegue?

— Tenho minha algebra. Considero os homens equações do terceiro grau — equações psicologicas, está claro. Estudo-os, deduzo, concluo — e esfaqueio com precisão praticamente absoluta. O mordedor comum é um ser indecoroso, digno do desprezo que lhe dá a sociedade. Pedincha, implora; apenas desenvolve, sem a menor preocupação estetica, o surrado cantochão do

mendigo: "Uma esmolinha pelo amor de Deus!" Comigo, não! Assumi essa atitude (porque o pedir é uma atitude na vida), primeiro, por esporte; depois, com o fito de rehabilitar uma das mais velhas profissões humanas.

— Realmente, a intenção é nobilissima...

Indalicio racionalizara a "mordedura" ao ponto da sublimação. Citava filosofos gregos. Mobilizava musicos de fama.

— Liszt, Mozart, Debussy, dizia ele, nobilitaram essa coisa comum chamada "som" á força de harmoniza-lo de certo modo. O escultor nobilitará até um paralelepipedo de rua, se lhe der forma estetica. Por que não nobilitaria eu o deprimentissimo ato de pedir? Quando lanço a minha facada, sempre depois de sérios estudos, a vitima não me *dá* o seu dinheiro, apenas *paga* a finissima demonstração tecnica com que a tonteio. Paga-me a facada do mesmo modo que o amador de pintura paga o arranjo de tintas que o pintor faz sobre uma estopa, um quadrado de papelão, uma relissima tabua. O faquista comum, notem, nada dá em troca do miseravel dinheirinho que tira. Eu dou emoções gratissimas á sensibilidade das criaturas finas. Minha vitima tem que ser fina. O simples fato da minha escolha já é um honroso diploma, porque nunca me deshonrei em esfaquear criaturas vulgares, de alma grosseira. Só procuro gente na altura de compreender as sutilezas das paisagens de Corot ou dos versos de Verlaine.

Como se requintava a formosura do Indalicio nos momentos em que discorria assim! Envolvia-o a aura dos predestinados, dos apostolos que se sacrificam para aumentar de alguma coisa a beleza do mundo. De sua

barba loura, á Cristo, escapavam os suaves reflexos do cendré. As frases fluiam-lhe da boca de fino desenho como o oleo ou o mel escorre duma anfora grega suavemente inclinada. Suas palavras traziam patins aos pés. Tudo no Indalicio eram mancais de esferas. Talvez o ajudasse a circunstancia de ser surdinho. Isso de não ouvir bem põe veludos em certas pessoas, dá-lhes um macio de violoncelo. Como não se distraem com a vulgaridade dos sons que todos nós normalmente ouvimos, atentam mais em si proprios, "ouvem-se mais", concentram-se.

Nosso costume naquele tempo era reunir-nos todas as noites no velho "Café Guarany" com y grego — a reforma ortografica ainda dormia no calcanhar do Medeiros e Albuquerque; ficavamos ali horas trabalhando para a Antartica e comentando as proezas de cada um. Rodinha muito interessante e varia, cada um com a sua mania, a sua arte ou a sua tara. Ligava-nos apenas uma coisa: o pendor comum pelas finuras mentais em qualquer campo que fosse, literatura, perfidia, oposição ao governo, arte de viver, amor. Um deles era absolutamente ladrão — desses que a sociedade trancafia. Mas que ladrão engraçado! Estou hoje convencido de que roubava unicamente com um fim: deslumbrar a rodinha com a primorosa estilização das proezas. Outro era bebedo profissional — e talvez pela mesma razão: informar á roda sobre o que é a vida do clã de adoradores do alcool que passam a vida nas "botecas". Outro era o Indalicio...

— E antes, Indalicio? Que é que fazia?

— Ah, perdia o tempo numa escola do Rio como professor de meninos. Nada mais desinteressante. Fugi, farto e refarto. Odeio qualquer atividade vazia dessa "emoção da caça" que considero a coisa suprema da vida. Fomos caçadores durante milhões e milhões de anos, na nossa longuissima fase de homens primitivos. A civilização agricola é coisa de ontem, e por isso ainda espinoteiam com tanta vivacidade, dentro do nosso modernismo, os velhos instintos do caçador. Continuamos os caçadores que eramos, apenas mudados de caça. Como nestas cidades de hoje não existem aqueles *Ursus speleus* que no periodo das cavernas nós caçavamos (ou nos caçavam), matamos a sêde do instinto com as amaveis cacinhas da civilização. Uns caçam meninas bonitas, outros caçam negocios, outros caçam imagens e rimas. O Breno Ferraz caça boatos contra o governo...

— E eu que caço? perguntei.

— Antiteses, respondeu de pronto o Indalicio. Fazes contos, e que é o conto senão uma antitese estilizada? Eu caço otarios, com a espingarda da psicologia. E como isso me dá para viver folgadamente, não quero outra profissão. Tenho prosperado. Calculo que nestes ultimos tres anos consegui remover do bolso alheio para o meu cerca de duzentos contos de reis.

Aquela revelação fez que o nosso respeito pelo Indalicio aumentasse de dez pontos.

— E sem abusar, continuou ele, sem forçar a nota, porque meu intento nunca foi acumular dinheiro. Em dando para o passadio á larga, está otimo. O lucro maior que obtenho, entretanto, está na contenteza de alma, na paz da conciencia — coisas que nunca tive nos

anos em que, como professor de educação moral, eu transmitia ás inocentes crianças noções que hoje considero absolutamente falsas. As nevralgias da minha conciencia naquela epoca, quando provava nas aulas, com infames sofismas, que a linha reta é o caminho mais curto entre dois pontos!

Com o perpassar do tempo o Indalicio desprezou completamente as facadas simples, ou do "primeiro grau", como dizia ele, isto é, as que apenas produzem dinheiro. Passou a interessar-se unicamente pelas que representavam "soluções de problemas psicologicos" e lhe davam, além do intimo prazer da façanha, a mais pura gloria ali na rodinha. Uma noite desenvolveu-nos o teorema do maximo...

— Sim cada homem, em materia de facada, tem o seu maximo; e o faquista que arranca 100 mil réis dum freguês cujo maximo é de um conto, lesa-se a si proprio — e ainda perturba a harmonia universal. Lesa-se em 900 mil réis e interfere na ordem preestabelecida do cosmos. Aqueles 900 mil réis estavam predestinados a mudarem-se de bolso *naquele dia, naquela hora,* por meio *daqueles agentes;* a inepcia do mau faquista perturba a predestinação, dess'arte criando uma ondulazinha de desharmonia que até ser reabsorvida contribue para o mal estar do Universo.

Essa filosofia ouvimo-la no dia do seu "grande deslise", quando o Indalicio nos apareceu no Guarany seriamente incomodado com a perturbação que essa sua "mancada" podia estar determinando na harmonia das esferas.

Errei, disse ele. Meu assalto foi contra o Macedo, que, vocês sabem, é a maior vitima dos mordedores de S. Paulo. Mas fui precipitado em minhas conclusões quanto ao seu maximo, e dei-lhe um golpe de dois contos apenas. A prontidão com que atendeu, reveladora *de que estava ganhando tres*, demonstrou-me, da maneira mais evidente, que o maximo do Macedo é de cinco contos! Perdi, pois, tres contos... E o peor não está nisso, mas na desconfiança em que fiquei de mim mesmo. Estarei por acaso decaindo? Nada mais grotesco do que ferir em oitenta ao otario cujo maximo é de cem. O bom atirador não gosta de acertar *perto*. Ha de enfiar as balas, exatinho, no centro geometrico do alvo.

Nesse dia foram necessarios dez chopes para abafar a inquietação do Indalicio; e ao recolher-nos, lá pela meia noite, saí com ele a pretexto de consola-lo, mas na realidade para impedi-lo de passar pelo Viaduto. Mas afinal descobri a aspirina adequada ao caso.

— Só vejo um meio de te restaurares na confiança perdida, meu caro Indalicio: dares uma facada no Raul! Se o consegues, terás realizado a proeza suprema de tua vida. Que tal?

Os olhos de Indalicio iluminaram-se, como os do caçador que depois de perder um coatí dá de frente com um precioso veado — e foi assim que teve inicio a construção da grande obra prima do nosso saudoso Indalicio Ararigboia.

O Raul, velho companheiro de roda, tinha-se, e era tido, como absolutamente imune a facadas. Rapaz de modestas posses, vivia duns 400 mil réis mensalmente drenados do governo; mas tratava-se bem, vestia-se com

singular apuro, usava lindas gravatas de seda, bons sapatos; para perpetuar semelhante proeza, entretanto, adquirira o habito de não pôr fora dinheiro nenhum, e hermeticamente fechara o corpo a facadas, por minimas que fossem. Recebido o ordenado no começo do mês, pagava as contas, as prestações, retinha os miudos do bonde e pronto — ficava até o mês seguinte leve como um beijaflor. Em materia de facadas sua teoria sempre fôra de negação absoluta.

— "Morre" quem quer, dizia ele. Eu por exemplo não sangrarei nunca porque de ha muito *deliberei* não sangrar! O mordedor pode atacar-me de qualquer lado, norte, sul, leste, oeste, a jusante ou a montante, e com uso de todas as armas inclusive as do arsenal do Indalicio: inutil! Não sangro, pelo simples fato de haver deliberado não sangrar — além de que por sistema não ando com dinheiro no bolso.

Indalicio não ignorava a inexpugnabilidade do Raul, mas como se tratasse dum companheiro de roda nunca pensou em tirar o ponto a limpo. Minha sugestão daquele dia, porém, fe-lo mudar de ideia. A inexpugnabilidade do Raul entrou a irrita-lo como intoleravel desafio á sua genialidade.

— Sim, disse o Indalicio, porque verdadeiramente imune a facadas não creio que haja ninguem no mundo. E se alguem, como o Raul, faz essa ideia de si, é que nunca foi abordado por um verdadeiro mestre — um Balzac como eu. Hei de destruir a inexpugnabilidade do Raul; e se meu golpe vier a falhar, talvez até me suicide com a pistola de Vatel. Viver deshonrado aos meus proprios olhos, nunca!

E Indalicio pôs-se a estudar o Raul afim de descobrir-lhe o maximo — sim, porque até no caso do Raul aquele genio insistia em ferir no maximo! Duas semanas depois confessou-me com a habitual suavidade:

— O caso está resolvido. O Raul realmente jamais levou facadas e considera-se em absoluto imune — mas lá no fundo da alma, ou do inconciente, está inscrito o seu maximo: cinco mil réis! Tenho orgulho em revelar a minha descoberta. Raul considera-se inesfaqueavel, e jurou morrer sem a menor cicatriz no bolso; a sua conciencia, portanto, não admite maximo nenhum. *Mas o maximo do Raul é de cinco*! Para chegar a essa conclusão tive de insinuar-me nos desvãos de sua alma com a gazua do Freud.

— Só cinco?

— Sim. Só cinco — o maximo absoluto! Se o Raul se psicanalisasse, descobriria, com assombro, que apesar das suas juras de imunidade a natureza o colocou na casa dos cinco.

— E vai o nosso Balzac sujar-se com uma facada de cinco mil réis! Em que ficou a tua fixação do minimo em duzentos?

— De fato, hoje não dou facadas de menos de duzentos, e me julgaria deshonrado se me abaixasse a uma de cento e oitenta. Mas o caso do Raul, especialissimo, me força a abrir uma exceção. Vou esfaquea-lo em cinquenta mil réis...

— Por que cinquenta?

— Porque ontem, inopinadamente, a minha algebra psicologica demonstrou que ha possibilidade de um se-

gundo maximo no Raul, não de cinco, como está inscrito no seu inconciente, mas de dez vezes isso, como consegui ler na aura desse inconciente!...

— No inconciente do inconciente!...

— Sim, na verdadeira estratosfera do inconciente raulino. Mas só serei bem sucedido se não errar na escolha do momento mais favoravel, e se conseguir deixa-lo em ponto de bala por meio da aplicação de diversas cocainas psicologicas. Só quando Raul se sentir levitado, expandido, com a alma bem rarefeita, é que sangrará no maximo astral que eu descobri!...

Mais um mês gastou o Indalicio em estudos do Raul. Certificou-se do dia em que lhe pagavam no Tesouro, do quanto lhe levavam as contas e prestações, e quanto costumava sobrar-lhe depois de satisfeitos todos os compromissos. E não ha pôr aqui toda a série de preparos psicologicos, fisicos, metapsiquicos, mecanicos e até gastronomicos a que o genio do Indalicio submeteu o Raul; encheria paginas e paginas. Resumirei dizendo que o ataque em vôo piqué só seria realizado depois do completo "condicionamento" da vitima por meio da sabia aplicação de todos os "matadores". O nosso pobre Indalicio faleceu sem saber que estava lançando os fundamentos do moderno totalitarismo...

No dia 4 do mês seguinte avisou-me da iminencia do golpe.

— Vai ser amanhã, ás oito da noite, no Bar Baron, quando o Raul cair na leve crise sentimental que lhe provocam certas passagens do *Petit Chose* de Daudet, recordadas entre a segunda e a terceira dose do *meu* vinho...

— Que vinho?

— Ah, um que descobri em estudos *in anima nobile* — nele mesmo: a unica vinhaça que de mistura com o Daudet do *Petit Chose* deixa o Raul, durante meio minuto, sangravel no maximo astral! Vocês vão abrir a boca. Estou positivamente criando a minha obra prima! Aparece amanhã no Guarany ás nove horas para ouvires o resto...

No dia seguinte fui ao Guarany ás oito e já lá encontrei a roda. Pu-los ao par dos desenvolvimentos da vespera e ficamos a comentar os prós e contras do que áquela hora estaria se passando no Bar Baron. Quasi todos jogavam no Raul.

Ás nove entrou o Indalicio, suavemente. Sentou-se.

— Então? perguntei.

Sua resposta foi tirar do bolso e sacudir no ar uma nota nova de cinquenta mil réis.

— Fiz um trabalho preparatorio perfeito demais para que me falhasse o golpe, disse ele. No momento decisivo bastou-me um *quit, quit* dos mais simples. Os cinquenta *fluiram* do bolso do Raul para o meu — contentes, felizes, alegrinhos...

O assombro da roda chegou ao auge. Era realmente escachante aquele prodigio!

— Maravilhoso, Indalicio! Mas põe isso em troco miudo, pedimos. E ele contou:

— Nada mais simples. Depois do preparo do terreno, a tecnica foi, entre a segunda e a terceira dose da vinhaça e o Daudet, ferir fundo nos cinquenta — e o que eu esperava ocorreu. Ultra-surpreso de haver no globo quem o avaliasse em cinquenta mil réis, a ele, que na in-

timidade trevosa do sub-conciente só admitia o miseravel maximo de cinco, Raul deslumbrou-se... Raul perdeu o controle de si proprio... sentiu-se levitado, rarefeito por dentro, estratosferico — e com os olhos emparvecidos meteu a mão no bolso, sacou tudo quanto havia lá, exatamente esta nota, e entregou-ma, sonambulico, num incoercivel impulso de gratidão! Instantes depois voltava a si. Corou como a romã, formalizou-se e só não me agrediu porque a minha sabia fuga estrategica não lhe deu tempo...

Maravilhamo-nos sinceramente. Aquela Yale psicologica era talvez a unica, dos milhões de chaves existentes no universo, capaz de abrir a carteira do Raul para um faquista; e o te-la descoberto e manejado com tanta segurança era coisa que indiscutivelmente vinha fechar com chave de ouro a gloriosa carreira do Indalicio — como de fato fechou: meses depois a gripe espanhola de 1918 nos levava esse precioso e amavel amigo.

— Parabens, Indalicio! exclamei. Só a má fé te negará o dom da genialidade. A *Partida Imortal* do grande Philidor já não está sem *pendant* no mundo. Criaste a *Facada Imortal.*

Como ninguem da roda jogasse xadrez, todos me olharam perguntativamente. Mas não houve tempo para explicações. Vinha entrando o Raul. Sentou-se, calado, contido. Pediu uma caninha (sinal de rarefação no bolso). Ninguem disse nada. Esperamos que ele se abrisse. Indalicio estava profundamente absorvido nos "Pingos e Respingos" dum "Correio da Manhã" sacado do bolso.

Subito, veiu-me uma infinita vontade de rir, e foi rindo que rompi o silencio:

— Então, seu Raul, caiu, hein?...

Realmente desapontado, o querido Raul não achou a palavra chistosa, o "espirito" com que em qualquer outra circunstancia comentaria um seu desaso qualquer. Limitou-se a sorrir amareladamente e a emitir um "Pois é!..." — o mais desenxabido "Pois é" ainda pronunciado no mundo. Tão desenxabido, que o Indalicio engasgou-se de rir... com o "Pingo" que lia.

1942

A policitemia de Dona Lindoca

Dona Lindoca não era feliz. Quarentona bem puxada apesar dos trinta e sete anos em que fizera fincapé, via pouco a pouco chegar a velhice com seu empaste de feições, rugas e macacôas.

Não era feliz, porque nascera com o genio da ordem e do asseio meticuloso — e gente assim passa a vida a amofinar-se com criados e coisinhas. E como tambem nascera casta e amorosa, não ia com o desamor e desrespeito do mundo. O marido jamais lhe retribuira o amor com os mimos entressonhados em noiva. Não tinha "caídos", nem usava para a sua sensibilidade, sempre menineira, desses pequeninos nadas cariciosos que para certas criaturas constituem a suprema felicidade na terra.

Isso, porém, não traria a dona Lindoca mal de monta, excedente a suspiros e queixas ás amigas, se a certeza da infidelidade do Fernando não viesse um dia estragar tudo. Estava a boa senhora a escovar-lhe o paletó quando sentiu vago aroma suspeito. Foi logo aos bolsos — e apanhou o corpo de delito num lencinho perfumado.

— Fernando, você deu agora para usar perfume? indaga a santa esposa aspirando o lenço comprometedor. E "Coeur de Jeannette", inda mais...

O marido, pegado de surpresa, armou a cara mais alvar de toda a sua coleção de "caras circunstanciais" e murmurou o primeiro rebate sugerido pelo instinto de defesa:

— Você está sonhando, mulher...

Mas teve que render-se á evidencia, logo que a esposa lhe chegou ao nariz o crime.

Ha coisas inexplicaveis, por mais lepida que seja a presença de espirito de um homem traquejado. Lenço cheiroso em bolso de marido que jamais usou perfume, eis uma. Põe em ti o caso, leitor, e vai estudando desde já uma saída honrosa para a hipotese de te suceder o mesmo.

— Pilheria de mau gosto do Lopes...

O melhor que lhe acudiu foi lançar á conta do espirito brincalhão do seu velho amigo Lopes mais aquela. Dona Lindoca, está claro, não enguliu a grosseira pilula — e desde aquele dia entrou a suspirar suspiros de um novo genero, com muita queixa ás amigas sobre a corrupção dos homens.

Mas a realidade era diferente de tudo aquilo. Dona Lindoca não era infeliz; seu marido não era um mau marido; seus filhos não eram maus filhos. Gente toda ela muito normal, vivendo a vida que todas as criaturas normais vivem. Dava-se apenas o que se dá sempre na existencia da generalidade dos casais pacificos. A peça matrimonial "Multiplicai-vos" tem um segundo ato em excesso trabalhoso na procriação e criação dos rebentos. É uma dobadoura de anos, na qual os atores principais mal têm tempo de cuidar de si, tanto lhes monopolizam as energias os cuidados absorventes da

prole. Nesse periodo longo e rotineiro, quanto perfume vago não trouxe da rua o doutor Fernando! Mas o olfato da esposa, sempre saturado com o cheirinho das crianças, jamais deu tento de nada.

Um dia, porém, começou a dispersão. Casaram-se as filhas e os filhos foram deixando o borralho um por um, como passarinhos que já sabem fazer uso das asas. E como o esvaziamento do lar ocorreu no periodo muito curto de dois anos, o vacuo trouxe a dona Lindoca uma penosa sensação de infelicidade.

O marido não mudara em coisa nenhuma, mas como só agora dona Lindoca tinha tempo de dar-lhe atenção, parecia-lhe mudado. E queixava-se dos seus eternos negocios fora de casa, de sua indiferença, do seu "desamor". Certa vez, perguntou-lhe ao jantar:

— Fernando, que dia é hoje?

— Treze, filha.

— Treze só?

— Está claro que treze só. Impossivel que fosse treze e mais alguma coisa. É da aritmetica.

Dona Lindoca arrancou um suspiro dos mais sucados.

— Essa aritmetica antigamente era bem mais amavel. Pela aritmetica antiga, hoje não seria treze só — e sim treze de julho...

O doutor Fernando bateu na testa.

— É verdade, filha! Não sei como me escapou que é hoje dia dos teus anos. Esta cabeça...

— Essa cabeça não falha quando as coisas a interessam. É que para você eu já passei... Mas console-se, meu caro. Não me ando sentindo bem e breve dei-

xarei você livre no mundo. Poderá então, sem remorso, regalar-se com as Jeannettes...

Como as recriminações alusivas ao caso do lenço perfumado fossem uma "scie", o marido adotara a boa politica de "passar", como no pocker. "Passava" todas as alusões da esposa, meio eficaz de torcer em germe o pepino de um debate tão inutil quão indigesto. Fernando "passou" a Jeannette e aceitou a doença.

— Serio? Sente qualquer coisa, Lindoca?

— Uma ansiedade, uma canseira, isto desde que vim de Teresopolis.

— Calor. Estes verões cariocas derrancam até aos mais pintados.

— Sei quando é calor. O mal estar que sinto deve ter outra causa.

— Nervoso, então. Por que não vai ao medico?

— Já pensei nisso. Mas, a qual medico?

— Ao Lanson, filha. Que ideia! Pois não é o medico da casa?

— Deus me livre. Depois que matou a mulher do Esteves? Isso quer você...

— Não matou tal, Lindoca. É tolice propalar essa maldade inventada por aquela caninana da Marocas. Ela é que diz isso.

— Ela e todos. Voz corrente. Alem do mais, depois daquele caso da corista do Trianon...

O doutor Fernando espirrou uma gargalhada.

— Não diga mais nada! exclamou. Adivinho tudo. A eterna mania.

Sim, era a mania. Dona Lindoca não perdoava infidelidade de marido, nem no seu nem no das outras.

Em materia de moralidade sexual não cedia milimetro. Como fosse de natural casta, exigia castidade de todo mundo. Daí o desmerecerem ante seus olhos todos os maridos que na voz das comadres andavam de amores fora do ninho conjugal. Aquele doutor Lanson perdera-se no conceito de dona Lindoca não porque houvesse "matado" a mulher do Esteves — pobre tuberculosa que mesmo sem medico tinha de morrer — mas porque andara ás voltas com uma corista.

A gargalhada do marido enfureceu-a.

— Cinicos! São todos os mesmos... Pois não vou ao Lanson. É um sujo. Vou ao doutor Lorena, que é homem limpo, decente, um puro.

— Vai, filha. Vai ao Lorena. A pureza desse medico, que eu cá chamo hipocrisia requintada, com certeza lhe ha de ajudar muito a terapeutica.

— Vou, sim, e nunca mais me ha de entrar aqui outro medico. De Lovelaces ando eu farta, concluiu Dona Lindoca sublinhando a indireta.

O marido olhou-a de soslaio, sorriu filosoficamente e, "passando" o "Lovelaces", pos-se a ler os jornais.

No dia seguinte, dona Lindoca foi ao consultorio do medico puritano e voltou radiante.

— Tenho uma policitemia, foi logo dizendo. Garante ele que não é grave, embora requeira tratamento serio e longo.

— Policitemia? repetiu o marido com vincos na testa, sinal de que entendia suas pitadas de medicina.

— Que espanto é esse? Policitemia, sim, a doença da rainha Margarida e da grã-duqueza Estefania, disse-me o doutor. Mas cura-me, assegurou — e ele sabe o

que diz. Como é fino o doutor Lorena! Como sabe falar!...

— Sobretudo falar...

— Já vem você. Já começa a implicar com o homem só porque é um puro... Pois, quanto a mim, só sinto te-lo conhecido agora. É um medico decente, sabe? Fino, amavel, muito religioso. Religioso, sim! Não perde a missa das onze na Candelaria. Diz as coisas de um modo que até lisonjeia a gente. Não é um sujo como o tal Lanson, que anda metido com atrizes, que vê humores em tudo e põe as clientes nuas para examina-las.

— E o teu Lorena como as examina? Vestidas?

— Vestidas, sim, está claro. Não é nenhum libertino. E se o caso exige que a cliente se dispa em parte, ele aplica os ouvidos mas fecha os olhos. É decente, ora aí está! Não faz do consultorio casa de encontros.

— Venha cá, minha filha. Noto que você fala com leviandade de sua doença. Tenho minhas noções de medicina e parece-me que essa tal policitemia...

— Parece nada. O doutor Lorena afirmou-me que não é coisa de matar, embora de cura lenta. Doença até distinta, de fidalgos.

— De rainhas, grã-duquezas, sei...

— Só que exige muito tratamento — sossego, regime alimentar, coisas impossiveis nesta casa.

— Por que?

— Ora essa. Quer você que uma dona de casa possa cuidar de si tendo tanta coisa em que olhar? Vá a pobre de mim deixar de matar-se na trabalheira, para ver como isto vira de pernas para o ar. Tratamento na regra,

só para essas que tomam o marido das outras. A vida é para elas...

— Deixemos isso, Lindoca, até cansa.

— Mas vocês não se cansam delas.

— Elas, elas! Que elas, mulher? exclamou já exasperado o marido.

— As perfumadas.

— Bolas.

— Não briguemos. Basta. O doutor... ia-me esquecendo. O doutor Lorena quer que você apareça por lá, no consultorio.

— Para que?

— Ele dirá. Das duas ás cinco.

— Muita gente a essa hora?

— Como não? Um medico daqueles... Mas a você não fará esperar. É negocio á parte da clinica. Vai?

O doutor Fernando foi. O medico desejava advertilo de que a doença da dona Lindoca era grave, havendo perigo serio caso o tratamento que prescrevera não fosse seguido á risca.

— Muito sossego, nada de contrariedades, mimos. Principalmente mimos. Indo tudo a contento, num ano poderá estar boa. Do contrario, teremos mais um viuvo em pouco tempo.

A possibilidade da morte da esposa, quando assim se antolha pela primeira vez a um marido de coração sensivel, abala profundamente. O doutor Fernando deixou o consultorio e rodando para casa ia a recordar o tempo roseo do namoro, o noivado, o casamento, o enlevo dos primeiros filhos. Não era mau marido. Pode-

ria até figurar entre os otimos, no juizo dos homens que se perdoam uns aos outros os pequenos arranhões no pacto conjugal, filhos da curiosidade adamica. Já as mulheres não compreendem assim, e dão demasiado vulto a borboleteios que muitas vezes só servem para valorizar as esposas aos olhos dos maridos. Assim é que a noticia da gravidade da molestia de dona Lindoca despertou em Fernando um certo remorso, e o desejo de redimir com carinhos de noivo os anos de indiferença conjugal.

— Pobre Lindoca. Tão boa de coração... Se azedou um bocado, a culpa foi só minha. O tal perfume... Se ela pudesse compreender a absoluta insignificancia do frasco donde emanou aquele perfume...

Ao entrar em casa indagou logo da esposa.

— Está em cima, respondeu a criada.

Subiu. Encontrou-a no quarto, numa preguiçosa.

— Viva a minha doentezinha! E abraçou-a e beijou-a na testa.

Dona Lindoca espantou-se.

— Ué! Que amores esses agora? Até beijos, coisas que me dizias fora da moda...

— Vim do medico. Confirmou-me o diagnostico. Não ha gravidade nenhuma, mas exige tratamento de rigor. Muito sossego, nada de amofinações, nada que abale o moral. Vou ser o enfermeiro da minha Lindoca e hei de pô-la sãzinha.

Dona Lindoca arregalou os olhos. Não reconhecia no indiferente Fernando de tanto tempo aquele marido amavel, tão perto do padrão com que sempre sonhara. Até diminutivos...

— Sim, disse ela, tudo isso é facil de dizer — mas sossego de fato, repouso absoluto, como, nesta casa?

— Por que não?

— Ora, você será o primeiro a dar-me aborrecimentos.

— Perdoi-me, Lindoca. Compreenda a situação. Confesso que não fui contigo o esposo entressonhado. Mas tudo mudará. Você está doente e isso vai fazer que tudo renasça — até o velho amor dos vinte anos, que não morreu nunca, apenas encasulou-se. Não imagina como me sinto cheio de ternura para com a minha mulherzinha. Estou todo lua de mel por dentro.

— Os anjos digam amem. Só receio que com tanto tempo o mel já esteja azedo...

Apesar de mostrar-se assim tão incredula, a boa senhora irradiava. O seu amor pelo marido era o mesmo dos primeiros tempos, de modo que aquela ternura o fez logo reflorir, á imitação das arvores desfolhadas pelo inverno a um chovisco de primavera.

E a vida de dona Lindoca de fato mudou. Os filhos passaram a vir vê-la com frequencia — logo que o pai os advertiu da vida periclitante da boa mãe. E mostravam-se muito carinhosos e solicitos. Os parentes mais chegados, tambem por influxo do marido, amiudaram as visitas, de tal jeito que dona Lindoca, sempre queixosa outrora de isolamento, se fosse queixar-se agora, seria de solicitude excessiva.

Veiu uma tia pobre do interior tomar conta da casa, chamando a si todas as preocupações amofinantes.

Dona Lindoca sentia um certo orgulho da sua doença, cujo nome lhe soava bem aos ouvidos e fazia abrir

a boca aos visitantes — *policitemia*... E como o marido e os demais lhe lisonjeassem a vaidade enaltecendo o chique das policitemias, acabou por considerar-se uma privilegiada.

Falavam muito na rainha Margarida e na grã-duqueza Estefania como se fossem pessoas da casa, havendo um dos filhos conseguido e posto na parede o retrato de ambas. E certa vez em que os jornais deram um telegrama de Londres noticiando achar-se enferma a princesa Mary, dona Lindoca sugeriu logo, convencidamente:

— Vai ver que uma policitemia...

A prima Elvira trouxe de Petropolis uma novidade de sensação.

— Viajei com um doutor Maciel na barca. Contou-me que a baroneza de Pilão Arcado tambem está com policitemia. E tambem aquela grandalhona loura, mulher do ministro francês — a Grouvion.

— Sério?

— Sério, sim. É doença de gente graúda, Lindoca. Este mundo!... Até em questão de doenças as bonitas vão para os ricos e as feias vão para os pobres! Você, a Pilão Arcado e a Grouvion, com policitemia — e lá a minha costureirinha do Catete, que morre dia e noite em cima da maquina de costura, sabe o que lhe deu? Tísica mesenterica...

Dona Lindoca fez cara de nojo.

— Eu nem sei onde "essa gente" apanha tais coisas...

Outra ocasião, ao saber que uma sua ex-criada de Teresopolis fôra ao medico e viera com diagnostico de

policitemia, exclamou, incredula, a sorrir com superioridade:

— Duvido! A Liduina com policitemia? Duvido!.. Vai ver que quem disse tal bobagem foi o Lanson, aquela toupeira.

A casa virou perfeita maravilha de ordem. As coisas surgiam á hora e no ponto, como se anões invisiveis estivessem a prover tudo. A cozinheira, otima, fazia pitéus de arregalar o olho. A arrumadeira alemã dava ideia de uma abelha em forma de gente. A tia Gertrudes era uma governante de casa como jamais existiu outra.

E nenhum barulho, todos na ponta dos pés, com "pssius" aos estouvados. E presentinhos. Os filhos e noras jamais esqueciam a boa mamãe, ora com flores, ora com os doces de que ela mais gostava. O marido fizera-se caseiro. Deu jeito aos negocios e pouco saía, e á noite nunca, passando a ler para a esposa os crimes dos jornais nas raras vezes em que não tinham visitas.

Dona Lindoca começou a viver vida de ceu aberto.

— Como me sinto feliz agora! dizia. Mas para que nada haja perfeito, tenho a policitemia. Verdade é que esta doença não me incomoda em nada. Não a sinto absolutamente — alem de que é doença fina...

O medico vinha vê-la amiude, mostrando boa cara á doente e má ao marido.

— Demora ainda, meu caro. Não nos iludamos com aparencias. As policitemias são insidiosas.

O curioso era que dona Lindoca realmente não sentia coisa nenhuma. O mal estar, a ansiedade do começo que a levara a consultar o medico, de muito que havia

passado. Mas quem sabia da sua doença não era ela e sim o medico. De modo que enquanto ele não lhe desse alta, teria de continuar nas delicias daquele tratamento.

Certa vez chegou a dizer ao doutor Lorena:

— Sinto-me boa, doutor, completamente boa.

— Parece-lhe, minha senhora. O caracteristico das policitemias é iludir assim os doentes, e pô-los derreados, ou liquidados, á menor imprudencia. Deixe-me cá levar o barco a meu modo, que para outra coisa não queimei as pestanas na escola. A grã-duqueza Estefania tambem se julgou boa, certa vez, e contra o parecer do medico assistente deu-se alta a si propria...

— E morreu?

— Quasi. Recaiu e foi um custo pô-la de novo no ponto em que estava. O abuso, minha senhora, a falta de confiança no medico, tem levado muita gente para o outro mundo...

E repetiu ao marido aquele parecer, com grande encanto de dona Lindoca, que não cessava de abrir-se em elogios ao grande clinico.

— Que homem! Não é atoa que ninguem diz "isto" dele, neste Rio de Janeiro das más linguas. "Amantes, minha senhora", declarou ele outro dia á prima Elvira, "ninguem me apontará jamais nenhuma."

O doutor Fernando ia se saindo com uma ironia á moda antiga, mas recolheu-se a tempo, por amor ao sossego da esposa, com a qual jamais esgrimira depois da doença. E resignou-se a ouvir o estribilho de sempre: "É um homem puro e muito religioso. Fossem todos assim e o mundo seria um paraiso".

Durou seis meses o tratamento de dona Lindoca e duraria doze, se um belo dia não rebentasse um grande escandalo — a fuga do doutor Lorena para Buenos Aires com uma cliente, moça da alta sociedade.

Ao receber a noticia, dona Lindoca recusou-se a dar credito.

— Impossivel! Ha de ser calunia. Vai ver como ele logo aparece por aqui e tudo se desmente.

O doutor Lorena jamais apareceu; o fato confirmou-se, fazendo dona Lindoca passar pela maior desilusão de sua vida.

— Que mundo, meu Deus! murmurava. Em que mais acreditar, se até o doutor Lorena faz dessas?

O marido rejubilou-se por dentro. Sempre vivera engasgado com a pureza do charlatão, comentada todos os dias em sua presença sem que ele pudesse explodir o grito d'alma que lhe punha um nó na garganta: "Puro nada! É um pirata igual aos outros".

O abalo moral não fez dona Lindoca recair enferma, como era de supor. Sinal de que estava perfeitamente curada. Para melhor certificar-se disso o marido lembrou-se de consultar outro medico.

— Pensei no Lemos de Souza, sugeriu ele. Está com muito nome.

— Deus me livre! acudiu logo a doente. Dizem que é amante da mulher do Bastos.

— Mas trata-se de um grande clinico, Lindoca. Que importa o que lá do seu namoro dizem as más linguas? Neste Rio ninguem escapa.

— A mim importa muito. Não quero. Veja outro. Escolha um decente. Sujeiras não admito aqui.

Depois de comprido debate acordaram em chamar o Manuel Brandão, professor da Escola e já em adiantado grau de senilidade. Não constava que fosse amante de ninguem.

Veiu o novo doutor. Examinou cuidadosamente a doente e ao cabo concluiu com absoluta segurança.

— Vossa Excelencia não tem nada, disse ele. Absolutamente nada.

Dona Lindoca pulou, muito lepida, da sua preguiçosa.

— Então sarei de uma vez, doutor?

— Sarou... se é que esteve doente. Não consigo ver sinal nenhum em seu organismo de doença presente ou passada. Quem foi o medico?

— O doutor Lorena...

O velho clinico sorriu, e voltando-se para o marido:

— É o quarto caso de doença imaginaria que o meu colega Lorena (aqui entre nós, um refinadissimo patife) leva a explorar durante meses. Felizmente raspou-se para Buenos Aires, ou "desinfetou" o Rio, como dizem os capadocios.

Foi um assombro. O doutor Fernando abriu a boca.

— Mas então...

— É o que lhe digo, reafirmou o medico. A sua senhora teve qualquer crise nervosa que passou com o repouso. Mas, policitemia, nunca! Policitemia!... Até me espanta que tão grosseiramente pudesse o tal Lorena iludir a todos com essa pilheria...

. . . . . .

A tia Gertrudes voltou para sua casa no interior. Os filhos foram se tornando mais parcos nas visitas — e os demais parentes idem. O doutor Fernando retomou a vida de negocios e nunca mais teve tempo de ler crimes para a desconsolada esposa, sobre cujos ombros recaiu a velha trabalheira de zelar pela casa.

Em suma, a infelicidade de dona Lindoca voltou com armas e bagagens, fazendo-a suspirar suspiros ainda mais profundos que os de outrora. Suspiros de saudade. Saudade da policitemia...

Duas Cavalgaduras

Um grande amigo dos livros, o estudante Batista de Ribeiro Couto. (1)

Na sua dolorosa miseria de rapaz pobre, solto sem padrinhos na voragem carioca, desses bons amigos se socorria para desafogo da alma crestada ao vento das decepções. Falhava-lhe o sonhado emprego? Abria *Dom Casmurro* e logo a malícia da Capitú o empolgava, levando-o para casos bem distantes do seu dorido caso pessoal. Traia-o algum amigo? O moço embarcava para Florença no *Lys Rouge*, hospedava-se com Miss Bell e, de visita ás igrejas com Dechartre, ei-lo embriagado no ardente amor da condessa.

O estomago, porém, é Sancho. Não lhe digere contemplações. Exige pão. E a fome, um dia, apresentou ao estudante o seu inexoravel ultimatum. Mata-me ou mato-te.

Um só recurso lhe restava: reduzir a pão duro os seus amados livros.

Fê-lo, mas com que magua! Como vacilou na escolha da primeira vitima! E como lhe doeu o sordido negocismo do belchior, miseravel depreciador da "mercadoria" com o fito de obtê-la pelo minimo!

---

(1) *O Crime do Estudante Batista*, livro de contos de Ribeiro Couto.

Era este belchior certo judeu mulato com um "sebo" á rua do Catete. Mulato de barbicha ironica, propria para coçadelas nos momentos de engatilhar o preço. Tinha um jeito irritante de tomar os livros e ler o titulo por baixo dos oculos, como se os cheirasse. Tipo desagradavel de mumia ressurreta, em perfeita harmonia com a sordidez da casa.

Que vitrina! Já ali se lhe anunciava a alma. Livros encardidos, brochuras de cantos surrados, canetas de vintem, lapis "quebra-a-ponta", tinteiros de refugo — tudo desbotado pelo sol e tamisado pela horrivel poeira negra da rua. Dentro, um cheiro de velhice, mixto de mofo e ranço — bafio proveniente metade da mumia, metade das estantes prenhes de brochuras infectas.

Pois foi nas garras de tal aranha barbada que o pobre contemplativo caiu, e um a um lhe sorvia ela todos os volumes da amada biblioteca, sempre a ratinhar, a rosnar, a espichar niqueis para o que valia notas.

Uma vez recebeu o moço más noticias de casa e instante pedido de uma linda irmãzinha que deixara em Catalão. Era forçoso servi-la, inda que houvesse de vender a alma ao diabo.

O jeito era um só: negociar em bloco os livros restantes. Que vá, que vá! Uma grande dôr unica é de preferir-se a mil doresinhas parceladas. Que vá tudo!

Contou-os. Trezentos. Pelo preço medio que o judeu lhe pagava por unidade, obteria com aquele sacrificio os duzentos mil réis necessarios e mais uns bicos. Que vá.

Batista retesou-se d'alma, amordaçou o coração, meteu na carroça os velhos amigos e, como vai para a

guilhotina o condenado, foi com eles para a rua do Catete.

O judeu examinou os volumes um por um, cheirou-os, sopesou-os e depois de longas manobras, engasgos, meias palavras e coçadelas da barbicha, abriu a oferta.

— Dou-lhe quarenta mil réis, moço, por ser para o senhor. E lamba as unhas, hein?

Tomado de subita onda de colera homicida o estudante não lambeu as unhas: lambeu-lhe a vida. Estrangulou-o...

Havia eu lido esse formoso conto e ficara com os tipos gravados em relevo na memoria, tanta nitidez dera á pintura o autor. O judeu mulato, sobretudo, passara a viver dentro de mim em lugar de honra na "sala de Harpagão".

Somos todos nós uns museus de tipo apanhados na rua ou colhidos na literatura. Museus classificados, com salas disto e daquilo. A minha sala dos usurarios encerrava bom numero de shylockzinhos modernos, fisgados á porta de cartorios ou diretamente nos antros onde costumam empoleirar-se como harpias pacientes á espera dos naufragos da vida. Ombro a ombro conviviam eles com os patriarcas do clã — mestre Harpagão, tio Grandet e o João Antunes de Camilo Castelo Branco.

Lida a novela de Couto, entrou para a sala mais um — o judeu mulato do Catete, tipo de tal vida que uma suspeita breve me tomou: "Este diabo existe. Não póde ser ficção. Ha nele traços que se não inventam. E se existe, hei de vê-lo".

E pus-me a procura-lo em certo dia de folga.

Fui feliz. Logo adiante do palacio do Catete certa vitrina atraiu-me a atenção. Acerquei-me dela com cara de Colombo. Aqueles livros desbotados, aquelas canetas... Tudo exato!

Mas... e aquele coelhinho?...

Sim, havia a mais, na sordida vitrina, um coelhinho de lã do tamanho de um punho fechado. Encardido, os olhos de louça já bambos, as longas orelhas roidas — visivelmente brinquedo já muito brincado.

Aquele coelhinho?

Uma criança existe de quem o usurario comprou o coelhinho...

Meu Deus! Poderá haver em corpo humano almas assim?

Shakespeare, Balzac: que fraca imaginação a vossa! Criastes Shylock, Grandet, mas a potencia do vosso genio não previu este caso extremo. O judeu mulato rehabilita os vossos herois e atinge a suprema expressão do sordido.

Furtou o coelhinho á criança...

Furtou-o com a gazua dum niquel...

Privou a pobrezinha do seu unico brinquedo, do seu unico amigo, talvez...

Abra-se um parentesis

Aqui intervem a imaginação.

Bastou que meus olhos vissem na sordida vitrina o coelhinho de lã, para que a irrequieta rainha Mab me viesse cabriolar na cachola.

E todo um drama infantil se me antolhou, nitidamente.

Era um menino de poucos anos, filho de pais miseraveis.

O homem bebia e a mãe definhava nas unhas "da pertinaz molestia". Minto: da tisica. "Pertinaz molestia" é a tisica dos ricos...

O classico operario bebedo, em suma, e a classica mãe tuberculosa. É sempre assim nos romances e é sempre assim na vida, essa impiedosa plagiaria dos romances.

Reina a miseria na cafúa umida em que vivem, ele a delirar o seu eterno delirio alcoolico, ela a tossir os pulmões cavernosos — a triste criança, sempre de olhos assustados, a criar-se um mundinho de sonhos para refugio da almazinha que teima em ser alma.

Só tem um amigo essa criança: o coelhinho de lã que a mãe lhe deu em certo dia de doença grave.

Excelente quinino! A febre cedeu incontinenti e dois dias depois o enfermo se punha de pé.

Desd'aí ficou sendo o coelhinho o amigo unico da criança triste, seu confidente de todas as horas, seu irmãozinho mais novo.

Conversavam o dia inteiro, brincavam, contavam-se mutuamente lindas historias; e á noite, muito abraçados, dormiam o sono dos anjos e dos coelhos.

Aquele coelhinho de lã...

É preciso ser Dickens para compreender o papel dos brinquedos unicos na vida das crianças miseraveis.

O comum dos homens não vê nisso coisa nenhuma.

Triste coisa, o comum dos homens...

Um dia, o pai desapareceu.

Inutilmente a tisica o esperou até altas horas, e o esperou no dia seguinte, e o esperou a semana inteira.

Desapareceu, e está dito tudo.

Na vida os miseraveis desaparecem, tal qual nos romances.

Vida, romance; romance, vida: será tudo um?

A tisica peorou, e certa manhã não pôde erguer-se da cama.

E a fome veiu.

E foi mister vender, hoje isto, amanhã aquilo, todos os trapos e cacos da mansarda em crise.

A *mansarda*! Que lindo efeito faz em romance esta palavra lugubre! A *man-sar-da*!...

Vendeu-se tudo.

Luizinho era o leva-e-traz.

Levava o trapo, o caco, e trazia os niqueis do pão. E assim até que as reservas se esgotaram e a mansarda ficou núa como Job.

— E agora?

A tisica lançou os olhos cansados pelas paredes núas, pelos cantos nús.

Nada. Só viu o coelhinho. Mas era um crime sacrificar o coelhinho de lã...

Resistiu ainda algum tempo.

Por fim, disse:

— Vai, meu filho, vai vender o coelhinho de lã...

A criança relutou, mas cedeu ao cabo de muitas lagrimas. A fome impunha-lhe aquele sacrificio: trocar o seu tesouro por um pão.

O que chorou nessa manhã!

Como apertava contra o peito o amiguinho, sem animo de notifica-lo da tragedia iminente!

Resolveu mentir.

— Sabe? disse ao coelho. Vou pôr você numa casa que tem vitrina para a rua. Fica lá sentadinho, a ver quem passa, os bondes, os automoveis tão bonitos! E eu vou todos os dias espiar você através do vidro. Quer?

O coelhinho não compreendeu aquilo e desconfiou.

— Mas por que? Estou tão bem aqui...

Não era facil iludi-lo; a fome, porém, é capciosa e Luizinho continuou a mentir:

— É cá uma coisa que sei. Uma pandega! Por enquanto é segredo. Fica você lá quietinho uns tempos, depois volta para cá de novo e eu conto a historia.

O coelhinho de lã piscou para o menino, cavorteiramente. Gostava desses misterios...

Luizinho levou-o ao belchior. Mostrou-o ao judeu; ofereceu-lho. O aranho tomou o coelhinho entre os dedos rapinantes, examinou-o, apalpou-o, cheirou-o e abrindo a gaveta suja tirou de dentro o menor niquel.

— Toma!

Luizinho ressentiu-se. Já conhecia o valor do dinheiro; achou aquilo "pouco demais". Vendo, porem, pela cara do judeu que era inutil insistir, pegou do niquel, beijou o coelhinho e disparou a correr.

No dia seguinte reapareceu no Catete. Parou diante da vitrina e longo tempo esteve a namorar o amigo, trocando com ele sinais de inteligencia. O coelhinho piscava-lhe com uma vontade doida de rir e ele piscava para o coelhinho com uma vontade doida de chorar. E assim todos os dias, a semana inteira.

— "A semana inteira, senhor novelista? Não estou compreendendo nada. Vosmecê disse que o ultimo recurso dos famintos fôra o coelhinho de lã, que trocaram por um pão. Ora, comido o pão, e nada mais havendo para vender, manda a logica que mãe e filho tenham morrido de fome.

— Obrigado, senhor logico! Vejo que leu Stuart Mill e Bain, mas que nunca leu Dickens, nem Escrich, nem Montepin. Devia ser como dizes, se a vida fosse feita pelos logicos. Mas Deus não era logico, era apenas romancista. Não morreram, não, nem mãe nem filho. E não morreram porque justamente naquele dia o pai bebedo reapareceu...

— "Oh!...

— Sim, meu Bain, reapareceu. E sabe que mais? Reapareceu regenerado...

— "Oh! Oh!...

— ... e com dinheiro no bolso. Quer mais? E rico! Quer mais? E milionario, com a sorte grande da Espanha no papo. Quer mais? Quer mais? Nos romances ha o epilogo e não sabe que o epilogo é o esparadrapo que une os bordos da ferida? o dedo de Deus que recompensa? o suspiro de consolo que nos reconcilia com a vida?

— "Mas isto, afinal de contas, é vida ou romance?

— Grande tolo... É a vida com a lição da arte. A arte corrige a vida, dizendo-lhe: se não és assim, megera, devias se-lo; se não procedeste assim, harpia, devias ter procedido; se não fizeste o bebedo reaparecer no momento oportuno, carcassa, devias te-lo feito. A arte ensina á vida o seu dever.

Imagina tu, amigo logico, que quando Deus criou o mundo...

Feche-se o parentesis

Mas acordei. A rainha Mab fugiu-me do cerebro a galope em sua carruagenzinha *made by the joiner squirrel*, e entrei no belchior.

Lá estava no balcão o judeu mulato com sua barbicha de bode, os oculos de latão, o gorro sebento.

Não morrera, o aranho; apesar de estrangulado na novela de Ribeiro Couto, passava muito bem de saude, o infame.

Era ele mesmo!

Naquele momento cheirava o lombo de um livro que um novo estudante Batista lhe oferecera.

Enquanto negociava, pus-me á espreita disfarçadamente.

Exatinho! Couto fotografara-o com objetiva Zeiss. Até a voz...

— Hum! hum! fungou ele depois de lido o titulo. Oscar Wilde... Isto não se vende, já passou da moda. Tenho carradas de *Dorian Gray*... A peor coisa que ele escreveu...

— Mas quanto oferece? indagou o estudante, aborrecido de tantas micagens.

— Por ser freguês, pago sete tostões. E lamba as unhas, que hoje me pegou de veia!

O meu estudante Batista não fez como o de Ribeiro Couto. Não lhe lambeu a vida. Lambeu-lhe os sete niqueis oferecidos e saiu a pegar o bonde, displicentemente.

— E o senhor, que deseja? disse-me então o pirata, depois de encafuar o livro na estante.

Eu não desejava coisa nenhuma, além de ve-lo, apalpa-lo, cheira-lo, talvez estrangula-lo de verdade. Não obstante, fiz-me de tolo.

— Ando á procura de um livro. Um livro de Wilde. Tem aí qualquer coisa deste escritor?

A fisionomia do estrangulado iluminou-se.

— Tenho a melhor coisa que Wilde escreveu, *O Retrato de Dorian Gray*, conhece? disse, puxando fora da estante o volume adquirido momentos antes. Coisa papafina!

Tomei o livro, folheei-o. Edição francesa vulgar. Valeria, novo, quatro mil réis.

— Quanto pede?

— Seis mil réis, por ser para o amiguinho.

Sorri-me por dentro e por fóra. Larguei o volume e acendi o cigarro.

— Não interessa. É caro.

— Caro? Um livro destes, nesta encadernação, desde editor, deste autor? Nem me diga isso! E o senhor deve saber que *Dorian Gray* é a obra prima de Oscar Wilde.

Meus dedos se crisparam. Que prazer estrangular aquela harpia! Contive-me porém.

— E aquele coelhinho? perguntei-lhe. Quanto?

— Que coelhinho? exclamou o aranho, mudando de cara.

— Um que está na vitrina.

— Ah, sim... Aquele coelhinho não vendo.

— Por que o expõe, então?

— Expu-lo ao sol. Mora aqui na minha mesa, mas como a casa é umida ponho-o ás vezes lá para evitar o bolor.

Diabo! O homem principiava a desnortear-me. Tinha em casa um objeto que não vendia. Era lá possivel que um judeu daqueles não vendesse até a alma?

Insisti:

— Dou-lhe cinco mil réis pelo coelhinho.

— Já lhe disse que não é de venda. Cinco mil réis! Nem cinco contos, sabe?

Revoltei-me. Veiu-me á imaginação toda a tragedia do Luizinho e tive impetos de insulta-lo.

Contive-me e disse apenas:

— No entanto, furtou-o a uma pobre criança miseravel...

O meu Shylock abriu a mais expressiva cara de espanto que já topei na vida. Depois encarou-me a fito e seus olhos lacrimejaram. Sentou-se, como aniquilado de subita dor e explicou, em voz entrecortada:

— Não sou casado, não tenho filhos, não tenho ninguem no mundo. Mas tive uma criança. Enjeitaram-na aqui á minha porta e recolhi-a. Criei-a. Durante sete anos constituiu a minha unica alegria. O Antoninho... Um dia veiu a gripe e levou-o para o ceu. Seu ultimo brinquedo foi esse coelhinho de lã. Conservo-o aqui na minha mesa como joia preciosa, pois me fala do Antoninho melhor que um livro aberto. Como quer que o venda? Não ha no mundo o que para mim valha esse coelhinho...

Foi á vitrina e recolheu o brinquedo. Po-lo sobre a mesa ao lado do tinteiro. E depois de uma pausa exclamou, olhando-o com um sorriso que me pareceu divino:

— Tinha um nome. O Antoninho só dizia o Labí...

— ?

— Sim, Rabí... Quer dizer rabicó, sem cauda. O Antoninho trocava o *r* pelo *l*.

Saí da casa do judeu completamente desorientado. Fui ao telegrafo e expedi ao autor d'"O Crime do Estudante Batista" o seguinte despacho: "Couto, somos duas cavalgaduras!"

1924

O bom marido (1)

Enquanto a mulher morria no trabalho, com oito filhos á cola, Téofrasto, o bom marido, procurava emprego.

Téofrasto Pereira da Silva Bermudes. Magro, alto, arcado, feio. Bigodeira, orelhas cabanas, pastinha na testa.

Dona Belinha casara-se contra a vontade dos seus, movida, quem sabe, menos de amor que de dó. Apiedou-a a humildade romantica de Téo, cujo palavrear de namoro feria habilmente uma tecla apenas — sua pobreza.

— Que vale haver dentro de mim um coração de ouro, nicho que habitarias a vida inteira, Izabel? Que vale este meu amor purissimo, forte como a morte, feito de todas as abnegações, renuncias e delicadezas, se sou pobre? Que crime horroroso, ser "pobrezinho"!... e ele armava a cara dolorida das presas da Fatalidade.

O noivado inteiro foi esse ferir a nota exata. Téofrasto adivinhou por instinto que a corda sensivel da moça era a da piedade e fe-la vibrar de mil maneiras. Lido que era nas *Tristezas á Beira-mar*, em *Graziela*, Escrich e mais lacrimogeneos do ultra-sentimentalismo,

---

(1) "O BOM MARIDO" foi publicado originariamente na "Revista do Brasil", nº. 84 de dezembro de 1922.

seu cerebro virou arsenal de glandulas peritas em verter lagrimas de 1840 sobre o coração das mulheres de hoje.

Venceu assim aquela, e fe-la romper com a familia — burgueses arranjados de limpida visão pratica.

Inutilmente tentaram os pais abrir os olhos á moça.

É um vagabundo, Belinha, sem eira nem beira, incapaz de ganhar a vida, malandro completo. Esteve na venda do Souza, mas foi posto no olho da rua por excesso de preguiça. Tambem esteve no cartorio um mês e perdeu o lugar pelas mesmas razões. Além disso, é filho do Chico Manteiga, o maior parasitão que já vegetou por estes lados. Puxou ao pai...

— Falta de sorte, exclamava Belinha. Téo ainda não se arrumou porque ainda não foi compreendido.

— Sorte!... Incapacidade é que é. Téofrasto não presta. Quem chega aos trinta e dois anos sem achar o que fazer na vida, está julgado: não presta. Ele inventou esse casamento contigo por uma razão só: viver a tua custa.

— Isso não! Téo jurou que ha de trabalhar feito um mouro para que eu tenha a melhor das vidas. Sou professora, mas ele não admite que eu tire cadeira.

— Diz isso agora. Casa-te e verás como tudo muda. Nasceu para chupim o malandro, e escolheu-te para tico-tico...

A moça, entretanto, teimou. Preferiu romper com a familia a soltar o romantico pretendente. As juras de Téo, suas cartas de arrancar lagrimas ás pedras, recebidas todos os dias, e aquele seu modo de olhar com in-

finitos de meiguice, deram á menina forças para resistir á sensatez dos conselhos.

— Ninguem te conhece, Téo. Desprezam-te porque és pobre. Mas para mim a riqueza que vale é a que me ofereces: esse tesouro de amor e carinho que sinto em teu peito.

Téo respondia dando corda ás glandulas lacrimais e estilando grossos pingos.

— Anjo de bondade, tu és o orvalho que reanima a planta queimada do sol, és a chuva que abranda o fogo do deserto, és o pão que mata a fome ao faminto, és Deus, és Tudo...

E abraçava-a, soluçante.

— Izabel, meu anjo da guarda, meu paraiso, minha salvação... Abençoado o momento em que te encontrei na vida...

Repousava a cabeça no colo da moça e ficava a soluçar baixinho, enquanto Izabel lhe alisava maternalmente as melenas revoltas.

Realizado o casamento, Téofrasto, ganho de subito furor, deu de procurar emprego. Passava os dias fora de casa, na "labuta", e só vinha para as refeições, cansado.

— Uf! Não posso mais...

— Conseguiste alguma coisa?

— Promessas por enquanto.

Izabel revoltava-se contra a dureza dos homens. Por que motivo repeliam assim criatura tão boa, tão honesta, tão esforçada e de tanta capacidade? Todos se arrumavam, aqui, ali, bem ou mal; só Téofrasto se

debatia em vão. Por que? Tres meses já de caça ao trabalho e nada...

Resolveu ajuda-lo. Obteria uma cadeira, mesmo contra a vontade dele, e lecionaria. Trezentos mil réis por mês! Já dá...

Quando o marido soube desses projetos, indignou-se.

— Não consinto! Para trabalhar aqui estou eu, homem e forte. Tinha graça ver-te a ensinar meninos e a custear as despesas da casa...

— Mas, Téo, tu vives a te matar sem conseguires coisa nenhuma...

— Mas conseguirei. Insistirei até o fim. Fecham-me as portas? Arromba-las-ei. Habilitações não me faltam, tu sabes; falta-me sorte apenas.

— Sei disso. Ninguem o reconhece melhor do que eu. Mas havemos de ficar assim toda a vida, esperando?...

— Peço-te um mês de prazo. Juro-te que dentro de um mês estará tudo arrumado. O que não quero, o que de maneira nenhuma consinto, é que digam por aí: "Olhem o Téo, um homenzarrão, a viver do trabalho da pobre mulher". Isso nunca!

Passou-se o mês concedido, e mais outro, e o terceiro. Agravando-se a situação, resolveu Izabel requerer cadeira ás escondidas do esposo. Fe-lo e foi feliz, vendo-se nomeada logo.

Nesse dia esteve Téofrasto na farmacia, como de costume. Lá se reuniam todas as tardes diversos amigos para comentario dos fatos locais e encrencas da alta politica. Nenhum dissertava tão bem quanto ele.

Ninguem como ele para "descangicar" aquela trapalhada de "hermismo" e "civilismo" que dividia o país.

Era hermista. Adorava o marechal Hermes, o Pinheiro Machado, o Surucucu e *tutti quanti*.

— Precisamos endireitar este país, custe o que custar. Basta de conselheiros! Venha a espada! Venha o pulso forte que diz — quero, posso e mando. É de despotismo, de um sabio e largo despotismo, que o país precisa.

Os civilistas troçavam.

— Espada burocratica, que vale? Antes a pena luminosa da Aguia de Haia.

Téo pulava da cadeira, furioso.

— Aguia de Haia? Sabem quem foi a verdadeira Aguia de Haia? Foi o Barão do Rio Branco! Rui não passou dum fonografo. Os discos iam daqui, pelo telegrafo.

Tomou folego, gozando-se da piada e prosseguiu:

— Depois, respondam-me cá: E as emissões? Rui é emissor, e eu sou contra a emissão!

Um coronel lido em jornais saltou-lhe á frente.

— Calunia velha! Rui já provou que o ministro da Fazenda que emitiu menos foi ele.

— Será. Mas a Revisão? A Constituição, como diz o Pinheiro, deve ser a arca santa, a deusa intangivel — e Rui é revisionista.

— Está claro! Foi ele quem fez a joça e sabe melhor do que ninguem os vicios que ela encerra. O Pinheiro, um pente-fino de marfim, que é que entende de constituições? Entende de cavalos e pocker, e nada mais...

— Não admito!

— Vá não admitir na casa do diabo!

Téofrasto abandonou a arena e foi para casa furioso. Entrou e caiu na rede, já com a habitual cara de vitima.

— Que infeliz sou, Izabel! O mundo me persegue. Corri Seca e Meca. Nada...

— Não faz mal, respondeu a moça, cuja fisionomia irradiava. Requeri ás escondidas uma cadeira e obtive-a!...

Téo sentou-se de golpe.

— Que?

— É verdade. Fui nomeada hoje adjunta ao grupo escolar.

Téo desmanchou a pastinha.

— Fado cruel! Destino espezinhador! Eu, que te adoro, que te quero com todas as véras d'alma, ser obrigado a viver do produto do teu trabalho? Nunca!

— Mas que tem isso, bobo? Não sou vadia, gosto de serviço e a escola me distrairá.

— Nunca! Não consinto, não admito que minha adorada esposa trabalhe. Antes rebentar os miolos a bala!

— Não digas isso, Téo!...

— Digo, digo porque sinto! És um anjo e não me conformo com a situação.

E arrepelando a grenha, de olhos cravados no teto:

— Em que signo maldito nasci eu? Que te fiz, meu Deus, para me castigares desta maneira?

A criadinha veiu nesse momento chama-lo para o jantar. Á mesa Téo prosseguiu na lamuria, alternando imprecações com garfadas.

— Não me conformo! Não me sujeito! Pensas que não tenho brio, Izabel? Como me conheces pouco ainda! Passa-me o arroz...

Izabel acalmava-o.

— Tolice. Todo o mundo trabalha. A mulher do Pessegueiro não está a lecionar depois de velha? O marido perdeu o emprego e ela agora é quem... Coma deste bolinho, que está muito bom.

— Sim, mas ali o caso é diferente. Ele perdeu o emprego, mas logo arranja outro. Tem sorte, tem a proteção de todo o mundo. Cerveja!... Oh! Isto é então um banquete?

— Natural. Quis fazer-te surpresa dupla: nomeação e jantarzinho melhor.

— Nomeação! Não pronuncies tal palavra, Izabel, que me ofendes sem querer. Hamburguesa? Porque não compraste Brama? Gosto mais da Brama.

Houve sobremesa e Téo repetiu o papo-de-anjo.

Entraram em fase nova. O ordenado da professora veiu salvar as finanças do casal. E seriam perfeitamente felizes se não fôra a resistencia de Téo. Mas não se conformava, o homem.

Depois do almoço, todos os dias, saiam ambos, ela para a escola, ele para o "serviço exhaustivo" de procurar emprego — na farmacia, onde crescia de virulencia o eterno bate-boca politico.

Assim viveram até a vinda do primeiro filho, cuja presença perturbou o regime da casa. Fazia-se necessario meter nova criada, simples pagem que fosse.

Téo achou que não.

— É boa! E quem pagea o menino durante a minha ausencia? quis saber a esposa.

— Ora quem! Eu, Izabel.

— Não consinto. Nada mais ridiculo que um homem de bigodes a pegar criança. Prefiro tomar costuras para fazer á noite e com o rendimento por criada.

— Mas eu é que não consinto que redobres de trabalho! Costurar á noite, que horror! Nunca!

Izabel, que já conhecia o genio do marido, cedeu provisoriamente, e finda a licença retomou as aulas, deixando em casa o marido ás voltas com o pimpolho.

Correu tudo muito bem durante os primeiros dias, enquanto brincar com o filho era para Téo novidade. Ao termo de duas semanas, porém, fartou-se e principiou a sentir saudades da farmacia. Disse-o á esposa, estilizadamente.

— Não vai bem assim, Izabel. Perco o meu tempo aqui a lidar com o menino e desse modo não arrumo a vida. Quinze dias já que não procuro emprego.

— Não to dizia? O melhor é fazer como pensei. Tomo costuras de fóra e ponho criada.

— Mas não posso conformar-me com esse redobro de trabalho, Izabel! Vá que ensines, mas costurar para fóra...

— Que é que tem? Nada me custa, sou forte — e além disso é o jeito...

Veiu a criada. Dona Izabel tomou costuras e passava as noites á maquina, pedalando. Cosia habitualmente até ás onze. Inumeras vezes ao recolher encontrava o marido no vale dos lençois, ressonando. Entrava de manso na ponta dos pés e despia-se sem rumor para não acordar o coitadinho. Como o queria! Tão carinhoso... Incapaz de entrar as deshoras, ás oito já estava ali ao lado dela, brincando com o pequeno enfiando a agulha da maquina, contando os casos do dia.

— Tive com o Bragadas hoje uma discussão violenta na farmacia. Provei que o Hermes vai ser a salvação do país e ele embuchou. Ninguem pode comigo na polemica! Nasci para advogado.

— Por falar, por que não tiras cartas de solicitador? O João Candó não vive tão bem como rabula?

Teo segurou o queixo.

— É verdade. Está aí uma idéia que não me ocorreu ainda. Vou pensar nisso.

Téofrasto Pereira da Silva Bermudes pensou naquilo durante varios anos. Nesse intervalo vieram novos filhos, dois, tres, quatro, cinco. Os encargos da familia redobraram e dona Izabel teve que fazer prodigios para assegurar a subsistencia do clã.

Pobre criatura! Perdera a mocidade. Seus vinte e seis anos pareciam quarenta. A beleza fora-se-lhe, minada pela gravidez ininterrupta. Por fim, em consequencia de certo aborto infeliz, entrou a perder a saude. Era já com esforço que prosseguia na tarefa penosa, muito acima das suas forças.

Não se queixava, entretanto. Gabava-se até de feliz. Ao receber visitas, puxava logo a palestra para

o tema classico das *mulheres, os maridos,* e louvava o seu.

— Não é por me gabar, prima Biluca, mas marido como o meu não ha outro. Téo me adora! A nossa lua de mel não acabou, nem acabará nunca. Que carinhos! Que meiguice! Sempre entrou cedo em casa, nunca me disse palavra dura, vive para mim, faz tudo quanto quero. Um mimo!

Biluca já não dizia o mesmo do seu. Casara com um homem forte, de rara atividade, que se absorvia nos negocios e estava prosperando magnificamente. Dava á familia o maximo conforto, educava os filhos muito bem, mas... não era carinhoso. Muito ocupado sempre, não a punha ao colo, não lhe dizia palavrinhas doces.

Izabel irradiava.

— Téo não é assim. Beija-me sempre, ao sair e ao entrar. Tem caidos de noivo. E se você soubesse como se amofina de me ver trabalhar... Coitado!

Abria pausa de ternura e prosseguia:

— Sim, porque isso de homem para uso externo, uma figa! Quero maridinho para mim e não para as outras, não acha?

— Pois decerto!

— Téo mata-se no trabalho, passa os dias no serviço...

— No serviço?

— Sim... procurando emprego. Você sabe que não tem sorte nenhuma, o pobre; não ha peor serviço do que esse. Mas não consegue colocar-se...

A fama do bom marido correu mundo. Todas as mulheres apontavam-no como o exemplo a seguir.

Os homens exemplares, porém, enfureciam-se.

— Um vagabundo daqueles! Um miseravel chopim!

— Que tem isso? disse uma. Eu, franqueza, preferia que fosses tambem chopim, mas que me desses o carinho que ele dá á Izabel.

— É o cumulo! Pois não vês que aquilo é da profissão? Tipo asqueroso!... Agrada á mulher porque vive dela. É o seu negocio. Como ha de um malandro daqueles encher o dia senão conversando bobagens na farmacia ou beijocando a idiota da esposa em casa?

Todos os homens pensavam assim: as mulheres, entretanto, liam pela cartilha de dona Izabel — e invejavam-na.

Dez anos se passaram sem que o emprego viesse. Estava escrito no livro do destino que Téofrasto morreria a procurar emprego. Fatalidade...

O triste é que viviam em penuria crescente. O trabalho da professora, por mais estirado que fosse, já não dava para vestir e alimentar os oito filhos pequenos e mais o nono, de bigodes.

A doença começou a derrea-la.

Mas como se galvanizava! Como insistia na terrivel luta sem treguas! Dona Izabel transformava em alento os carinhos do esposo. Comovia-se com eles, e enlevava-se á noite a ouvi-lo dizer, da rede onde se balançava de pernas cruzadas, lançando baforadas para o ar.

— Izabel, como me doi ver-te sempre pedalando essa maquina! Por que não descansas um pouco?

(Baforada). Tenho o coração em chaga viva, pisado, torturado pela dôr de não poder aliviar-te. (Baforada). Tu te matas, Izabel e eu...

Numa dessas vezes espicaçou-o uma ideia. Ergueu-se de salto e disse:

— Isso não pode ficar assim. Vou agarrar o coronel na rua e obriga-lo a dar-me o posto de fiscal da Camara. Se o não fizer, mato-o!

A mulher, assustada, interrompeu a costura.

— Pelo amor de Deus, Téo, não me vás cometer alguma loucura!

— Não me detenhas, Izabel! Tudo tem fim na vida. Hei de conseguir, hei de extorquir, hei de arrancar o emprego! Não se martiriza assim um homem...

E saiu — ou vai ou racha — deixando a esposa apavoradissima.

Fóra, o ar livre acalmou-o e Téo seguiu para a farmacia, onde penetrou dizendo.

— Aposto o que vocês quiserem como antes do fim do mês os russos estão em Berlim. Assumiu o governo o Kerensky, e o Kerensky é um bicho!

— Como sabe?

— Li. Como tambem aposto que o General Cadorna vai envolver os austriacos por cima e dar um pealo por baixo, exclamou fazendo gestos no ar, indicativos das operações estrategicas.

O dialogo se passava durante a Grande Guerra.

— Pois eu aposto, retrucou um germanofilo, que o Ludendorff esfrega toda essa canalha em tres tempos!

A conversa pegou fogo. Aquela gente entendia de guerra muito mais que os beligerantes, e o ardor de

Téofrasto excedia ao do proprio Clemenceau. O debate só arrefeceu quando o relogio da matriz soou as dez.

— Diabo! Perdi a conta esta vez! exclamou Téo.

Despediu-se e tocou para casa apressadamente. Dona Izabel, assustada com a demora, recebeu-o convencida de tragedia.

— Que houve, Téo? Fizeste alguma para ele?

— Ele, quem?

— O coronel...

— Ah, sim o coronel... Ficou para amanhã. Não houve meio de encontra-lo.

A mulher calou-se, compreendendo tudo...

O estado de dona Izabel agravava-se dia a dia. Por mais que se fizesse de tesa, tinha de arrear a carga. Ponderou tudo com o seu raro bom senso e escreveu á familia: "Fiz o que pude, mas estou vencida. Não me queixo. Sou feliz, imensamente feliz. Téo me adora e faz o possivel para colocar-se. Não tem sorte. Persegue-o a mais cruel das fatalidades. Venham olhar por estas crianças, que o meu fim está proximo".

Téo nada soube desse passo e muito admirado ficou de ver chegarem os sogros.

Os velhos olharam-no com rancor e dirigiram-se para o quarto da filha.

Foi dolorosa a cena do encontro. Separados de dez anos, mal a reconheciam agora.

— Em que estado te encontramos, Belinha! Por que não nos chamou ha mais tempo? O orgulho te matou...

Izabel, no fundo da cama, sorria.

— Perdoi, mamãe, e lembre-se que não me queixo. Fui feliz. Téo é para mim um anjo de bondade. O que nos fez mal foi a miseria e agora a doença. Estou no fim.

Os pais choravam, assombrados em face da mumia a que se reduzira a linda menina de outrora. E culpavam-se de a terem abandonado, de não a terem socorrido a tempo.

Veiu o doutor. Os velhos conferenciaram com ele a um canto.

— Caso perdido. Galopante. Morre exhausta de canseira, de trabalheira excessiva, de partos e abortos mal conduzidos — de miseria, em suma. Aquele infame assassinou-a...

Dona Izabel morreu nos braços do bom marido, beijando-o e abençoando-o. Suas ultimas palavras foram:

— O que mais me doi, Téo, é deixar-te sozinho no mundo, ao desamparo. Mas já pedi... e mamãe... olhará... por...

Não teve forças para o *ti*. Enunciou-o com os olhos e fechou-os para sempre.

Após o enterro, o sogro dispôs tudo para levar consigo o batalhãozinho de orfãos. Quanto ao chopim, puseram-no incontinenti no olho da rua.

— Fora daqui, assassino! Vá procurar outra!...

Téofrasto humildemente obedeceu. Saiu, procurou outra e achou. Um mês mais tarde ligava-se a certa mulata doceira, cuja quitanda ia prospera.

Guardou, entretanto, luto rigoroso e só dois meses mais tarde reapareceu na farmacia.

— *Resurrexit*! exclamaram os amigos.

Téofrasto cumprimentou-os com cara de circunstancia, triste como se recebera pesames. E falou da morta.

— Uma santa! O meu consolo é que tenho a conciencia tranquila. Fui o melhor dos maridos e fi-la a mais contente das esposas.

— Lá isso parece. Ela o dizia e *todas* o repetem. Mas, olha, isto aqui não é sala de visitas de casa de defunto. Está na berlinda a declaração de guerra do Brasil á Alemanha. Que achas?

Téofrasto mudou de cara, esquecido já da santa e todo nas unhas da paixão politica.

— Acho que fizemos muito bem. Precisamos entrar na guerra e mostrar aos alemães de quantos paus se faz uma canoa. O presidente Wenceslau Braz é um bicho!...

1922

Marabá

Bom tempo houve em que o romance era coisa de aviar com receitas á vista, qual faz o honesto boticario com os seus xaropes.

Quer trabuco historico? Tome tanto de Herculano, tanto de Walter Scott, um pagem, um escudeiro e o que baste de Briolanjas, Urracas e Guterres.

Quer indianismo? Ponha duas arrobas de Alencar, uns laivos de Fenimore, pitadas de Chateaubriand, graunas *quantum satis*, misture e mande.

Receitas para tudo. Para começo (formula Herculano): "Era por uma dessas tardes de verão em que o astro rei, etc., etc."

E para fim (formula Alencar): "E a palmeira desapareceu no horizonte..."

Arrumado o cenario da natureza, surgia, lá em Portugal, um lidador com o seu espadagão, todo carapaçado de ferro e erecto no lombo de ardego morzelo; ou, aqui no Brasil, um cacique de feroz catadura, todo arco, flechas e inubias.

E vinha, ou uma castelã de olhos com cercadura de violetas, ou uma morena virgem nua, de pulseira na canela e mel nos labios.

E não tardava um donzel trovadoresco que "cantava" a castelã, ou um guerreiro branco que fugia com a iracema á garupa.

Depois, a escada de corda, o luar, os beijos — multiplicação da especie á moda medieval; ou um sussurro na moita — multiplicação da especie á moda natural.

A tantas o pai feroz descobria tudo e, á frente dos seus peões, voava á caça do sedutor em desabalada corrida, rebentando duzia de corceis; ou o cacique de rabos de arara na cabeça erguia as mãos para o ceu de Tupã, implorando vingança.

E Dom Bermudo, apanhando o trovador pirata, o objurgava em estilo de catedral com a toledana erguida sobre sua cabeça:

— "Mentes pela gorja, perro infame!"

Ou o cacique, filando o guerreiro branco, o trazia para a taba ao som da inubia, e lá o assava em fogueira de pau brasil; vingança tremenda, porém não maior que a de Dom Bermudo a fender o cranio do pagem e a arrancar-lhe o coração fumegante, para depo-lo no regaço da castelã manchada.

E a moça desmaiava, e o leitor chorava e a obra recebia etiqueta de historica, se passada unicamente entre Dons e Donas, ou de indianista, se na manipulação entravam ingredientes do emporio Gonçalves Dias, Alencar & Cia.

Veiu depois Zola com o seu naturalismo, e veiu a psicologia e a preocupação da verdade, tudo por contagio da ciencia que Darwin, Spencer e outros demonios derramaram no espirito humano.

Verdade, Verdade!... Que musa tiranica! Como faz mal aos romancistas — e como os *força* a ter talento!

Foram-se as receitas, os figurinos. Cada qual faça como entender, contanto que não discrepe do *veritas*

super omnia, latim que em arte significa mentir com verossimilhança.

— Tudo isso para que? perguntará o leitor atonito.

É que trago nos miolos uma novela tão ao sabor antigo, tão fora da moda, que não me animo a impingi-la sem preambulo. E não é feia, não. Vem de Alencar, esse filho dalguma Sheerazade aimoré, que a todos nós, na juventude, nos povoou a imaginação de lindas coisas inesqueciveis. E compõe-se de um guerreiro branco, duas virgens das selvas, caciques, dansas guerreiras, fuga heroica, etc.

Chama-se *Marabá* e principia assim:

— Era por uma dessas noites enluaradas de verão, em que a natureza parece chovida de cinzas brancas.

Dorme a taba, e dorme a floresta circundante, sem sussurros de brisas, nem regorgeio de aves.

Só o urutau pia longe, e uma ou outra suindara perpassa, descrevendo vôos de veludo ao som dum *clu, clu, clu*... que ora se aproxima, ora se perde distante.

No centro do terreiro, atado a um poste da canjerana rija, o prisioneiro branco vela. Foi vencido em combate cruento, teve todos os seus homens trucidados e vai agora pagar com a vida o louco ousío de pisar terra aimoré. Será sacrificado pela manhã ao romper do sol, cabendo ao potente Anhembira, cacique invicto, a honra de fender-lhe o cranio com a iverapema de pau-ferro. Seu corpo será destroçado pelas horrendas megeras da tribu, sua carne devorada pelos ferozes canibais.

O guerreiro branco rememora com melancolia o viver tão breve — sua meninice de ontem, o engaja-

mento numa nau, a viagem por mar, as aventuras nas terras novas de Santa Cruz, norteadas pela desmedida ambição do ouro.

É louro e tem olhos azues. Em suas veias corre o melhor sangue do reino. Seu avô caiu nas Indias, varado duma zagaia cingaleza; seu pai, nos sertões inhospitos dos Brasis, acabou na paralisia do curare que seta fatal lhe inoculou.

Chega a vez do malaventurado rebento ultimo dessa estirpe de herois...

Em redor, guerreiros côr de bronze, exhaustos da dansa e bebados de cauim, jazem estirados, as mãos soltas dos tacapes terriveis. Tambem dormita o velho pagé, de cocoras rente á ocara, com o maracá em silencio ao lado.

Que mais? Sim, a lua... A lua que no alto passeia o seu crescente.

Subito, um vulto se destaca de moita vizinha e aproxima-se cauteloso, com pés sutis de corça arisca.

É Iná, a mais formosa virgem das selvas, oriunda do sangue cacical de Anhembira o Morde-corações.

A virgem caminha em direção do prisioneiro. Para-lhe defronte e por instantes o contempla, como presa de indecisas ideias.

Por fim decide e, ligeira como a irara, desfaz os nós da mussurana fatal e dá de beber ao guerreiro branco o trago de cauim desentorpecedor dos musculos adormentados. Em seguida mira-o a furto nos olhos, perturbada, e num gesto indica-lhe a mata, sussurrando em lingua da terra:

— Foge!

O guerreiro branco vacila. Não conhece a mata, que é imensa, e teme encontrar em seu seio morte mais cruel que a pelo tacape de Anhembira.

Iná compreende o seu enleio e, tomando-lhe a mão, leva-o consigo; conhece a mata a palmo e sabe o caminho de pô-lo a seguro em sitio até onde não ousa alongar-se a gente aimoré.

A noite inteira caminham, e só quando um grande rio de aguas negras lhe tranca o passo é que a virgem morena se detem. Aponta o rio ao moço guerreiro e nesse gesto diz que está finda a sua missão, pois que o rio leva ao mar e o mar é o caminho dos guerreiros brancos.

O moço tem o peito a estourar de gratidão, e amor, e como não pode significa-los com palavras lusas, recorre ao esperanto da natureza: abraça a virgem morena, beija-a e, a ceu aberto, ao som murmuro das aguas eternas, louco de paixão, a possue.

Reticencias.

Ao romper da madrugada:

— É a cotovia que canta!... diz ela.

— Não; é o rouxinol, retruca Romeu.

— É a cotovia...

— É o rouxinol...

Vence a cotovia. O moço beija-a pela ultima vez e parte. Não esquece, porém, de enfiar no dedo de Julieta um anel — joia indispensavel ao desfecho da nossa tragedia.

PRIMEIRO ATO

A tribu está apreensiva. As velhas murmuram e o pagé inquieta-se.

— Marabá! sussurram todos.

Castigo de Tupã! Sinal do ceu que marca termo da gloria de Anhembira, o chefe da tribu?

Uma criança nascera ali, de olhos azues e loura, evidentemente marabá. E nascera de Iná, a virgem bronzeada em cujas veias corre o sangue do grande morubixaba.

Traição!

A mãe mentira á raça, e do contacto com o estrangeiro invasor, cruel inimigo que do seio do mar surgiu para desgraça do povo americano, teve aquela filha. O louro dos cabelos, o azul dos olhos, a alvura da pele, denunciavam claramente o imperdoavel crime.

— Marabá! sussurram todos.

E um vago terror espalha-se pela tribu.

O pagé reune em concilio os velhos para decidirem sobre o gravissimo caso. E após longas ponderações a assembleia resolve o sacrificio da pequena marabá, em holocausto aos manes irritados da tribu.

Levam a sentença ao cacique, que é pai, mas que antes de pai é o Chefe, o inexoravel guardião da Lei velha como o tempo.

Anhembira cerra o sobrecenho, baixa a cabeça e queda-se imovel como a propria estatua da dor.

Entre parentesis.

Uma coisa me espanta: que haja inda hoje, nestes

nossos atropelados dias modernos, quem *escreva* romances! E quem os *leia*!...

Conduzir por trezentas paginas a fio um enredo, que estafa!

Nada disso. Sejamos da epoca. A epoca é apressada, automobilistica, aviatoria, cinematografica, e esta minha *Marabá*, no andamento em que começou, não chegaria nunca ao epilogo.

Abreviemo-la, pois, transformando-a em entrecho de filme. Vantagem triplice: não maçará o pobre do leitor, não comerá o escasso tempo do autor e ainda pode ser que acabe filmada, quando tivermos por cá miolo e animo para concorrer com a Fox ou Paramount.

Vá daqui para diante a cem quilometros por hora, dividida em *quadros* e *letreiros*.

QUADRO

Enquanto Anhembira, de cabeça derrubada sobre o peito, medita sobre a sentença que condenou a criança loura, uma india velha corre a avisar Iná.

Iná é mãe e as mães não vacilam. Toma a filhinha nos braços e foge para as selvas...

QUADRO

Lindo cenario. Trecho de mata-virgem trancado de cipoeira, trançado de taquaruçús. Vê-se á direita um velho tronco de enorme jequitibá ocado. É nesse ôco que mora a menina loura de olhos azues. A mãe ajeitou-a para esconderijo seguro; tapetou-o de musgos macios; fez dele um ninho de meter inveja ás aves.

Ali dorme o lindo anjo, filho do amor a ceu aberto. Ali recebe a mãe inquieta, que de fuga lhe traz o seio nutriz. De fuga, pois a tribu ignora o estratagema e está certa de que a filha de Anhembira arrojou ao abismo das aguas o fruto maldito do seu ventre.

LETREIRO

Marabá cresceu no sombrio da mata, como a ninfa mimosa do ermo. Iná ensinou-lhe a vida e deu-lhe armas com que abatesse as aves que piam no subosque, e a caça ligeira que entoca, e os peixes faiscantes que se alapam nas pedras.

QUADRO

Marabá despede-se de sua mãe.

Já pode viver por si e quer seguir para ermos distantes onde não chegue o som das inubias de Anhembira — lá onde o rio é como um deus irrequieto que ora escabuja nas fragas, ora brinca com as petalas mortas remoinhantes em seus remansos.

Iná despede-se da filha e, repetindo o gesto do guerreiro branco, põe-lhe no dedo o anel de nupcias.

QUADRO

A vida solitaria de Marabá. Seu namoro com o rio. Nele banha-se e mergulha e nada, com a linda côma loura flutuante, e nele mira seus olhos feitos de pedaços do ceu.

É seu amante, é seu deus o rio eterno. É o ser vivo em cuja companhia refoge á depressão do ermo absoluto.

LETREIRO

Em Marabá confluem duas psiquicas — a da terra, herdada de sua mãe, e a do moço louro vindo d'além-mar, duma plaga distante que em sonhos indecisos su'alma em botão adivinha.

QUADRO

Mas pouco cisma, a linda Marabá. O tempo lhe é escasso para a delirante vida de ninfa que é o seu viver ali.

Ora perde a manhã inteira na perseguição do gamo que veiu beber ao rio; ora galga a pedranceira em prodigios de arrojo para colher uma flor que se abriu no mais alto da penha.

Persegue borboletas — e que quadro é ve-la no campo, veloz como a gazela, a loura cabeleira solta ao vento!

Sua nudez de virgem esplende em fulgor de escultura divina. Deus a esculpiu — e escultor nenhum jamais concebeu corpo assim, de linhas mais puras, seios mais firmes, ancas mais esgalgas, braços de torneio mais fino.

Tem a nudez divina, Marabá — porque existe a nudez humana: das criaturas que convivem entre humanos e sofrem todos os vincos da humanidade.

Marabá não viciou sua nudez no contacto humano; é nua como é nu o lirio — sem saber que o é.

Mas é mulher. Adivinha de instinto que as flores fe-las Deus para a mulher, e colhe-as, e tece-as em guirlandas, e com elas enfeita os cabelos e o colo e a cin-

tura. E assim, toda flores, mira-se no espelho das aguas e sorri. E porque sorri, logo salta, alegre, e dansa. E porque dansa, anima as selvas da luz maravilhosa que os helenos ensinaram ao mundo.

Subito, um rumor fa-la estacar. A filha de Dionisio se apaga e surge Diana. Ei-la de arco em punho, em louca desabalada, na pista do cervo incauto que lhe interrompeu a bela improvização coreografica.

Quem lhe ensinou a dansar?

Tudo. O sangue estuante em suas veias, o vento que agita a fronde das jissaras, o remoinho das aguas, as aves. Viu dansarem os tangarás, um dia, e desde esse momento sua vida é uma continua e maravilhosa criação em que a alma da terra americana se exsolve em movimentos ritmicos.

Sempre mulher, Marabá amansou uma veadinha de leite e tem-na consigo como inseparavel companheira, docil ás suas expansões de carinho. Com a pequena corça brinca horas a fio, e abraça-a, e beija-a no mimoso focinho roseo.

Que festa, a vida de Marabá!

Ninguem a vence em riquezas. Ouro, dá-lhe o sol ás catadupas, e todo só para ela. Perfume, não em frascos microscopicos o tem, mas ambiente, perenal; as flores só exalam para ela, e todas as brisas se ocupam em traze-lo de longe, tomado da corola das orquideas mais raras.

E as abelhas ofertam-lhe o mel purissimo; e os ingazeiros de beira-rio dão-lhe a nivea polpa dos seus frutos invaginados; e cem arvores da floresta parecem precipitar a maturescencia de suas bagas rubras, roxas,

verdoengas, para que mais cedo os alvos dentes da ninfa as mordam com delicia.

E os dias de Marabá são assim um delirio de luz, de perfumes, de movimentos sadios e livres, capaz de enlouquecer a imaginação dos pobres seres chamados homens, que vivem em prisões chamadas cidades, dentro de gaiolas chamadas casas, com poeira para os pulmões em vez de ar, catinga de gasolina em vez de vida...

NOTA A MR. CECIL B. DE MILLES

Este papel de Marabá tem que ser feito por Annette Kellermann. Como, porém, Annette já está madura e Marabá é o que existe de mais botão, torna-se preciso inventar um processo que rejuvenesça de trinta anos a interprete.

QUADRO

Um dia, um caçador tresmalhado surpreende a ninfa no banho.

É Ipojuca, o filho dileto de Anhembira e seu sucessor no cacicado. Tres dias e tres noites correu ele em perseguição de um jaguar; mas no momento em que dobrava o arco para desferir a flecha certeira, descaiu-lhe das mãos a arma e seus olhos se dilataram de assombro.

O corpo nu da virgem loura emergira das aguas á sua frente.

— Iara?

No primeiro momento o medo sobressaltou-o — mas o sangue de Anhembira reagiu em suas veias, e não seria o filho do guerreiro que jamais conheceu o medo quem tremesse diante de mulher, Iara que fosse.

E Ipojuca imobilizou-se á margem do rio, em muda contemplação, até que a ninfa, percebendo-o, fugisse para o lado oposto, mais arisca do que a tabarana.

Ipojuca atravessou o rio e logo mergulhou na floresta, em sua perseguição.

Jamais as ninfas venceram a faunos na corrida. Foi assim na Grecia; seria assim sob o ceu de Colombo. O filho do cacique alcançou-a. Seu braço de ferro enlaçou-a; suas mãos potentes quebraram-lhe a resistencia e dobraram-lhe a cabeça loura para o beijo de nupcias.

Mas a virgem vencida abriu para o macho vitorioso os grandes olhos azues e, encarando-o a fito, murmurou a tremenda palavra que afasta:

— Sou marabá!

Ipojuca estarrece, como fulminado pelo raio, e deixa que a presa loura fuja para o recesso das selvas.

QUADRO

Ipojuca, o vencedor vencido, caminha de cabeça baixa, absorto em sonhos. Vai de regresso á taba. O jaguar que vinha perseguindo cruza-se-lhe á frente. Ipojuca não o vê. A seta que lhe destinara cravou-lha Eros no coração.

QUADRO

Na taba. Ipojuca, desde que regressou, vive arredio. Pensa.

A cabeça lhe estala. Travam-se de razões seu cerebro e seu coração — o dever de solidariedade para com a tribu e o amor. Um impõe-lhe o desprezo da criatura maldita; outro pede-a para o beijo.

LETREIRO

Vence o Amor — o eterno vencedor, e Ipojuca volta ao ermo em procura de Marabá.

QUADRO

A virgem loura, desde o encontro fatal, perdida tem a sua serenidade de lirio.

Cisma.

Horas e horas passa imovel, com o olhar absorto. Sua veadinha ao lado inutilmente espera as caricias de sempre. Marabá não a vê. Marabá esqueceu-a. Como esqueceu as borboletas amarelas que douram o umido em redor da lage onde jaz reclinada. Como não vê o casal de martim-pescadores que a tres passos a espiam curiosos.

Marabá só vê o guerreiro de pele bronzeada que a subjugou com o braço potente, que lhe premiu com violencia a carne virgem, que lhe derramou n'alma um veneno mortal.

Marabá só vê o seu guerreiro.

Vê-lhe o vulto erecto, firme e forte como os penedos. Vê-lhe a musculatura mais rija que o tronco da peroba. Vê o fogo que seus olhos chispam.

E com tamanha nitidez o vê, que para ele estende os braços, amorosamente.

E Ipojuca, pois era Ipojuca em pessoa e não sua sombra o que ela via, cai-lhe nos braços e esmaga-lhe nos labios o primeiro beijo.

QUADRO

Idilio. Marabá espera o seu guerreiro no alto de uma canjerana.

Ipojuca chega, procura-a, chama-a, aflito.

A resposta é um punhado de bagas rubras que a virgem lhe lança da fronde.

Agil como o gorila, Ipojuca abarca o tronco da canjerana e marinha galhos acima.

Ao ser alcançada, Marabá despenha-se no rio e mergulha.

Susto do indio, logo seguido de alegria ao ve-la emergir alem. Lança-se á agua, persegue-a — e são dois peixes de pasmosa agilidade que brincam.

Agarra-a — e a luta finda-se na doce quebreira dos beijos.

QUADRO

Moema, a formosa virgem por Anhembira destinada para esposa de Ipojuca, desconfia dos modos de seu noivo. Aquelas continuas ausencias, aquele incessante cismar, seu alheamento a tudo, dizem-lhe com clareza que uma rival se interpõe entre ambos.

E, como desconfia, segue-o cautelosa. E tudo descobre, pois alcança o rio onde, o coração varado de crudelissima flecha, assiste, oculta em propicia moita, ás expansões amorosas dos ternos amantes. Adivinha quem é a rival, pois que ainda tem vivo na memoria o caso da marabazinha misteriosamente desaparecida.

QUADRO

Moema regressa á tribu e, sequiosa de vingança, denuncia ao pagé o esconderijo da virgem maldita.

O velho reune os guerreiros, arenga-os, incita-os á vingança antes que volte Anhembira, alongado numa expedição de vindita contra os brancos invasores. Receia que o cacique perdoi á neta, movido pelas lagrimas da velha Iná.

QUADRO

Os guerreiros em marcha para a vingança.

QUADRO

Surpreendidos pelos indios, os amantes fogem rio abaixo numa piroga. (É dificil explicar o aparecimento dessa providencial piroga, mas não impossivel. Derivou rio abaixo, por exemplo, e ali ficou enredada numa tranqueira. Não esquecer de introduzir num dos quadros anteriores um *close up* da piroga.)

Os indios metem-se em outras pirogas. (Mais pirogas! É que não derivou uma só, sim varias...) E remam com furia na esteira dos fugitivos.

QUADRO

Continua a perseguição. Não ha flechaços, para evitar-se o perigo de ferir-se Ipojuca. Perseguição silenciosa, á força de remos que estalam.

QUADRO

A noite vem e a regata continua ao luar.

QUADRO

E descem os fugitivos até que, de subito, dão de cara com um fortim português.

LETREIRO

Entre dois fogos!

QUADRO

Os remos caem das mãos de Ipojuca. Marabá aninha-se-lhe ao peito rijo, indiferente á morte — que nada ha mais suave do que acabar assim, a dois, em pleno apogeu do delirio do amor.

QUADRO

Os indios perseguidores ganham terreno. São avistados pelos portugueses, que logo acodem com os seus trabucos de boca de sino e abrem fuzilaria.

QUADRO

Os perseguidores fogem desordenadamente. Ipojuca, ferido no peito, é aprisionado juntamente com Marabá.

QUADRO

Na praia, ao lado do seu arco, Ipojuca estorce-se nas dores da agonia, enquanto Marabá é levada á presença do capitão do forte, que demora um minuto para apresentar-se.

QUADRO

Rodeiam-na os lusos e admiram-lhe a beleza do tipo europeu.

Nisto o capitão do fortim aparece.

Interroga-a; examina-a cheio de pasmo, como que tomado de vagos pressentimentos.

Marabá tem o anel que Iná lhe deu.

O capitão examina-o e, assombrado, o reconhece.

— Minha filha! exclama.

E numa delirante explosão de amor paterno abraça-a e beija-a com frenesi.

QUADRO

Ipojuca, á distancia, estorce-se na agonia. Vê a cena e, sem compreender o que se passa, julga que o capitão, como um satiro, lhe rouba a amante querida. Reune as ultimas forças, toma do arco, ajusta uma flecha e despede-a contra Marabá.

QUADRO

A flecha crava-se no peito da virgem loura, que desfalece e morre nos braços do pai atonito, enquanto na praia o heroico Ipojuca exala o derradeiro suspiro, murmurando:

LETREIRO

— *Minha ou de ninguem*!

(Acendem-se as luzes e enxugam-se as lagrimas).

1923

Fatia de vida

Não era homem querido o doutor Bonifacio Torres. Não era querido pela ponderosa razão de pensar com sua propria cabeça. Para ser querido é força pensar como toda gente.

"Toda gente!"

Moloch social cujos mandamentos havemos de seguir de cabecinha baixa, sob pena dos mais engenhosos castigos. Um deles: incidir na pécha de exquisitice.

"É um exquisitão!"

Inutil dizer mais. O homem marcado vê-se logo posto de través e á margem, como o leproso. Torna-se um indesejavel. É um suspeito. Haja meio e eliminam-no do gremio como a um corpo estranho, de malsão convivio.

Assombramo-nos ao recordar os crimes de grupo que enchem a historia — Santo-Oficio, guerras, matanças religiosas. Transportados á epoca vemos que o progredir humano não passa da consolidação das vitorias do "exquisitão" sobre "Toda gente".

"Toda gente" não tolerava duvidas sobre a fixidez da terra. Vem um exquisitão e diz: A terra move-se em redor do sol. "Toda gente", por intermedio de seus representantes legais, agarra o velho pelo gasnete força-o a retratar-se.

— Renega a heresia, infame, ou asso-te já na fogueira! Galileu baixou a cabeça encanecida e abjurou. E a Terra, que começara a girar em torno do Sol, teve que mudar de politica e imobilizar-se por muito tempo ainda. Hoje, roda livremente. O monstro deu-lhe essa liberdade...

Como se vê, apesar da guerra que "Toda gente" move aos exquisitões as ideias destes influenciam e aos poucos transformam a mentalidade do Moloch. No começo o monstro encarcera, esquarteja, empala, sufoca. Depois volta atrás, medita e murmura: "Ele tinha razão!" e adere com a maior inocencia.

"Toda gente" tem hoje a caridade como dogma infalivel, e por esse motivo encarou com assombro o dr. Bonifacio quando o exquisitão sorriu a uma frase nedia e lisa do conego Eusebio. O conego Eusebio, conspicuo representante legal do Moloch, dissera no tom solene dos que monopolizam a verdade sobre o orbe:

— Não ha virtude mais sublime. Só ela tem forças para resolver a questão social. Aquele movimento belissimo durante a epidemia da gripe em S. Paulo — que replica de escachar ao espirito que nega! Todos, a uma, governos, matronas, meninas, associações, todos empenhados em lenir o sofrimento dos pobres, como que a derramar Deus nos corações!...

O dr. Bonifacio sorrira e o padre olhara-o de revés, com saudades, quem sabe, do bemaventurado tempo em que sorrisos assim recebiam a replica do fogo pio.

— Sorri-se o hereje? interpelou o padre. Nega até a caridade?

— Não nego, respondeu mansamente o filosofo, porque não nego nem afirmo coisa nenhuma. Negam e afirmam os atores, os que se agitam no palco da vida. Eu tenho meu lugar na plateia e, como não represento, observo. E como observo, sorrio — sorrio para não chorar...

— Seja mais claro.

— Serei. Quando o reverendo se abriu em louvores á caridade, não desfiz nessa cristianissima virtude. Apenas me lembrei de certo drama a que assisti — e, repito, sorri para não chorar...

Depois de breve pausa de interrogativa expectação o dr. Bonifacio principiou.

— Isaura a minha lavadeira...

As anedotas têm força de imã. Varios curiosos aproximaram-se e ficaram a ouvir.

— Minha lavadeira, como todas as lavadeiras, era uma pobre mulher de incomparavel heroismo, desse que os epicos não cantam, o estado não recompensa e ninguem sequer observa. Para mim, entretanto, é a forma nobre por excelencia do heroismo — a luta silenciosa contra a miseria.

— Que exquisitice!

— Porque é heroismo ininterrupto, sem treguas, continuou o dr. Bonifacio, sem momento de repouso e, alem disso, sem nenhuma esperança de qualquer espécie de paga.

— Vamos ao caso...

— Viuva com quatro filhos, a heroica Isaura matava-se no trabalho incessante. Aquelas mãos vermelhas e curtidas... Aqueles braços requeimados... Que

maquinas! Era do movimento deles que vinha o sustento da casa. Parassem, repousassem — e a Fome, esqualida megera que ronda os bairros pobres, meter-se-ia porta a dentro.

— Romantismo... "Esqualida megera"...

— No primeiro sabado da Grande Gripe, Isaura, minha pontualissima lavadeira, não me apareceu como de costume com a sua bandeja de roupa lavada. Em lugar dela veiu uma vizinha.

— "A Isaura? perguntei-lhe.

— "Anda ás voltas com os filhos. Deu lá a "espanhola" e a pobre está que está numa roda viva.

— "Hei de ir ve-la, coitada...

— "É caridade, senhor. A pobre é bem capaz de endoidecer...

Não fui. Impediu-mo a propria gripe, cujos primeiros sintomas nesse mesmo dia comecei a sentir. Passei de molho tres semanas e quando me levantei e me preparava para ir ver Isaura, eis que ela me reaparece em pessoa.

Em que estado, porém! Envelhecera vinte anos, tinha os cabelos brancos, os olhos no fundo, o ar de uma coisa vencida pelo destino. E tossia.

— "Sente-se e conte-me tudo.

Sentou-se e, sem derramar uma só lagrima, pois já as chorara todas, narrou-me a sua tragedia.

Tinha em casa uma filha de dezoito anos, que trabalhava na costura; outra de dezesseis que a ajudava na lavajem; um filho de quinze, entregador de roupa, e mais uma netinha de seis anos, orfã.

A gripe apanhou-os a todos e a ela tambem. Mas a pobre criatura não soube disso, não o notou. Como perceber que estava doente, se suas faculdades eram poucas para atentar nos filhos? E lá sarou de pé, sem um remedio. E como ela tambem sarariam os filhos todos se...

O dr. Bonifacio voltou-se para o conego.

— ... Se a caridade não interviesse...

— Já sei onde quer bater, exclamou o conego. Mas cumpre notar que quando falo de caridade não me refiro á assistencia publica, nem sequer á filantropia. Falo da caridade-sentimento, da caridade virtude cristã — concluiu baforando o cigarro, alegre, com ar de quem cortou vasas.

O dr. Bonifacio prosseguiu:

— ... se a caridade-sentimento não sobreviesse por intermedio do coração bondoso de uma vizinha. Esta vizinha, compadecida daquele angustioso transe, telefonou a um posto medico, narrando o caso e pedindo assistencia. A ambulancia veiu justamente durante a ausencia da Isaura, que saíra a compras, e levou-lhe todos os filhos para o Hospital da Imigração.

Corriam boatos apavorantes a respeito desse hospital improvisado, onde — murmuravam — só se recebiam os pobres bem pobres e o tratamento era o que devia ser, porque pobre bem pobre não é bem gente. De modo que nada apavorava tanto o povinho miudo como ir para a Imigração.

Assim, ao voltar da rua e saber do acontecido Isaura estarreceu. Foi como se o proprio inferno houvesse aberto as goelas e engulido os adorados doentes. Quem

zelaria por eles? Sozinhas no meio de desconhecidos, de enfermeiros mercenarios, que seria das pobres crianças?

Correu para aqueles lados, inquirindo ás tontas: "A Imigração? Onde fica a Imigração?" "É por aqui". "Dobre á direita." "É lá naquela casa grande", informavam-na pelo caminho.

Chegou. Bateu. Esperou á porta um tempo enorme. Entravam e saiam pessoas apressadas, medicos, ajudantes, homens de avental. "Não é comigo", diziam. "Espere". "Bata outra vez".

Afinal uma alma caridosa...

— Ca-ri-do-sa, repetiu o conego, sorrindo.

— ... uma alma caridosa apareceu e deu-lhe a informação pedida. Os filhos estavam lá, mais a netinha. A de dezesseis anos, porém, atacada de tifo.

— "Tifo?! exclamou, alanceada, a pobre mãe.

A alma caridosa enterrou mais fundo o punhal:

— "Sim, tifo, e do bravo.

A mulher já não ouvia. De olhos esbugalhados, como fora de si, repetia a esmo a palavra tremenda — "Tifo!" Conhecia-o muito bem. Fôra a doença malvada que lhe arrebatara o marido.

— "Quero ve-la, quero ver minha filha!...

— "Impossivel!

Isaura lutou, insistiu.

Inutil.

A porta fechou-se com chave e a pobre mulher se viu despejada na rua.

Andou muito tempo atôa, como ebria, sem destino. "Olha a louca!" gritavam os moleques. E parecia mesmo, se não louca, pelo menos aluada.

Subito Isaura resolveu-se. Havia de ver os filhos. Era mãe. "São meus, o mundo nada tem com eles. Eu os tive, eu os criei, só eu os quero no mundo. São tudo para mim. Como gentes estranhas me roubam assim os filhos, me impedem que eu, mãe, os veja? Nem ver, apenas ver? Oh, isso é demais.

Havia de ve-los.

Galvanizada pela resolução Isaura correu a implorar socorro de um homem influente cuja roupa lavava.

O influente deu-lhe uma carta. "Vá com isto que as portas se abrem".

Nova corrida ao hospital. Nova espera angustiosa. Por fim a mesma alma caridosa...

O dr. Bonifacio entreparou, olhou para o sacerdote. E, como desta vez ele silenciasse, prosseguiu:

— Por fim a alma caridosa reapareceu e disse á desolada mãe:

— "Posso ir lá dentro saber de seus filhos, mas deixa-la entrar, não!

— "E a carta?

— "Inutil. É expressamente proibido.

— "Pois dê-me noticias de meus filhos, então.

A alma caridosa foi saber dos doentinhos e a triste mãe, embrulhada em seu chale humilde, ficou a um canto, esperando. Minutos depois reaparecia a alma caridosa.

— "Olhe, sua filha morreu.

— "Morr...

E os olhos da miseranda mãe exorbitaram, seus dedos se crisparam...

— "Morreu!... Mas qual delas?

— "Uma delas.

— Mas qual? Qual?...

Já eram gritos lancinantes que lhe saiam da boca. A alma caridosa fechou a porta e sumiu-se...

O infinito desespero de Isaura nessa noite em casa, a revolver-se na cama, a remorder o travesseiro... "Qual? Qual das minhas filhas morreu?..." A dor requintava-se ante a incerteza. "Seria a Inezinha? Seria a Marietinha?" E o cerebro lhe estalava na ansia de adivinhar. "Qual delas, meu Deus?"

São dores que a palavra não diz. Imagina-as a imaginação de cada um. Adiante.

No outro dia a mulher correu de novo ao hospital. Repete-se a mesma cena — a ansiosa espera de sempre, os pedidos com lagrimas a saltarem dos olhos. O ambiente é o mesmo — de indiferença geral. Só não ha indiferença na alma caridosa, que reaparece e pergunta:

— "Que quer de novo, santinha?

— "Meus filhos... saber...

— "Seus filhos? Não estão mais aqui. Foram removidos para o hospital do Isolamento, os dois.

— "Os dois?!...

— "Os dois, sim, porque a mais pequena tambem morreu.

— "A minha netinha morreu?!...

— "Coragem, minha velha, a vida é isto mesmo.

E a porta fechou-se pela ultima vez.

As tres ou quatro pessoas reunidas em torno do dr. Bonifacio ansiavam pelo final da historia. "E depois?" era a sugestão de todos os olhos.

O dr. Bonifacio prosseguiu:

— "Depois? Depois a gripe declinou, a normalidade foi se restabelecendo e os dois filhos restantes voltaram á casa materna. Em que estado! O menino, semi-morto, cadaverico e a Inez (só ao ve-la chegar soube Isaura qual das duas morrera) é a Inez com uma tosse de tuberculosa. E ali ficaram, destroços de horrivel naufragio, aqueles tres miseraveis molambos de vida, sob a assistencia da negra enfermeira — a Fome. Continuaram a viver, sem saber como, por instinto — num desvario, numa alucinação...

Da ultima vez que vi a pobre Isaura, disse-me ela, entre dois acessos de tosse:

— Tudo porque me levaram de casa os filhos. Se ficassem nada lhes teria acontecido. A nossa vizinha, tão boa, coitada, quis fazer o bem e fez a nossa desgraça. É um perigo ser muito bom...

O dr. Bonifacio calou-se. O conego não achou que fosse caso de comentar. A roda dissolveu-se em silencio.

A morte do Camicego

Foi o Edgard quem "lançou" esse monstro. O Camicego era para sua imaginação de quatro anos um "bicho malvado", grande como o guarda-louça. Depois foi crescendo, chegou a ficar do tamanho do morro.

Moravamos na fazenda, num casarão rodeado de morros, e ser grande como o morro avistado da "porta da rua" era algo serio...

Comia gente o Camicego, e tinha um bico *assim*. Este *assim* não era explicado com palavras, mas figurado numa careta de labios abrochados em bico e olhos esbugalhados.

Com tão gentil focinho não devia ser má rez o monstro — pensava a "gente grande" que, de passagem, via o Edgard refranzir os beicinhos naquela onomatopeia muscular. Mas para os nervosos cinco anos de sua irmã, a Marta, era de crer que fosse horrendo, tal o rictus de pavor com que, enfitando a macaquice do irmão, instintivamente lhe arremedava o muxoxo.

E todas as noites, na rede da sala de jantar, ficavam os dois absorvidos no caso do Camicego — ele a desfiar as proezas incontaveis do monstro, ela a interrompe-lo com perguntas.

— E come gente?

(Preocupava á Marta, sempre que se lhe antolhava algo desconhecido, visto pela primeira vez — um besourão, um lagarto, uma coruja — saber o grau de antropofagia da novidade. Para ela o mundo se dividia em duas classes: a dos seres bons, que não comem gente, e a dos maus, que comem gente.)

— Come sim! inventava o Edgard. Pois não sabe que comeu o filhinho da Mariana, no dia da chuvarada?

Marta volvia os olhos sonhadores para a paisagem enquadrada na janela e quedava-se a cismar...

Nisto vinha para a rede um terceiro, o Guilherme, cujos dois anos e pico o traziam ainda muito amodorrado de imaginativa. Ouvia as historias mas não se impressionava coisa nenhuma, e no meio da papagueada hoffmannica saltava ao chão e pedia coisa mais positiva — o pão-de-ló, o bolinho de milho, a gulodice qualquer do dia, entrevista no armario.

E a historia continuava a dois, sempre na rede onde eles se balançavam isocronos como dois ponteiros de metronomo — sempre entremeada das perguntas da menina, futura leitora de Wallace e cabalmente dilucidada pelo Edgard, um Wells em embrião.

— E onde mora o Camicego?

No quarto escuro, no porão, debaixo da cama, no buraco do forno, naquele barranco onde caiu a vaca pintada — o Edgard encontrava incontinenti uma duzia de biocos tenebrosos onde encafuar a sua criação.

Ás vezes brincavam de casinha na sala de visitas, um grande salão sempre mergulhado em penumbra. Sob o sofá antigo, de canela preta, armavam com albuns

de musica e almofadas a casinha da Irene, a grande boneca de louça sem uma perna.

Que maravilhosa mobilia tinha a casa da Irene! Coloridos cacos de tijela figuravam de suntuosa porcelana. Havia travessas e sopeiras "de mentira". Em torno sentavam-se sabugos de milho representando as grandes personagens da fazenda — Anastacia, a cozinheira; Esaú, o preto tirador de leite; Leoncio, o domador. Quando comparecia á mesa este heroi, não deixava de figurar tambem, solidamente amarrado a um pé de cadeira, o ultimo animal que ele amansara. Este ultimo animal era sempre o mesmo xúxú com quatro palitos á guiza de pernas, uma pena de galinha como cauda e tres caroços de feijão figurando boca e olhos — sugestiva escultura da cozinheira que aquelas crianças preferiam aos mais bem feitos cavalinhos de pau vindos da cidade.

Assim brincavam horas, até que, de subito, farto já, o Edgard apontava para um canto da sala, onde eram mais intensas as sombras, e berrava com cara de terror:

— O Camicego!

Debandavam todos em grita, tomados de panico, rumo á sala de jantar, a rirem-se do susto.

Um dia apareceu no quintal um grande morcego moribundo, de asas rotas por uma vassourada da copeira.

O Edgard foi quem o descobriu; trouxe-o para dentro e sem vacilar o identificou:

— O Camicego!

Reuniram-se os tres em torno do monstro, em demorada contemplação: a menina mais arredada, no instin-

tivo asco da sua sensibilidade feminil; o Guilherme espichado de barriga, o rosto moreno apoiado nas duas mãos; o Edgard pegando sem nojo nenhum no bicharoco, estirando-lhe as asas em gomos de guarda-chuva, abrindo-lhe a boca para mostrar a serrilha dos alvos dentinhos. E explicava petas a respeito.

— E este Camicego tambem come gente? perguntou a menina.

— Boba! Pois não vê que é um coitado que nem come esta palhinha? e Edgard enfiou uma palha goela a dentro do bicho já morto.

Nesse momento "gente grande" apareceu na sala e pilhou-os na "porcaria" e com ralhos asperos dispersou o bando, pondo termo á lição anatomica.

O morcego pegado com asco pela pontinha da asa, lá voou por cima do muro, pinchado e xingado — "... esta imundicie..."

Mas de nada valeu a energia. O improvisado necroterio transferiu-se ali da sala para detrás do muro, á sombra de uma laranjeira onde caira o morcego. O Edgard, com uma faca de mesa, procurava abrir a barriga do "porco" para ver o que tinha dentro. Depois teve uma grande ideia: fazer sabão da barrigada!

A faca, porem, não cortava aquelas pelancas moles e rijas, o "porco" fugia á direita e á esquerda, e assim foi até que a Anastacia, de passagem para a horta em busca de coentro, pilhou-os de novo na "porcaria".

— Cambadinha! Vou já contar p'ra mamãe!...

Nova dispersão do grupo, e vôo final da nojenta pelanca do vampiro, que desta vez foi parar em poleiro inacessivel — em cima do telhado.

Datou daí a morte do Camicego. Não amedrontava mais.

Se Edgard o relembrava, os outros riam-se, porque a imaginação dos guris passara a encarnar o monstro na figura triste do pobre morcego morto, a estorricar-se ao sol do telhado.

Os homens, crianças grandes, não procedem de outra maneira. Os seus mais temerosos Camicegos saem-lhes morcegos relissimos, sempre que uma boa vassourada da critica os pespega para cima da mesa anatomica...

"Quero ajudar o Brasil"

Já contei este caso. Vou conta-lo de novo. Hei de conta-lo toda a vida, porque é um grande conforto d'alma. É a coisa mais bonita que ainda vi.

Foi no começo de nossa tremenda campanha pró-petroleo. Haviamos com Oliveira Filho e Pereira de Queiroz lançado a Companhia Petroleos do Brasil — em que ambiente, santo Deus! Tudo contra. Todos contra. O governo contra. Os homens de dinheiro contra. Os bancos contra. A "sensatez", contra.

Cepticismo absoluto em todas as camadas. Uma guerra surda por baixo, subterranea, que naquele tempo não sabiamos donde emanava. Guerra de difamação ao ouvido — a peor de todas. As coisas ditas em voz alta não causam efeito; ao ouvido, sim.

— "Fulano é um scroc".

Enunciadas assim ao natural não impressionam a ninguem, tanto andamos afeitos a ouvir acusações dessas. Mas a mesma frase dita muito em reserva, ao ouvido, com a mão em tapa-som, "para que ninguem mais ouça", cala fundo, faz-se imediatamente crida — e quem a recebe corre a propaga-la como dogma.

A guerra contra os promotores da nova companhia era assim: de ouvido em ouvido, as mãos sempre em tapa-som — *para que ninguem mais ouvisse o que era*

preciso que todos soubessem. A calunia é a rainha da tecnica.

Nos seus manifestos os incorporadores haviam sido em extremo leais. Admitiam a possibilidade de fracasso, com perda total do capital empatado. Pela primeira vez na vida comercial deste país se propunha ao publico um negocio com admissão das duas faces: vitoria esplendida, em caso de encontro do petroleo, ou perda total dos dinheiros invertidos, no caso reverso. Esta franqueza impressionou. Inumeros subscritores vieram arrastados por ela.

— "Vou tomar tantas ações só por terem os senhores mencionado a hipotese da perda total dos dinheiros, isso me convenceu de que se trata de negocio serio. Os negocios não-serios só acenam com lucros, jamais com possibilidades de perda".

A lealdade dos incorporadores foi vencendo o publico miudo. Só aparecia no escritorio gente simples, tentada pelas vantagens tremendas do negocio em caso de sucesso. O raciocinio de todos era o mesmo de na compra dum bilhete das grandes loterias do Natal.

Os incorporadores levaram o escrupulo a ponto de lembrar a cada novo subscritor a hipotese da perda total do dinheiro.

— "Sabe que corre o risco de perder o seu cobre? Sabe que se não tocarmos em petroleo o fracasso da empresa será completo?

— "Sei. Li o manifesto.

— "Mesmo assim subscreve?

— "Mesmo assim.

— "Então assine.

E desse modo iam sendo as ações absorvidas pelo publico.

Certo dia entrou-nos pela sala um preto modestamente vestido, de ar humilde. Recado de alguem, certamente.

— "Que deseja?

— "Quero tomar umas ações.

— "Para quem?

— "Para mim mesmo.

Oh! O fato surpreendeu-nos. Aquele homem tão humilde a querer comprar ações. E logo no plural. Queria duas, com certeza, uma para si, e outra para a mulher. Isso importaria em duzentos mil réis, quantia que já pesa num orçamento de pobre. Quantos sacrificios não teria de fazer o casal para pôr de lado duzentos mil réis ratinhados ao salario miseravel? Para um ricaço tal quantia corresponde a um niquel; para um operario é uma fortuna, é um capital. Os salarios no Brasil são a miseria que sabemos.

Repetimos ao extraordinario preto a cantiga de sempre.

— "Sabe que ha mil dificuldades neste negocio e que corremos o risco de perder a partida, com destruição de todo o capital empatado?

— "Sei.

— "E mesmo assim quer tomar ações?

— "Quero.

— "Está bem. Mas se houver fracasso não se queixe de nós. Estamos a avisa-lo com toda a lealdade. Quantas ações quer? Duas?

— "Quero trinta.

Arregalamos os olhos e, duvidando dos nossos ouvidos, repetimos a pergunta.

— "Trinta, sim, confirmou o preto.

Entreolhamo-nos. O homem devia estar louco. Tomar trinta ações, empatar tres contos de réis num negocio em que a gente mais endinheirada não se atrevia a ir além de algumas centenas de mil réis, era evidentemente loucura. Só se aquele homem de pele preta estava escondendo o leite — se era rico, muito rico. Na America existem negros riquissimos, até milionarios; mas no Brasil não ha negros ricos. Teria aquele, por acaso, ganho algum pacote na loteria?

— "Você é rico, homem?

— "Não. Tudo quanto tenho são estes tres contos que juntei na Caixa Economica. Sou empregado na Sorocabana ha muitos anos. Fui juntando de pouquinho em pouquinho. Hoje tenho tres contos.

— "E quer pôr tudo num negocio que pode falhar?

— "Quero.

Entreolhamo-nos de novo, incomodados. Aquele raio de negro nos atrapalhava seriamente. Forçava-nos a uma inversão de papeis. Em vez de acentuarmos as probabilidades felizes do negocio, passamos a acentuar as infelizes. Enfileiramos todos os contras. Quem nos ouvisse, jamais suporia estar diante de incorporadores duma empresa que pede dinheiro ao publico — mas de difamadores dessa empresa. Chegamos a afirmar que pessoalmente não tinhamos muitas esperanças de vitoria.

— "Não faz mal, respondeu o preto na sua voz inalteravelmente serena.

— "Faz, sim! insistimos. Jamais nos perdoariamos se fossemos os causadores da perda total das reservas duma vida inteira. Se quer mesmo arriscar, tome duas ações só. Ou, tres. Trinta é demais. Não é negocio. Ninguem põe tudo quanto possue num cesto só, e muito menos num cesto incertissimo como este. Tome tres.

— "Não. Quero trinta.

— "Mas por que, homem de Deus? indagamos, ansiosos por descobrir o segredo daquela decisão inabalavel. Seria a cobiça? Crença de que com trinta ações ficaria milionario em caso de jorrar o petroleo?

— "Venha cá. Abra o seu coração. Diga tudo. Qual o verdadeiro motivo de você, um homem humilde, que só tem tres contos de réis, insistir desta maneira em jogar tudo neste negocio? Ambição? Pensa que pode ficar um Matarazzo?

— "Não. Não sou ambicioso, respondeu ele serenamente. Nunca sonhei em ficar rico.

— "Então por que é, homem de Deus?

— "É que eu quero ajudar o Brasil...

Derrubei a caneta debaixo da mesa e levei uma porção de tempo a procura-la. Maneco Lopes fez o mesmo, e foi em baixo da mesa que nos entreolhamos, com caras que diziam: "Que caso, hein?" Em certas ocasiões só mesmo derrubando uma caneta e custando a acha-la, porque ha umas tais glandulas que nos turvam os olhos com umas aguinhas impertinentes...

Nada mais tinhamos a dizer. O humilde negro subscreveu as trinta ações, pagou-as e lá se foi, na sublime serenidade de quem cumpriu um dever de consciencia.

Ficamos a olhar uns para os outros, sem palavras. Que palavras comentariam aquilo? Essa coisa chamada Brasil, que é de vender, que até os ministros vendem, ele queria ajudar... De que brancura deslumbrante nos saira aquele negro! E como são negros certos ministros brancos!

O incidente calou fundo em nossas almas. Cada um de nós jurou lá por dentro levar avante a campanha do petroleo custasse o que custasse, sofressemos o que sofressemos, houvesse o que houvesse. Tinhamos de nos manter na altura daquele negro.

A campanha do petroleo tem sofrido variados desenvolvimentos. Guerra grande. Luta peito a peito. E se o desanimo não nos vem nunca, é que as palavras do negro ultra-branco não nos saem dos ouvidos. Nos momentos tragicos das derrotas parciais (e têm sido muitas), nos momentos em que os lidadores no chão ouvem o juiz contar o tempo do nocaute, aquelas palavras sublimes fazem que todos se ergam antes do DEZ fatal.

— "É preciso ajudar o Brasil..."

Hoje sabemos de tudo. Sabemos das forças invisiveis, externas e internas, que puxam para trás. Sabemos os nomes dos homens. Sabemos da sabotagem sistematica, dos moveis da difamação ao ouvido, do perpetuo dar-para-trás da administração. Isso, entretanto, deixa de ser obstaculo porque é menor que a força haurida nas palavras do negro.

Abençoado negro! Um dia teu nome será revelado. O primeiro poço de petroleo em São Paulo não terá o nome de nenhum ministro nem presidente. Terá o teu.

Porque talvez tenham sido tuas palavras a secreta razão da vitoria. Os teus tres contos foram magicos. Amarraram-nos para sempre. Trancaram com pregos a porta da desercão...

1938

Sorte grande

Foi numa quieta cidadezinha entrevada, dessas que se alheam do mundo com a discreção humilde dos musgos. Havia lá a gente do Moura, o arrecadador de taxas municipais no mercado. A morte arrecadou o Moura muito fora de tempo e proposito. Consequencia: viuva e sete filhos na dependura.

Dona Teodora, quarentona que nunca soubera a significação da palavra descanso, viu-se de trabalhos dobrados. Encher sete estomagos, vestir sete nudezas, educar outras tantas individualidades... Se houvesse justiça no mundo, quantas estatuas a certos tipos de mães!

A vida em tais lugarejos lembra a dos liquens na pedra. Tudo se encolhe no "limite" — no minimo que a civilização comporta. Não ha "oportunidades". Os meninos mal empenam emigram. As meninas, como não podem emigrar, viram moças; as moças passam a "tias"; e as tias evoluem para velhinhas enrugadas como o maracujá murcho — sem que nunca venha ensejo para a realização dos dois grandes sonhos: casamento ou ocupação decentemente remunerada.

Os empreguinhos publicos, de paga microscopica, são tremendamente disputados. Quem se aferra a um, dali só é arrancado pela morte — e passa a vida inveja-

do. Uma só saida para as mulheres, afora o casamento: a meia duzia de cadeiras das escolinhas locais.

O mulherio de Santa Rita lembra os rizomas de gladiolos de certas casas de "cera e sementes" pouco frequentadas. O dono do negocio os expõe numa cesta á porta, á espera do freguês eventual. Não aparece freguês nenhum — e o homem os vai retirando da cesta á proporção que murcham. Mas o estoque não diminue porque entram sempre rizomas novos. O dono da casa de "cera e sementes" de Santa Rita é a Morte.

A boa mãe revolta-se Tinha culpa de terem vindo ao mundo as cinco meninas e os dois meninos, e de nenhum modo admitia que elas virassem maracujás secos e eles se estiolassem na lambança viciosa dos zés-ninguens.

O problema não era totalmente insoluvel com os meninos, porque podia manda-los para fora no momento oportuno — mas as meninas? Como arranjar a vida de cinco moças numa terra em que havia seis para cada homem casadouro — e só cinco cadeirinhas?

A mais velha, Maricota, herdara o temperamento, a valentia materna. Estudou o que pôde e como pôde. Fez-se professora — mas já estava nos vinte e quatro e nem sombra de colocação. As vagas iam sempre para as de maior peso politico, ainda que analfabetas. Maricota, um peso-pluma, que poderia esperar?

Mesmo assim dona Teodora não desanimava.

— Estudem. Preparem-se. De repente qualquer coisa acontece e vocês se arrumam.

Os anos, entretanto, passavam sem que a esperadissima "qualquer coisa" viesse — e os apertos recresciam.

Por muito que trabalhassem em cocadas, bordados de enxoval e costurinhas, a renda não se distanciava do zero.

Dizem que as desgraças gostam de vir juntas. Quando a situação dos Mouras atingiu o ponto perigoso da "dependura", nova calamidade sobreveiu. Maricota recebeu do ceu um estranho castigo: a singularissima doença que lhe atacou o nariz.

No começo não deram importancia ao caso; só no começo, porque a doença entrou a progredir, com desorientação de todos os entendidos em medicina das redondezas. Nunca, verdadeiramente nunca, ninguem soubera por lá de coisa assim.

O nariz da moça crescia, engordava, engrovinhava, lembrando o de certos bebedos incorrigiveis. A deformação nessa parte do rosto é sempre desastrosa. Dá á fisionomia um ar comico. Todos se apiedavam da Maricota — mas riam-se sem querer.

A maldade dos lugarejos tem a insistencia de certas moscas. Aquele nariz foi virando o prato predileto do Comentario. Nos momentos de escassez de assunto era infalivel porem-no á mesa.

— Se aquilo pega, ninguem mais planta rabanetes em Santa Rita. É só levar a mão ao rosto e colher um...

— E dizem que está crescendo...

— Se está! A moça já não põe o pé na rua — nem para a missa. Aquela negrinha, cria de dona Teodora, me disse que já não é nariz — é beterraba...

— Serio?

— Cresce tanto que se a coisa continua vamos ter um nariz com uma moça atrás e não uma moça com

um nariz na frente. O maior, o principal, ficará sendo o rabanete...

Nos galinheiros tambem é assim. Quando aparece uma ave doente, ou ferida, as sãs correm-na a bicadas — e bicam-na até destrui-la. Em materia de maldade o homem é galinaceo. A tal ponto chegou a de Santa Rita que quando aparecia alguem de fóra não vacilavam em enfileirar entre as curiosidades locais a doença da moça.

— Temos varias coisas dignas de ver-se. Ha a igreja, cujo sino tem um som sem igual no mundo. Bronze do ceu. Ha o pé de cactus da casa do major Lima, com quatro metros de roda na altura do peito. E ha o rabanete da Maricota...

O visitante espantava-se, está claro.

— Rabanete?

O informante desfiava a cronica do famoso nariz com invençõesinhas comicas de sua lavra. "Não poderei ver isso?" "Creio que não, porque ela já não tem animo de pôr o pé na rua — nem para a missa".

Chegou o momento de recorrer aos medicos especialistas. Como por lá não houvesse nenhum, dona Teodora lembrou-se de um doutor Clarimundo, especialista de todas as especialidades na cidade proxima. Tinha de mandar-lhe a filha. O nariz de Maricota estava ficando clamoroso demais. Mas... mandar como? A distancia era grande. Viagem por agua — pelo rio S. Francisco, em cuja margem direita se assentava Santa Rita. O percurso custaria dinheiro; e custariam dinheiro a consulta, o tratamento, a estada lá — e onde o dinheiro? Como reunir os duzentos mil réis necessarios?

Não ha barreiras para o heroismo das mães. Dona Teodora redobrou de faina, operou milagres de genio e por fim reuniu o dinheiro da salvação.

Chegou o dia. Muito vexada de mostrar-se em publico depois de tantos meses de segregação, Maricota embarcou para a viagem de dois dias. Embarcou numa gaiola — o "Comandante Exuperio" — e logo que se viu a bordo tratou de descobrir um cantinho em que ficasse a salvo da curiosidade dos passageiros. Inutilmente. Deu logo nos olhos de varios, sobretudo nos dum moço de bom aspecto, que entrou a mira-la com singular insistencia. Maricota esgueirou-se de sua presença e, de bruços na amurada, fingiu-se absorta na contemplação da paisagem. Fraude pura, coitadinha. A unica paisagem que via era a sua — a nasal. O passageiro, entretanto, não a largava.

— Quem é essa moça? quis saber — e um de boca perdigotante, tambem embarcado em Santa Rita, regalou-se em contar pormenorizadamente tudo quanto sabia a respeito.

O moço refranziu a testa. Reconcentrou-se a meditar. Por fim seus olhos brilharam.

— Será possivel? murmurou em soliloquio, e resolutamente encaminhou-se na direção da triste criatura absorvida na contemplação da paisagem.

— Perdão, minha senhora, eu sou medico e...

Maricota voltou para ele os olhos, muito vexada, sem saber o que dizer. Como um eco, repetiu:

— Medico?...

— Sim, medico — e o seu caso está me interessando profundamente. Se é o que suponho, talvez que...

Mas, venha cá — conte-me tudo — conte-me como isso começou. Não se vexe. Sou medico — e para os medicos não ha segredos. Vamos...

Maricota, depois de alguma resistencia, contou tudo, e á medida que falava o interesse do moço recrescia.

— Com licença, disse ele — e pôs-se a examinar-lhe o nariz, sempre com perguntas cujo alcance a moça não percebia.

— Como é seu nome? atreveu-se a indagar Maricota.

— Doutor Cadaval.

A expressão do medico lembrava a do garimpeiro que encontra um diamante de valor fabuloso — um Cullinan! Nervosamente ele insistia:

— Conte, conte...

Queria saber tudo; como aquilo começara, como se desenvolvera, que perturbação ela sentira e outras coisinhas tecnicas. E as respostas da moça tinham o condão de aumentar-lhe o entusiasmo. Por fim,

— Maravilhoso! exclamou. Um caso unico de boa sorte...

Tais exclamações desnortearam a doente. "Maravilhoso?" Que maravilhamento poderia causar a sua desgraça? Chegou a ressentir-se. O medico tentou sossega-la.

— Perdoi-me, dona Maricota, mas o seu caso é positivamente extraordinario. De momento não posso firmar parecer — estou sem livros; mas macacos me lambam se o que a senhora tem não é um rinofima — um RINOFIMA, imagine!

Rinofima! aquela palavra estranha, dita naquele tom de entusiasmo, em coisa nenhuma melhorou a situação de atrapalhamento de Maricota. O fato de sabermos o nome de uma doença não nos consola nem cura.

— E que tem isso? perguntou ela.

— Tem, minha senhora, que é uma doença rarissima. Pelo que sei a respeito, não se conhece ainda um só caso em toda a America do Sul... Compreende agora o meu entusiasmo de profissional? Medico que descobre casos unicos é medico de nome feito...

Maricota começa a compreender.

Longamente Cadaval debateu a situação, informando-se de tudo — da familia, do objeto da viagem. Ao saber de sua ida á cidade proxima em busca do Dr. Clarimundo, revelou-se.

— Qual Clarimundo, minha senhora! Esses medicos da roça não passam de perfeitas cavalgaduras. Formam-se e afundam nos lugarejos, nunca lêem nada. Atrasadissimos. Se a senhora vai consulta-lo, perderá o seu tempo e o seu dinheiro. Ora o Clarimundo!

— Conhece-o?

— Claro que não, mas adivinho. Conheço a classe. O seu caso, minha senhora, é a maravilha das maravilhas, desses que só podem ser tratados pelos grandes medicos dos grandes centros — e estudado pelas academias. A senhora vai mas é para o Rio de Janeiro. Tive a sorte de encontra-la e não a largo mais. Ora esta! Um rinofima destes nas mãos do Clarimundo! Tinha graça...

A moça alegou que a sua pobreza não lhe permitia tratar-se na capital. Eram pauperrimos.

— Sossegue. Eu farei todas as despesas. Um caso como o seu vale ouro. Rinofima! O primeiro observado na America do Sul! Isso é ouro em barra, minha senhora...

E tanto falou, e tanto gabou a beleza do rinofima, que Maricota deu de sentir uns começos de orgulho. Depois de duas horas de debates e combinações, já estava outra — sem vexame nenhum dos passageiros — e a exibir pelo tombadilho o seu rabanete como quem exibe algo fascinante.

O doutor Cadaval era um moço extremamente expansivo, dos que não param de falar. O empolgamento em que ficou fê-lo debater o assunto com todos de bordo.

— Comandante, disse ao capitão horas depois, aquilo é uma preciosidade sem par. Unico na America do Sul, imagine! O sucesso que vou fazer no Rio — na Europa! É dessas coisas que arrumam a carreira de um medico. Um rinofima! Um ri-no-fi-ma, capitão!...

Não houve passageiro que se não inteirasse da historia do rinofima da moça — e o sentimento de inveja tornou-se geral. Evidentemente Maricota fôra marcada pelo Destino. Possùia algo unico, uma coisa de fazer a carreira de um medico e de figurar em todos os tratados de medicina. Muitos houve que instintivamente correram os dedos pelo nariz na esperança de apalpar um comecinho da maravilha...

Maricota, ao recolher-se á cabina, escreveu á mãe:

"Tudo está mudando da maneira mais exquisita, mamãe! Encontrei a bordo um medico distintissimo, que ao dar com o meu nariz abriu a boca no maior

entusiasmo. Eu só queria que a senhora visse. Acha que é uma grande — uma grandissima coisa, a coisa mais rara do mundo, unica na America do Sul, imagine! Disse que vale um tesouro, que para ele foi o mesmo que ter encontrado um tal diamante Cullinan. Quer que eu vá para o Rio de Janeiro. Paga tudo. Como aleguei que somos muito pobres, prometeu que depois da operação me arranja um lugar de professora. Imagine, eu professora no Rio de Janeiro! Que ponta, hein? Estou que não caibo em mim. Professora no Rio!... Até a vergonha lá se foi. Passeio com o nariz bem á mostra, alto. E, coisa incrivel, mamãe, todos me olham com inveja! Inveja, sim — eu leio nos olhos de todos. Decore esta palavra: RINOFIMA. É o nome da doença. Ah, eu só queria ver a cara desses bobos de Santa Rita que tanto caçoavam de mim — quando souberem..."

Maricota mal conseguiu dormir essa noite. Grande mudança de ideias se operava em sua cabeça. Qualquer coisa a advertia de que era chegado o momento de uma grande tacada. Tinha de tirar vantagens da situação — e como ainda não dera resposta definitiva ao Dr. Cadaval, deliberou executar um plano.

No dia seguinte o medico abordou-a de novo.

— Então, dona Maricota, está resolvida, afinal?

A moça estava resolvidissima; mas, boa mulher que era, fingiu.

— Não sei ainda. Escrevi a mamãe... Ha a minha situação pessoal e a da minha gente. Para que eu vá ao Rio preciso ficar sossegada quanto a estes dois pontos. Tenho dois irmãos e quatro irmãs — e como é?

Ficar lá no Rio sem eles, impossivel. E como deixa-los sozinhos em Santa Rita, se sou o esteio da casa?

O Dr. Cadaval refletiu uns momentos. Depois disse:

— Os rapazes eu posso colocar facilmente. Já suas irmãs, não sei. Que idade têm elas?

— Alzira, a logo abaixo de mim, está com 25 anos. Muito boa criatura. Borda que é um primor. Bonitinha.

— Se tem essas prendas, poderemos coloca-la numa boa casa de modas. E as outras?

— Ha a Anita, com 22, mas essa só sabe ler e escrever versos. Sempre teve um jeito extraordinario para a poesia.

O Dr. Cadaval coçou a cabeça. Colocar uma poetiza não é nada facil — mas veria. Ha os empregos do governo, nos quais cabem até os poetas.

— Ha a Olga, com 20 anos, que só pensa em casar. Essa não quer outro emprego. Nasceu para o casamento — e lá em Santa Rita está secando porque não ha homens — todos emigram.

— Arranjaremos um bom casamento para a Olga, prometeu o medico.

— E ha a Odete, com 19 anos, que ainda não revelou disposição para coisa nenhuma. Boa criatura, mas muito criançola, bobinha.

— Vai ser outro casamento, sugeriu o medico. Arranja-se. Arranjaremos a vida de todos.

O Dr. Cadaval ia prometendo com aquela facilidade porque no intimo não tinha intenção de colocar tanta gente. Poderia, sim, arrumar a vida de Maricota — de-

pois de opera-la. Mas o resto da familia, que se fomentasse.

Assim não sucedeu, entretanto. As aperturas da vida tinham dado a Maricota um senso das realidades verdadeiramente totalitario. Percebendo que aquela oportunidade era a maior da sua vida, resolveu não deixa-la escapar. De modo que ao chegar ao Rio antes de entregar-se ao tratamento e exibir na Academia de medicina o seu caso unico, impôs condições. Alegou que sem a irmã Alzira não tinha jeito de ficar sozinha na capital — e o remedio foi a vinda de Alzira. Mal pilhou lá a irmã, insistiu em coloca-la — porque não tinha o menor proposito ficarem as duas nas costas do medico. "Assim, a Alzira acanha-se e volta".

Ansioso por dar inicio á exploração do rinofima, o medico pulou para arranjar a colocação da Alzira. E depois disso deu novos pulos para mandar vir e colocar a Anita. E depois da Anita chegou a vez da Olga. E depois da Olga chegou a vez da Odete. E depois da Odete chegou a vez de dona Teodora e dos dois rapazes.

O caso da Olga foi dificil. Casamento! Mas Cadaval teve uma ideia filha do desespero: intimou um seu ajudante no consultorio, português quarentão de nome Niceforo, a casar-se com a menina. Ultimatum da Moral.

— Ou casa-se ou vai para o olho da rua. Não quero mais saber de auxiliares solteirões.

Niceforo, tipo bastante pai-da-vida, coçou a cabeça mas casou-se — e foi o mais feliz dos Niceforos.

A familia já estava toda arrumada, quando Mari-

cota se lembrou de dois primos. O medico, porém, resistiu.

— Não. Isso tambem é demais. Se continua assim, a senhora acaba forçando-me a arranjar um bispado para o padre de Santa Rita. Não e não.

A vitoria do Dr. Cadaval foi verdadeiramente estrondosa. Encheram-se as revistas medicas e os jornais com a noticia da solene apresentação á Academia de Medicina do belissimo caso — unico na America do Sul — dum maravilhoso rinofima, o mais belo dos rinofimas. As publicações estrangeiras acompanharam as nacionais. O mundo cientifico de todos os continentes ficou sabendo de Maricota, do seu "rabanete" e do eminente Doutor Cadaval Lopeira — luminar da ciencia medica sul-americana.

Dona Teodora, felicissima, não cessava de comentar o estranho curso dos acontecimentos.

— Bem se diz que Deus escreve direito por linhas tortas. Quando havia eu de imaginar, ao nos surgir aquela horrivel coisa no nariz de minha filha, que era para o bem geral de todos!

Restava a parte ultima — a operação. Maricota, entretanto, ainda nas vesperas do dia marcado vacilava.

— Que acha, mamãe? Deixo ou não deixo que o doutor me opere?

Dona Teodora abriu a boca.

— Que ideia, menina! Claro que deixa. Pois ha de ficar toda vida assim com esse escandalo na cara?

Maricota não se decidia.

— Podemos demorar um pouco mais, mamãe. Tudo quanto nos veiu de bom saiu do rinofima. Quem sabe

se nos rende mais alguma coisa? Ha ainda o Zezinho a colocar — e o pobre do Quindó, que nunca achou emprego...

Mas dona Teodora, arquifarta do rabanete, ameaçou de leva-la de volta para Santa Rita, se ela teimasse na asneira de retardar, por um só dia, a operação. E Maricota foi operada. Perdeu o rinofima, ficando com um nariz igual ao de todas as outras, apenas levemente enrugadinho em consequencia dos enxertos de epiderme.

. . . . . .

Quem positivamente desapontou foi a gente maldosa do lugarejo. O maravilhoso romance de Maricota era comentado em todas as rodinhas com grandes exageros — até com o exagero de que ela estava noiva do Dr. Cadaval.

— Como a gente se engana neste mundo! filosofou o farmaceutico. Todos pensamos que aquilo fosse doença — mas o verdadeiro nome de tais rabanetes, sabem qual é?

— ?

— Sorte Grande, minha gente! Sorte Grande da Espanha...

1939

Dona Expedita

— ...

— Minha idade? Trinta e seis...

— Então, venha.

Sempre que dona Expedita se anunciava no jornal, dando um numero de telefone, aquele dialogo se repetia. Seduzidas pelos termos do anuncio, as donas de casa telefonavam-lhe para "tratar" — e vinha inevitavelmente a pergunta sobre a idade, com a tambem inevitavel resposta dos 36 anos. Isso desde antes da Grande Guerra. Veiu o 1914 — ela continuou nos 36. Veiu a batalha do Marne; veiu o armisticio — ela firme nos 36. Tratado de Versalhes — 36. Começos de Hitler e Mussolini — 36. Convenção de Munich — 36...

A futura guerra a reencontrará nos 36. O mais teimoso dos empaques! Dona Expedita já está "pendurada", escorada de todos os lados, mas não tem animo de abandonar a casa dos 36 anos — tão simpatica!

E como só tem 36 anos, veste-se á moda dessa idade, um pouco mais vistosamente do que a justa medida aconselha. Erro grande! Se á força de côres claras, ruges e batons, não mantivesse aos olhos do mundo os seus famosos 36, era provavel que désse a ideia duma bem aceitavel matrona de 60...

Dona Expedita é "tia". Amor só teve um lá pela juventude, do qual ás vezes, nos "momentos de primavera", ainda fala. Ah, que lindo moço! Um principe. Passou um dia a cavalo pela sua janela. Passou na tarde seguinte e ousou um cumprimento. Passou e repassou durante duas semanas — e foram duas semanas de cumprimentos e olhares de fogo. E só. Não passou mais — desapareceu da cidade para sempre.

O coração da gentil Expedita pulsou intensamente naqueles maravilhosos quinze dias — e nunca mais. Nunca mais namorou ou amou ninguem — por causa da casmurrice do pai.

Seu pai era um caturra de barbas á von Tirpitz, português irredutivel, desses que fogem de certos romances de Camilo e reentram na vida. Feroz contra o sentimentalismo. Não admitia namoros em casa, e nem que se pronunciasse a palavra casamento. Como vivesse setenta anos, forçou as duas unicas filhas a se estiolarem ao pé da sua catarreira cronica. "Filhas são para cuidar da casa e da gente".

Morreu, afinal e arruinado. As duas "tias" venderam a casa para pagamento das contas e tiveram de empregar-se. Sem educação tecnica, os unicos empregos antolhados foram os de criada grave, dama de companhia ou "tomadeira de conta" — graus levemente superiores á crua profissão normal de criada comum. O fato de serem de "boa familia" autorizava-as ao estacionamento nesse degrau um pouco acima do ultimo.

Um dia a mais velha morreu. Dona Expedita ficou só no mundo. Que fazer, se não viver? Foi vivendo e especializando-se em lidar com patroas. Por fim distraia-

se com isso. Mudar de emprego era mudar de ambiente — ver caras novas, coisas novas, tipos novos. Um cinema — o seu cinema! O ordenado, sempre mesquinho. O maior de que se lembrava fôra de 150 mil réis. Caiu depois para 120; depois para 100; depois para 80. Inexplicavelmente as patroas iam-lhe diminuindo a paga a despeito da sua permanencia na linda idade dos 36 anos...

Dona Expedita colecionava patroas. Teve-as de todos os tipos e naipes — das que obrigavam as criadas a comprar o açucar com que adoçam o café, ás que voltam para casa de manhã e nunca lançam os olhos sobre o caderno de compras. Se fosse escritora teria deixado o mais pitoresco dos livros. Bastava que fixasse metade do que viu e "padeceu". O capitulo das pequeninas decepções seria dos melhores — como aquele caso dos 400 mil réis...

Foi certa vez em que, saida de um emprego, andava em procura de outro. Nessas ocasiões costumava encostar-se á casa de uma familia que se dera com a sua, e lá ficava um mês ou dois até conseguir nova colocação. Pagava a hospedagem fazendo doces, no que era perita, sobretudo num certo bolo inglês que mudou de nome, passando a chamar-se o "bolo de dona Expedita". Nesses interregnos comprava todos os dias um jornal especializado em anuncios domesticos, no qual lia atentamente a seção do "Procura-se". Com a velha experiencia adquirida, adivinhava pela redação as condições reais do emprego.

— Porque "elas" publicam aqui uma coisa e querem

outra, comentava filosoficamente, batendo no jornal. Para esconder o leite, não ha como as patroas!

E ia lendo, de oculos na ponta do nariz: "Precisa-se duma senhora de meia idade para servicinhos leves".

— Hum! Quem lê isto pensa que é assim mesmo — mas não é. O tal servicinho leve não passa de isca — é a minhoca do anzol. A mim é que não me enganam, as biscas...

Lia todos os "procura-se", com um comentario para cada um, até que se detinha no que lhe cheirava melhor. "Precisa-se duma senhora de meia idade para serviços leves em casa de fino tratamento".

— Este, quem sabe? Se é casa de fino tratamento, pelo menos fartura ha de haver. Vou telefonar.

E vinha a telefonada do costume com a eterna declaração dos 36 anos.

O habito de lidar com patroas manhosas levou-a a lançar mão de varios recursos estrategicos; um deles: só "tratar" pelo telefone e não dar-se como ela mesma. "Estou falando em nome duma amiga que procura emprego." Desse modo tinha mais liberdade e jeito de sondar a "bisca".

— "Essa amiga é uma excelente criatura" — e vinham bem dosados elogios. "Só que não gosta de serviços pesados".

— "Que idade?

-- "Trinta e seis anos. Senhora de muito boa familia — mas por menos de 150 mil réis nunca se empregou.

— "É muito. Aqui o mais que pagamos é 110 — sendo boa.

— "Não sei se ela aceitará. Hei de ver. Mas qual é o serviço?

— "Leve. Cuidar da casa, fiscalizar a cozinha, espanar — arrumar...

— "Arrumar? Então é arrumadeira que a senhora quer?

E dona Expedita pendurava o fone, arrufada, murmurando: "Outro oficio!"

O caso dos 400 mil réis foi o seguinte. Ela andava sem emprego e a procura-lo na seção do "precisa-se". Subito, esbarrou com esta maravilha: "Precisa-se duma senhora de meia idade para fazer companhia a uma enferma; ordenado, 400 mil réis".

Dona Expedita esfregou os olhos. Leu outra vez. Não acreditou. Foi em busca duns oculos novos adquiridos na vespera. Sim. Lá estava escrito 400 mil réis!...

A possibilidade de apanhar um emprego unico no mundo fe-la pular. Correu a vestir-se, a pôr o chapeuzinho, a avivar as côres do rosto e vôou pelas ruas afora.

Foi dar com os costados numa rua humilde; nem rua era — numa "avenida". Defronte á casa indicada — casinha de porta e duas janelas — havia uma duzia de pretendentes.

— Será possivel? O jornal saiu agorinha e já tanta gente por aqui?

Notou que entre as postulantes predominavam senhoras bem vestidas, com o aspecto de "damas envergonhadas". Natural que assim fosse porque um emprego de 400 mil réis era positivamente um fenomeno. Nos seus... 36 anos de vida terrena jamais tivera noticia de

nenhum. Quatrocentos por mês! Que mina! Mas como um emprego assim em casa tão modesta? "Já sei. O emprego não é aqui. Aqui é onde se trata — casa do jardineiro, com certeza..."

Dona Expedita observou que as postulantes entravam de cara risonha e saiam de cabeça baixa. Evidentemente a decepção da recusa. E o seu coração batia de gosto ao ver que todas iam sendo recusadas. Quem sabe? Quem sabe se o destino marcara justamente a ela como a eleita?

Chegou por fim a sua vez. Entrou. Foi recebida por uma velha na cama. Dona Expedita nem precisou falar. A velha foi logo dizendo:

— "Houve erro no jornal. Mandei pôr 40 mil réis e puseram 400... Tinha graça eu pagar 400 a uma criada, eu que vivo á custa do meu filho, sargento da policia, que nem isso ganha por mês..."

Dona Expedita retirou-se com cara exatamente igual á das outras.

O peor da luta entre criados e patroas é que estas são compelidas a exigir o maximo, e as criadas, por natural defesa, querem o minimo. Nunca jamais haverá acordo, porque é choque de totalitarismo com democracia.

Um dia, entretanto, dona Expedita teve a maior das surpresas: encontrou uma patroa absolutamente identificada com suas ideias quanto ao "minimo ideal" — e, mais que isso, entusiasmada com esse minimalismo — a ajuda-la a minimizar o minimalismo!

Foi assim. Dona Expedita estava pela vigesima vez na tal familia amiga, á espera de nova colocação.

Lembrou-se de recorrer a uma agencia, para a qual telefonou. "Quero uma colocação assim, assim, de 200 mil réis, em casa de gente arranjada, fina e, se for possivel, em fazenda. Serviços leves, bom quarto, banho. Aparecendo qualquer coisa deste genero, peço que me telefone" — e deu o numero do aparelho e da casa.

Horas depois retinia a campainha do portão.

— É aqui que mora Madame Expedita? perguntou em lingua atrapalhada uma senhora alemã, cheia de corpo, de bom aspecto.

A criadinha que atendeu disse que sim, fê-la entrar para o hall de espera e foi correndo avisar dona Expedita. "Uma estrangeira gorda, querendo falar com *Madame*!"

— Que pressa, meu Deus! murmurou a solicitada, correndo ao espelho para os retoques. Nem tres horas faz que telefonei. Agencia boa, sim...

Dona Expedita apareceu no hall com um excessozinho de ruge nos beiços de mumia. Apareceu e conversou — e maravilhou-se, porque pela primeira vez na vida encontrava a patroa ideal. A mais sui-generis das patroas, de tão integrada no ponto de vista das "senhoras de meia idade que procuram serviços leves".

O dialogo travou-se num crescendo de animação.

— Muito boa tarde! disse a alemã com a maior cortesia. Então foi Madame quem telefonou para a agencia?

O "madame" causou especie a dona Expedita.

— É verdade. Telefonei e dei as condições. A senhora gostou?

— Muito, mas muito mesmo! Era exatamente o que eu queria. Perfeito. Mas vim ver pessoalmente, porque o costume é anunciarem uma coisa e a realidade ser outra.

A observação encantou dona Expedita, cujos olhos brilharam.

— A senhora parece que está pensando com a minha cabeça. É justamente isso o que se dá, vivo eu dizendo. As patroas escondem o leite. Anunciam uma coisa e querem outra. Anunciam serviços leves e botam em cima das pobres criadas a maior trabalheira que podem. Eu falei, eu insisti com a agencia: *servicinhos leves*...

— Isso mesmo! concordou a alemã, cada vez mais encantada. Serviços leves, bem leves, porque afinal de contas uma criada é gente — não é burro de carroça.

— Claro! Mulheres de certa idade não podem fazer serviços de mocinhas, como arrumar, lavar, cozinhar quando a cozinheira não vem. Otimo! Quanto á acomodação, falei á agencia em "bom quarto"...

— Exatamente! concordou a alemã. Bom quarto — com janelas. Nunca pude conformar-me com isso das patroas meterem as criadas em desvãos escuros, sem ar, como se fossem malas. E sem banheiro em que tomem banho.

Dona Expedita era toda risos e sorrisos. A coisa lhe estava saindo maravilhosa.

— E banho quente! acrescentou com entusiasmo.

— Quentissimo! berrou a alemã batendo palmas. Isso para mim é ponto capital. Como pode haver asseio numa casa onde nem banheiro ha para as criadas?

— Ah, minha senhora, se todas as patroas pensassem assim! exclamou dona Expedita erguendo os olhos para o ceu. Que felicidade não seria o mundo! Mas no geral as patroas são más — e iludem as pobres criadas, para agarra-las e explora-las.

— Isso mesmo! apoiou a alemã. A senhora está falando como um livro de sabedoria. Para cada cem patroas haverá cinco ou seis que tenham coração — que compreendam as coisas...

— Se houver! duvidou dona Expedita.

O entendimento das duas era perfeito: uma parecia o "double" da outra. Debateram o ponto dos "serviços leves" com tal mutua compreensão que os serviços ficaram levissimos, quasi-nulos — e dona Expedita viu erguer-se diante de si o grande sonho de sua vida: um emprego em que não fizesse nada, absolutamente nada...

— Quanto ao ordenado, disse ela (que sempre pedia 200 para deixar por 80), fixei-o em 200...

Avançou isso medrosamente e ficou á espera da inevitavel repulsa. Mas a repulsa do costume pela primeira vez não veiu. Bem ao contrario disso, a alemã concordou com entusiasmo.

— Perfeitamente! Duzentos por mês — e pagos no ultimo dia de cada mês.

— Isso! berrou dona Expedita levantando-se da cadeira. Ou no comecinho. Essa historia de pagamento em dia incerto nunca foi comigo. Dinheiro de ordenado é sagrado.

— Sacratissimo! urrou a alemã levantando-se tambem.

— Otimo, exclamou dona Expedita. Está tudo como eu queria.

— Sim, otimo, repetiu a alemã. Mas a senhora tambem falou em fazenda...

— Ah, sim, fazenda. Uma fazenda boa, com bastante frutas, bastante leite, bastante ovos — e bonita, porque ha fazendas muito feias.

O quadro da fazenda bonita, toda frutas, leite e ovos, extasiou a alemã. Que maravilha...

Dona Expedita continuou:

— Gosto muito de lidar com pintinhos.

— Pintos! Ah, é o maior dos encantos! Adoro os pintos — as ninhadas... O nosso entendimento vai ser absoluto, Madame...

O extase de ambas sobre a vida de fazenda foi subindo numa vertigem. Tudo quanto havia de sonhos incubados naquelas almas refloriu viçoso. Infelizmente a alemã teve a ideia de perguntar:

— E onde fica a *sua* fazenda, Madame?

— A *minha* fazenda? repetiu dona Expedita refranzindo a testa.

— Sim, a sua fazenda — a fazenda para onde Madame quer que eu vá...

— Fazenda para onde eu quero que a senhora vá? tornou a repetir dona Expedita, sem entender coisa nenhuma. Fazenda, eu? Pois se eu tivesse fazenda lá andava a procurar emprego?

Foi a vez da alemã arregalar os olhos, atrapalhadissima. Tambem não estava entendendo coisa nenhuma. Ficou uns instantes no ar. Por fim:

— Pois Madame não telefonou para a agencia dizendo que tinha um emprego assim, assim, na *sua* fazenda?

— *Minha* fazenda uma ova! Nunca tive fazenda. Telefonei *procurando* emprego, se possivel numa fazenda, isso sim...

— Então, então, então... e a alemã enrubesceu como uma papoula.

— Pois é, disse dona Expedita percebendo afinal o qui-pro-quó. Estamos aqui feito duas idiotas, cada qual querendo emprego e pensando que a outra é a patroa...

O comico da situação fe-las rirem-se — e gostosamente, já retornadas á posição de "senhoras de meia idade que procuram serviços leves".

— Esta foi muito boa! murmurou a alemã levantando-se para sair. Nunca me aconteceu coisa assim. Que agencia, hein?

Dona Expedita filosofou.

— Eu bem que estava desconfiada. A esmola era demais. A senhora ia concordando com tudo que eu dizia — até com os banhos quentes! Ora, isso nunca foi linguagem de patroa — dessas biscas. A agencia errou, talvez por causa do telefone, que estava danado hoje — além do que sou meio dura dos ouvidos...

Nada mais havia a dizer. Despediram-se. Depois que a alemã bateu o portão, dona Expedita fechou a porta, com um suspiro arrancado do fundo das tripas.

— Que pena, meu Deus! Que pena não existirem no mundo patroas que pensem como as criadas...

1939

Herdeiro de si mesmo

O povo de Dois Rios não cessava de comentar a inconcebivel "sorte" do coronel Lupercio Moura, o grande milionario local. Um homem que saira do nada. Que começara modesto menino de escritorio dos que mal ganham para os sapatos, mas cuja vida, dura até aos 36 anos, fôra daí por diante a mais espantosa subida pela escada do Dinheiro, a ponto de aos 60 ver-se montado numa hipopotamica fortuna de 60 mil contos de réis.

Não houve o que Lupercio não conseguisse da Sorte — até o posto de Coronel, apesar de já extinta a pitoresca instituição dos coroneis. A nossa velha Guarda Nacional era uma milicia meramente decorativa, com os galões de capitão, major e coronel reservados para coroamento das vidas felizes em negocios. Em todas as cidades havia sempre um coronel: o homem de mais posses. Quando Lupercio chegou aos 20 mil contos, a gente de Dois Rios sentiu-se acanhada de trata-lo apenas de "senhor Lupercio". Era pouquissimo. Era absurdo que um detentor de tanto dinheiro ainda se conservasse "soldado raso" — e por consenso unanime promoveram-no, com muita justiça, a coronel, o posto mais alto da extinta milicia.

Criaturas ha que nascem com misteriosa aptidão para monopolizar dinheiro. Lembram imãs humanos.

Atraem a moeda com a mesma inexplicavel força com que o imã atrai a limalha. Lupercio tornara-se imã. O dinheiro procurava-o de todos os lados, e uma vez aderido não o largava mais. Toda gente faz negocios em que ora ganha, ora perde. Ficam ricos os que ganham mais do que perdem e empobrecem os que perdem mais do que ganham. Mas caso de homens de mil negocios sem uma só falha, existia no mundo apenas um — o do coronel Lupercio.

Até aos 36 anos ganhou dinheiro de modo normal, e conservou-o á força da mais acirrada economia. Juntou um peculio de 45:500$000 como o juntam todos os forretas. Foi por essas alturas que sua vida mudou. A Sorte "encostou-se" nele, dizia o povo. Houve aquela tacada inicial de Santos e a partir daí todos os seus negocios foram tacadas prodigiosas. Evidentemente, uma Força Misteriosa passara a protege-lo.

Que tacada inicial fôra essa? Vale a pena recorda-lo.

Certo dia, inopinadamente, Lupercio apareceu com a ideia, absurda para o seu carater, de uma estação de veraneio em Santos. Todo mundo se espantou. Pensar em veraneio, em flanar, botar dinheiro fora, aquela criatura que nem sequer fumava para economia dos niqueis que custam os maços de cigarros? E quando o interpelaram, deu uma resposta exquisita:

— Não sei. Uma coisa me empurra para lá...

Lupercio foi para Santos. Arrastado, sim, mas foi. E lá se hospedou no hotelzinho mais barato, sempre atento a uma só coisa: o saldo que ficaria dos 500 mil réis que destinara á "maluquice". Nem banhos de mar tomou, apesar da grande vontade, para economia

dos 20 mil réis da roupa de banho. Contentava-se com ver o mar.

Que enlevo d'alma lhe vinha da imensidão liquida, eternamente a aflar em ondas e a refletir os tons do ceu! Lupercio extasiava-se diante de tamanha beleza.

— Quanto sal! Quantos milhões de milhões de toneladas de sal! dizia lá consigo — e seus olhos em extase ficavam a ver pilhas imensas de sacas de sal amontoadas por toda a extensão das praias.

Tambem gostava de assistir á puxada das redes dos pescadores, enlevando-se no calculo do valor da massa de peixes recolhida. Seu cerebro era a mais perfeita maquina de calcular que o mundo ainda produzira.

Num desses passeios afastou-se mais que de costume e foi ter á Praia Grande. Um enorme trambolho ferrugento semi-enterrado na areia chamou-lhe a atenção.

— Que é aquilo? indagou dum passante.

Soube tratar-se dum cargueiro inglês que vinte anos antes déra á costa naquele ponto. Uma tempestade arremessara-o á praia onde encalhara e ficara a afundar-se lentissimamente. No começo o grande casco aparecia quasi todo de fóra — "mas ainda acaba engulido pela areia", concluiu o informante.

Certas criaturas nunca sabem o que fazem nem o que são, nem o que as leva a isto e não áquilo. Lupercio era assim. Ou andava assim agora, depois do "encostamento" da Força. Essa Força o puxava ás vezes como o cabreiro puxa para a feira um cabrito — arrastando-o. Lupercio veiu para Santos arrastado. Chegara até áquele casco arrastado — e era a contragosto

que permanecia diante dele, porque o sol estava terrivel e Lupercio detestava o calor. Travava-se dentro dele uma luta. A Força obrigava-o a atentar no casco, a calcular o volume daquela massa de ferro, o numero de quilos, o valor do metal, o custo do desmantelamento — mas Lupercio resistia. Queria sombra, queria escapar ao calor terrivel. Por fim venceu. Não calculou coisa nenhuma — e fez-se de volta para o hotelzinho com cara de quem brigou com a namorada — evidentemente amuado.

Nessa noite todos os seus sonhos giraram em torno do casco velho. A Força insistia para que ele calculasse a ferralha, mas mesmo em sonhos Lupercio resistia, alegava o calor reinante — e os pernilongos. Oh, como havia pernilongos em Santos! Como calcular qualquer coisa com o termometro perto de 40 graus e aquela infernal musica anofelica? Lupercio amanheceu de mau humor, amuado. Amuado com a Força.

Foi quando ocorreu o caso mais inexplicavel de sua vida: o casual encontro de um corretor de negocios que o seduziu de maneira estranha. Começaram a conversar bobagens e gostaram-se. Almoçaram juntos. Encontraram-se de novo á tarde para o jantar. Jantaram juntos e depois... a farrinha!

A principio a ideia da farra tinha assustado Lupercio. Significava desperdicio de dinheiro — um absurdo. Mas como o homem lhe pagara o almoço e o jantar, era bem possivel que tambem custeasse a farrinha. Essa hipotese fez que Lupercio não repelisse de pronto o convite, e o corretor, como se lhe adivinhasse o pensamento, acudiu logo:

— Não pense em despesas. Estou cheio de "massa". Com o negocião que fiz ontem, posso torrar um conto sem que meu bolso dê por isso.

A farra acabou diante de uma garrafa de whiskey, bebida cara que só naquele momento Lupercio veiu a conhecer. Uma, duas, tres doses. Qualquer coisa levitante começou a desabrochar dentro dele. Riu-se á larga. Contou casos comicos. Referiu cem fatos de sua vida e depois, oh, oh, oh, falou em dinheiro e confessou quantos contos possuia no banco!

— Pois é! Quarenta e cinco contos — ali na batata!

O corretor passou o lenço pela testa suada. Uf! Até que enfim descobrira o peso metalico daquele homem. A confissão dos 45 contos era algo absolutamente aberrante na psicologia de Lupercio. Artes do whiskey, porque em estado normal ninguem nunca lhe arrancaria semelhante confissão. Um dos seus principios instintivos era não deixar que ninguem lhe conhecesse "ao certo" o valor monetario. Habilmente despistava os curiosos, dando a uns a impressão de possuir mais, e a outros a de possuir menos, do que realmente possuia. Mas "in whiskey veritas", diz o latim — e ele estava com quatro boas doses no sangue.

O que se passou dalí até a madrugada Lupercio nunca o soube com clareza. Vagamente se lembrava de um estranhissimo negocio em que entravam o velho casco do cargueiro inglês e uma companhia de seguros maritimos.

Ao despertar no dia seguinte, ao meio-dia, numa ressaca horrorosa, tentou reconstruir o embrulho da ves-

pera. A principio, nada; tudo confusão. De repente, empalideceu. Sua memoria começava a abrir-se.

— Será possivel?

Fôra possivel, sim. O corretor havia "roubado" os seus 45 contos! Como? Vendendo-lhe o ferro velho. Esse corretor era agente da companhia que pagara o seguro do cargueiro naufragado e ficara dona do casco. Havia muitos anos que recebera a incumbencia de apurar qualquer coisa daquilo — mas nunca obtivera nada, nem 5, nem 3, nem 2 contos — e agora o vendera áquele imbecil por 45!

A entrada triunfal do corretor no escritorio da companhia, vibrando no ar o cheque! Os abraços, os parabens dos companheiros tomados de inveja...

O diretor da sucursal fe-lo vir ao escritorio.

— Quero que receba o meu abraço, disse-lhe. A sua façanha vem pô-lo no primeiro lugar entre os nossos agentes. O senhor acaba de tornar-se a grande estrela da Companhia.

Enquanto isso, lá no hotelzinho, Lupercio amarfanhava o travesseiro desesperadamente. Pensou na policia. Pensou em contratar o melhor advogado de Santos. Pensou em dar tiro — um tiro na barriga do infame ladrão; na barriga, sim, por causa da peritonite. Mas nada pôde fazer. A Força lá dentro o inibia. Impedia-o de agir neste ou naquele sentido. Forçava-o a esperar.

— Mas esperar que coisa?

Ele não sabia, não compreendia, mas sentia aquela impulsação tremenda que o forçava a esperar. Por fim, exhausto da luta, ficou de corpo largado — vencido.

Sim, esperaria. Não faria nada — nem policia, nem advogado, nem peritonite, apesar de ser um caso de escroquerie pura, desses que a lei pune.

E como não tivesse animo de regressar a Dois Rios, deixou-se ficar em Santos num empreguinho dos mais modestos — esperando, esperando... não sabia o que.

Não esperou muito. Dois meses depois rebentava a Grande Guerra, e a tremenda alta dos metais não demorou a sobrevir. No ano seguinte Lupercio revendeu o casco do "Sparrow" por 320 contos de réis. A noticia encheu Santos — e o corretor-estrela foi tocado da companhia de seguros quasi a pontapés. O mesmo diretor que o promovera ao "estrelato", despediu-o com palavras ferozes:

— Imbecil! Esteve anos e anos com o "Sparrow" e vai vende-lo por uma ninharia justamente nas vesperas da valorização. Rua! Faça-me o favor de nunca mais me pôr os pés aqui, seu coisa!

Lupercio voltou para Dois Rios com os 320 contos no bolso e perfeitamente reconciliado com a Força. Daí por diante nunca mais houve amuos, nem hiatos na sua ascenção ao milionarismo. Lupercio dava ideia do demonio. Enxergava no mais escuro de todos os negocios. Adivinhava. Recusava muitos que todos consideravam da China, para realizar outros que todos refugavam — e o que inevitavelmente sucedia era o fracasso desses negocios da China e a vitoria dos de todos refugados.

No jogo dos marcos alemães o mundo inteiro perdeu — menos Lupercio. Um belo dia deliberou "embarcar nos marcos", contra o conselho de todos os pru-

dentes locais. A moeda alemã estava a 50 réis. Lupercio comprou milhões e mais milhões, empatou nela todas as suas disponibilidades. E com espanto geral o marco principiou a subir. Foi a 60, a 70, a 100 réis. O entusiasmo pelo negocio tornou-se imenso. Iria a 200 a 300 réis, diziam todos — e não houve quem não se atirasse á compra daquilo.

Quando a cotação chegou a 110 réis, Lupercio foi á capital consultar um banqueiro das suas relações, verdadeiro oraculo em finanças internacionais — o "infalivel", como diziam nas rodas bancarias.

— Não venda, foi o conselho do homem. A moeda alemã está firmissima, vai a 200, pode chegar mesmo a 300 — e só então será o momento de vender.

As razões que o banqueiro deu para demonstrar matematicamente o asserto eram de perfeita solidez; eram a propria evidencia materializada em raciocinio.

Lupercio ficou absolutamente convencido daquela matematica — mas arrastado pela Força encaminhou-se para o banco onde tinha os seus marcos — arrastado como o cabritinho que o cabreiro conduz á feira — e lá, em voz sumida, submisso, envergonhado, deu ordens para a venda imediata dos seus milhões.

— Mas, coronel, objetou o empregado a quem se dirigiu, não acha que é erro vender agora que a alta está numa vertigem? Todos os prognosticos são unanimes em garantir que teremos o marco a 200, a 300, e isso antes de um mês...

— Acho, sim, que é isso mesmo, respondeu Lupercio, como que agarrado pela garganta. Mas quero, sou "forçado" a vender. Venda já, já, hoje mesmo.

— Olhe, olhe... disse ainda o empregado. Não se precipite. Deixe essa resolução para amanhã. Durma sobre o caso.

A Força quasi estrangulou Lupercio, que com os ultimos restos de voz apenas pôde dizer:

— É verdade, tem razão — mas venda, e hoje mesmo...

No dia seguinte começou a degringolada final dos marcos alemães, na descida vestiginosa que os levou ao zero absoluto.

Lupercio, comprador a 50 réis, vendera-os pelo maximo da cotação alcançada — e justamente na vespera da debacle! O seu lucro foi de milhares de contos.

. . . . . .

Os contos de Lupercio foram vindo aos milhares, mas tambem lhe vieram vindo os anos, até que um dia se convenceu de estar velho e inevitavelmente proximo do fim. Dores aqui e ali — doencinhas insistentes, cronicas. Seu organismo evidentemente decaia á proporção que a fortuna aumentava. Ao completar os 60 anos Lupercio tomou-se de uma sensação nova, de pavor — o pavor de ter de largar a maravilhosa fortuna reunida. Tão integrado estava no dinheiro, que a ideia de separar-se dos milhões lhe parecia uma aberração da natureza. Morrer! Teria então de morrer, ele que era diferente dos outros homens? ele que viera ao mundo com a missão de chamar a si quanto dinheiro houvesse? ele que era o imã atrator da limalha?

O que foi a sua luta com a ideia da inevitabilidade da morte não cabe em descrição nenhuma. Exigiria vo-

lumes. Sua vida ensombreceu. Os dias iam se passando e o problema se tornava cada vez mais angustioso. A morte é um fato universal. Até áquela data não lhe constava que ninguem houvesse deixado de morrer. Ele, portanto, morreria tambem — era o inevitavel. O mais que poderia fazer era prolongar a vida até os 70, até 80. Poderia mesmo chegar a quasi 100, como o Rockefeller — mas ao cabo teria de ir-se, e então? Quem ficaria com os 200 ou 300 mil contos que deveria ter por essa epoca?

Aquela historia de herdeiros era o absurdo dos absurdos para um celibatario de sua marca. Se a fortuna era dele, só dele, como deixa-la a quem quer que fosse? Não. Tinha de descobrir um jeito de não morrer, ou... Lupercio interrompeu-se no meio do raciocinio, tomado de subita ideia. Uma ideia tremenda, que por minutos o deixou de cerebro paralizado. Depois sorriu.

— Sim, sim... Quem sabe? e seu rosto iluminou-se de uma luz nova. As grandes ideias emitem luz...

Desde esse momento Lupercio revelou-se outro, com preocupações que nunca tivera antes. Não houve em Dois Rios quem o não notasse.

— O homem mudou completamente, diziam. Está se espiritualizando. Compreendeu que a morte vem mesmo e começa a arrepender-se da sua feroz materialidade.

Lupercio fez-se espiritualista. Comprou livros, leu-os, meditou-os. Passou a frequentar o Centro Espirita local e a ouvir com a maior atenção as vozes do Além, transmitidas pelo Chico Vira, o famoso medium da zona.

— Quem havia de dizer! era o comentario geral. Esse usurario que passou a vida inteira só pensando em dinheiro e nunca foi capaz de dar um tostão de esmola, está virando santo. E vão ver que faz como o Rockefeller: deixa toda a fortuna para o Asilo de Mendigos...

Lupercio, que nunca lera coisa nenhuma, estava agora se tornando um sabio, a avaliar pelo numero de livros que adquiria. Entrou a estudar a fundo. Sua casa fez-se centro de reuniões de quanto medium aparecia por lá — e muitos de fóra vieram a Dois Rios a convite seu. Generosamente hospedava-os, pagava-lhes a conta do hotel — coisa inteiramente aberrante dos seus principios financeiros. O assombro da população não tinha limites.

Mas o dr. Dunga, diretor do Centro Espirita, começou a estranhar uma coisa: o interesse do coronel Lupercio pela metapsiquica centrava-se num só ponto — a reencarnação. Só isso o preocupava realmente. Pelo resto passava como gato por brasas.

— Escute, irmão, disse ele um dia ao dr. Dunga. Ha na teoria da reencarnação um ponto para mim obscuro e que no entanto me apaixona. Por mais autores que eu leia, não consigo firmar as ideias.

— Que ponto é esse? indagou o dr. Dunga.

— Vou dizer. Já não tenho duvidas sobre a reencarnação. Estou plenamente convencido de que a alma, depois da morte do corpo, volta — reencarna-se em outro ser. Mas em quem?

— Como em quem?

— Em quem, sim. Meu ponto é saber se a alma

do desencarnado pode escolher o corpo em que vai novamente encarnar-se.

— Está claro que escolhe.

— Até aí vou eu. Sei que escolhe. Mas "quando" escolhe?

O dr. Dunga não percebia o alcance da pergunta.

— Escolhe quando chega o momento de escolher, respondeu.

A resposta não contentou o coronel. O momento de escolher! Bolas! Mas que momento é esse?

— Meu ponto é o seguinte: saber se a alma de um vivo pode antecipadamente escolher a criatura em que vai futuramente encarnar-se.

O dr. Dunga estava tonto. Fez cara de não entender nada.

— Sim, continuou Lupercio. Quero saber, por exemplo, se a alma de um vivo pode antes de morrer marcar a mulher que vai ter um filho em quem essa alma se encarne.

A perplexidade do dr. Dunga recrescia.

— Meu caro, disse por fim Lupercio, estou disposto a pagar até cem contos por uma informação segura — segurissima. Quero saber se a alma de um vivo pode antes de desencarnar-se escolher o corpo da sua futura reencarnação.

— Antes de morrer?

— Sim...

— Em vida ainda?

— Está claro...

O dr. Dunga quedou-se pensativo. Estava ali uma hipotese em que jamais refletira e sobre que nada lêra.

— Não sei, coronel. Só vendo, só consultando os autores — e as autoridades. Nós aqui somos bem pouco neste assunto, mas ha mestres na Europa e nos Estados Unidos. Podemos consulta-los.

— Pois faça-me o favor. Não olhe as despesas. Darei cem contos, e até mais, em troca de uma informação segura.

— Sei. Quer saber se ainda em vida do corpo podemos escolher a criatura em que vamos reencarnar-nos...

— Exatamente.

— E por que isso?

— Maluquices de velho. Como ando a estudar as teorias da reencarnação, logico que me interesse pelos pontos obscuros. Os pontos claros esses já os conheço. Não acha natural a minha atitude?

O dr. Dunga teve de achar naturalissima aquela atitude.

Enquanto as cartas de consulta cruzavam o oceano, endereçadas ás mais famosas sociedades psiquicas do mundo, o estado de saúde do coronel Lupercio agravou-se — e concomitantemente se agravou a sua pressa pela solução do problema. Chegou a autorizar pedido de resposta pelo telegrafo — custasse o que custasse.

Certo dia o dr. Dunga, tomado de vaga desconfiança, foi procura-lo em casa. Encontrou-o mal, respirando com esforço.

— Nada ainda, coronel. Mas a minha visita tem outro fim. Quero que o amigo fale claro, abra esse coração. Quero que me explique a verdadeira causa do seu interesse pela consulta. Francamente, não acho

natural isso. Sinto, percebo, que o coronel tem uma ideia secreta na cabeça...

Lupercio olhou-o de revés, desconfiado. Mas resistiu. Alegou que era apenas curiosidade. Como nos seus estudos sobre a reencarnação nada vira sobre aquele ponto, viera-lhe a lembrança de esclarece-lo. Só isso...

O dr. Dunga não se satisfez. Insistiu:

— Não, coronel, não é isso, não. Eu sinto, eu vejo, que o senhor tem uma ideia oculta na cabeça. Seja franco. Bem sabe que sou seu amigo.

Lupercio resistiu ainda por algum tempo. Por fim confessou, com relutancia.

— É que estou no fim, meu caro — e tenho de fazer o testamento...

Não disse mais, nem foi preciso. Um clarão iluminou o espirito do dr. Dunga. O coronel Lupercio, a mais pura encarnação humana do dinheiro, não admitia a ideia de morrer e deixar a fortuna aos parentes. Não se conformando com a hipotese de separar-se dos 60 mil contos, pensava em fazer-se o herdeiro de si mesmo em outra reencarnação... Seria isso?

Dunga olhou-o firmemente, sem dizer palavra. Lupercio leu-lhe o pensamento nos olhos inquisidores. Corou — pela primeira vez na vida. E, baixando a cabeça, abriu o coração.

— Sim, Dunga, é isso. Quero que vocês me descubram a mulher em que vou nascer de novo — para faze-la em meu testamento, a depositaria de minha fortuna...

1939

Êste livro foi composto e impresso na
GRÁFICA URUPÊS LTDA.
Rua Spartaco, 215
São Paulo
1956

FEBRINHO
FABULAS
VIAGEM AO CÉU
MR. SLANG E O BRASIL
A BARCA DE GLEYRE
MISCELA
NEGRI
TA
AO CÉU
O PRESIDENTE NEGRO
FERRO
A VITAL
A BARCA DE GLEYRE
AMERICA
URUPÊS
O POÇO DO VISCONDE
STADEN
CIDADES MORTAS
A REFORMA DA
A ONDA VERDE
URUPÊS
MUNDO DA LUA
HISTORIAS DE TIA NASTACIA
IDEIAS DE JÉCA TATÚ
PREFACIOS E ENTREVISTAS
HANS STADEN
U AMARELO
LANEA
STAS
MA DA NATUREZA
FERRO
REINAÇOES DE NAR
IDEIAS DE JÉCA T
S MORTAS
O POÇO DO VISCONDE
MR. SLANG E O
ESPERA
A BARCA DE G
ES
CIDADES
FABULAS
MR. SLANG E O BRAS
CIDADES MORTAS
NEGRINHA
REINAÇÕES DE NARIZINHO
PROBLEMA VITAL
ES MORTAS
A BARCA DE GLEYRE
MISCELANEA
PETER PAN
PREFACIOS
INOTAURO
S
ERICA
MUNDO DA LUA
O ESCANDALO DO PETROLEO
O PICAPAU AMARELO
URUPÊS
O MINO
URUPÊS
PETER PAN
VIAGEM AO CÉU
OS DOZE TRABALHOS DE
O CÉU
IDEIAS DE JÉCA TATÚ
PREFACIOS E ENTREVISTAS
AMERICA
HANS S
O MINOTAURO
REINAÇÕES DE NARIZINHO
PROBLEMA VITAL
NÇAS
EO
ARITMETICA DA EMILIA
MINOTAURO
O PRESI
O ESCANDALO DO PETRO

Rogério Castelo

25/08/2016